

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – FÁBRICA SANTA AMÉLIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA
CURSO DE TURISMO

SUNSHINE CRISTINA DE CASTRO REIS SANTOS

DESCOLONIZE-SE

São Luís

2022

SUNSHINE CRISTINA DE CASTRO REIS SANTOS

DESCOLONIZE-SE

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Coordenação do Curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria da Graça Reis Cardoso

São Luís

2022

SUNSHIINE CRISTINA DE CASTRO REIS SANTOS

DESCOLONIZE-SE

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Turismo da Universidade Federal do
Maranhão, para obtenção do grau de
Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Maria das Graças
Reis Cardoso

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Ms. Maria da Graça Reis Cardoso (Orientadora)

Mestra em Educação (UFMA)

Universidade Federal do Maranhão

1º Examinador

2º Examinador

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Castro Reis Santos, Sunshine Cristina. Descolonize-se / Sunshine Cristina de Castro Reis Santos. - 2022. 198 f.

Orientador(a): Maria da Graça Reis Cardoso.
Curso de Turismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Arte. 2. Cultura. 3. Decolonização. 4. Turismo.
I. Reis Cardoso, Maria da Graça. II. Título.

À todas mulheres negras...
Do ontem – do hoje – e do amanhã.

AGRADECIMENTOS

Grata à ancestralidade, as vozes mulheres que forjaram meu ori.

Grata as contemporâneas que firmaram os meus passos.

Grata à posteridade que movem o meu (r)existir.

Grata aos deuses humanos que iluminaram minha jornada.

Grata ao eu coletivo que ecoará em cada linha escrita.

Grata a vós que sabeis quem sóis...

“Um povo não descarta seus gênios”

“E se vier a descartá-los, é nosso dever, como artista, acadêmicas e pessoas que dão testemunho ao futuro, recuperá-los para bens dos nossos filhos e filhas... osso por osso, se for preciso”.

Alice Walter

LISTA FOTOGRÁFICA

Fotografia 1: Progressão de imagens que compõem a exposição	29
Fotografia 2: Progressão fotográfica 01	30
Fotografia 3: Progressão fotográfica 02	30
Fotografia 4: Progressão fotográfica 03	31
Fotografia 5: Progressão fotográfica 04	31
Fotografia 6: Progressão fotográfica 05	32
Fotografia 7: Progressão fotográfica 06	32
Fotografia 8: Progressão fotográfica 07	33
Fotografia 9: Progressão fotográfica 08	33
Fotografia 10: Imagem de Abertura	35
Fotografia 11: Primeira sala	36
Fotografia 12: Segunda Sala	36
Fotografia 13: Tecidos	37
Fotografia 14: Cubo Branco	38
Fotografia 15: Suportes de ferro	39
Fotografia 16: Labirinto	39
Fotografia 17: Cortina	40
Fotografia 18: Quadro com perguntas	42
Fotografia 19: Caminho	43
Fotografia 20: Espelho	44
Fotografia 21: Quadro interativo	45
Fotografia 22: Máscara	46
Fotografia 23: Caderno	47
Fotografia 24: Texto	52
Fotografia 25: Roda de conversa: Interartes e decolonidade	58
Fotografia 26: Ação educacional 01	60
Fotografia 27: Ação educacional 02	63
Fotografia 28: Alunos do IEMA	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cronograma do Evento	70
Tabela 2: Orçamento.....	71
Tabela 3: Composição da Equipe Técnica	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Etnia	75
Gráfico 2: Gênero	75
Gráfico 3: Faixa Etária	76
Gráfico 4: Escolaridade.....	77
Gráfico 5: Naturalidade.....	77
Gráfico 6: Ocupação	78
Gráfico 7: Visitação em Exposições Semelhantes.....	78
Gráfico 8: Nível de importância de Ações Artísticas Antirracistas.....	79
Gráfico 9: Novos Conhecimentos.....	79
Gráfico 10: Relevância para Contranarrativas	80
Gráfico 11: Sensações.....	81
Gráfico 12: Danos causados a População Negra	81
Gráfico 13: Contribuição para Modificações dos Padrões Socioculturais.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CATUR – Centro Acadêmico de Turismo
COTUR – Coordenação de Turismo
DETUH – Departamento de Turismo e Hotelaria
EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo
ECA – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
FAPEMA – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão
GEPAC – Grupo de Pesquisa de Patrimônio Cultural
GPMIMA – Grupo de Estudos em Religião e Cultura Popular
GPQE – Grupo de Estudos e pesquisa em Planejamento e Qualidade da Educação
IFMA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
IEMA – Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
NEAFRICA – Núcleo de Estudos Africanos e Sul Global
MA – Maranhão
MBA – Master in Business Administration.
MTUR – Ministério do Turismo
NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
PUC – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PT – Partido dos Trabalhadores
SESC – Serviço Social do Comércio Departamento Regional
SEMED – Secretária Municipal de Educação de São Luís
UEMA – Universidade Estadual do Maranhão
UFMA – Universidade Federal do Maranhão
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIP – Universidade Paulista
UNMP – União Nacional por Moradia Popular
USP – Universidade de São Paulo

RESUMO

A proposta principal deste trabalho foi a realização de um projeto turístico, no formato de evento cultural, executado na tipologia de exposição fotográfica, tendo como objetivo principal refletir sobre a importância da decolonização para desenvolvimento do turismo étnico em um estado majoritariamente negro. A exposição com título “Descolonize-se”, inspirada na obra *Pele negra máscaras brancas* de Frantz Fanon e tendo como base teórica o pensamento da Grada Kimloba, reflete sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico. A exposição teve a pretensão de fomentar a decolonialização epistêmica, assim como desenvolvimento de pesquisas futuras, visto que se trata de uma pesquisa transversal perpassado por sapiência e métodos de várias áreas do conhecimento, como Antropologia, Sociologia, História, Arte, dentre outras. A metodologia utilizada para construção desse projeto fundamenta-se em uma pesquisa multidisciplinar, a junção da vivência e reflexões teóricas, um exercício de *práxis*, processos que resultam em arte. Apresenta-se neste relatório as informações que conduzem a realização da exposição fotográfica “Descolonize-se” que ocorreu entre 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021 na Galeria de Arte do Sesc MA – Serviço Social do Comércio Departamento Regional no Maranhão localizada na Avenida Gomes de Castro, no Centro de São Luís, com a visitação realizada por agendamento prévio e gratuito, assim como as ações educacionais realizadas em caráter presencial e virtual. Os resultados obtidos constataram a importância de ações culturais para modificação de padrões socioculturais, e a disseminação de novas ecologias do saber, demonstrando a relevância do projeto, tal como a necessidade de continuar o aprofundamento dos estudos acerca da decolonização.

Palavras-chave: Decolonização. Turismo. Fotografia. Arte. Cultura.

ABSTRACT

The main purpose of this work was to carry out a tourist project, in the form of a cultural event, executed in the typology of photographic exhibition, with the main objective of reflecting on the importance of decolonization for the development of ethnic tourism in a mostly black state. The exhibition entitled “Decolonize Yourself”, inspired by the work Black skin white masks by Frantz Fanon and having as theoretical basis the thinking of Grada Kimlobo, reflects on the process of whitening and its reconfigurations of erasure of the black population, be it aesthetic, academic or artistic. The exhibition was intended to promote epistemic decolonialization, as well as the development of future research, since it is a transversal research permeated by wisdom and methods from various areas of knowledge, such as Anthropology, Sociology, History, Art, among others. The methodology used to build this project is based on a multidisciplinary research, the combination of experience and theoretical reflections, an exercise in praxis, processes that result in art. This report presents the information that leads to the realization of the photographic exhibition "Decolonize-se" that took place between October 01 to December 03, 2021 at the Art Gallery of Sesc MA - Social Service of Commerce Regional Department in Maranhão located at Avenida Gomes de Castro, in the Center of São Luís, with visits carried out by prior appointment and free of charge, as well as educational actions carried out in person and virtual. The results obtained confirmed the importance of cultural actions to modify sociocultural patterns, and the dissemination of new ecologies of knowledge, demonstrating the relevance of the project, as well as the need to continue the deepening of studies on decolonization.

Keywords: Decolonization. Tourism. Photography. Art. Culture

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. JUSTIFICATIVA	18
3. OBJETIVOS	21
3.1 Objetivos Gerais	21
3.2 Objetivos Específicos	21
4. INDICADORES E METAS	22
5. CENÁRIO DO EVENTO	23
6. ORGANIZAÇÃO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO	53
7. METODOLOGIA	64
8. ESTRATÉGIAS DE MARKETING	66
9. PÚBLICO ALVO	67
10. PARCERIAS E PATROCINADORES	68
11. ESTUDO DE VIABILIDADE ECONÔMICA	69
12. CRONOGRAMA	70
13. ORÇAMENTO DO EVENTO	71
14. RESULTADOS ESPERADOS	73
15. AVALIAÇÃO	74
16. COMPOSIÇÃO DA EQUIPE TÉCNICA	84
17. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	89
ANEXOS.....	140

1. INTRODUÇÃO

Segundo Pérez (2009) para a antropologia o turismo é uma relação social necessariamente transitória e assimétrica que precisa ser pensado de maneira complexa, demandante de um esforço conjugado de vários campos de conhecimento. Dentro dessa complexidade temos o turismo como “consumidor de culturas” e o turista como depositário de uma pauta cultural itinerante, fazendo-se necessário o estudo das relações de biopoder implícita na atividade, principalmente no que diz respeito às epistemologias reproduzidas.

A produção do conhecimento unilateral se apresenta como uma grande problemática, como ressalta Adichie (2019), existe um perigo de uma única história, e sua estrutura está diretamente relacionada a “Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas” visto que “o poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa”. A autora ressalta que a consequência de uma única história é a criação de estereótipos, roubando sua dignidade e a expropriando sua humanidade. Como acontece historicamente com a população negra brasileira.

Segundo Borges (2012), são múltiplas as formas de retroalimentar o racismo através das representações pautadas em concepções colonialistas. “As malhas verbovisuais que compõem a cena intersemiótica (...) posicionam sujeitos e temas nos espaços de representação de modo a fixá-los em categorias predeterminadas”, um circuito de réplica de estigmas que transitam entre passado e presente, apresentando-se com novas versões de imagens desumanizantes, invisibilizadas pela narrativa estruturada de “democracia racial”, signos excludentes que impossibilitam o pertencimento, tornando-se um estrangeiro em seu lugar de residência.

Fazem-se necessários pensarmos políticas de representatividade para além da visibilidade, mas a construção de novos códigos de visualidade, em busca da criação de novos repertórios, que rompam com o pré-determinismo do outro, fortalecendo o compromisso de um retrato identitária fidedigno, com marcos de (Re)existência.

Não podemos mais naturalizar essas violências escamoteadas da cultura. A cultura é construída, portanto, os valores dela também o são. É preciso perceber o quanto a reificação desses papéis subalternos e exotificados para negras nega oportunidades para nós desempenharmos outros papéis e ocuparmos outros lugares. Não queremos protagonizar o imaginário do gringo que vem em busca de turismo sexual (RIBEIRO, 2018, p. 97).

Pensar e fazer turismo no Maranhão, um estado majoritariamente negro, precisa estar imbricado ao pensamento decolonial, só possível com a decolonização. “É preciso intervir no já-dado e no já-dito e edificar, de forma multiperspectívica, outras representações desse grupo racial, liberando-o de suas prisões imagéticas.” (BORGES, 2012 p. 202.).

Dessa forma torna-se necessário a compreensão e a diferenciação dos termos colonialismo e colonialidade, suas perspectivas políticas, antropológicas e epistêmicas, logo que são dois conceitos relacionados, porém distintos para posteriormente relacioná-lo com a atividade cultural e turística.

Para Boaventura de Sousa Santos (2007), a neutralização do colonialismo enquanto forma de dominação, que nega o acesso populacional, não se configurou em uma relação de justiça social que findasse com as desigualdades sociais, o colonialismo manteve-se em forma de colonialidade de poder e de saber, o autor utiliza o termo Epistemologia do Sul que metaforicamente seria um campo de desafio epistêmico que busca reparar os danos históricos causados pelo colonialismo, ou seja, um conjunto de intervenções que visam um diálogo horizontal de conhecimento chamado de ecologia dos saberes, que parte do pensamento abissal, que seria distinções visíveis e invisíveis, que dividem através de uma linha a realidade social em dois universos distintos, que se caracteriza principalmente pela impossibilidade co-presença dos dois lados da linha, ou seja, “As distinções intensamente visíveis que estruturam a realidade social desse lado da linha baseiam-se na invisibilidade das distinções entre este e outro lado da linha” (SANTOS, 2006, p. 24).

Para o autor essas dicotomias são estabelecidas por contratos sociais, que são tão importantes pelo que dizem como pelo que silenciam, pois são baseados em um olhar hegemônico que recorta o passado para assim projetar uma história única, sendo necessário um esforço para o descentramento. O Sul refere-se em parte ao Sul geográfico, países e regiões que sofreram com o colonialismo Europeu, mas não limita ao mesmo, visto que exista as exceções, como por exemplo, a dominação colonial de determinados grupos no norte geográfico, assim como as “pequenas europas” no sul geográfico. Nelson Maldonado Torres (2007, p. 131) diferenciou os dois conceitos da seguinte forma:

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta idéia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e

as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente.

A despeito da descolonização, Grada Kilomba trabalha este tema, através da memorização do passado colonial como símbolo de um passado traumático que é reencenado através do racismo cotidiano, sendo uma lembrança da história coletiva de opressão racial, a transição de passado presente como retrato da irracionalidade do racismo e como acúmulo de evento de violência que está sempre se adaptando à contemporaneidade.

Diante destas discussões teóricas, escolhemos como **Marco Teórico** deste trabalho as orientações de Grada Kilomba, que metodologicamente busca compreender a descolonização através da reconstrução e recuperação de experiência de mulheres negras e o impacto do gênero nas experiências do racismo, com foco no sujeito e nas três formas de desrespeito – político, social e individual. Desrespeitos que são reproduzidos na academia através das epistemologias, a autora trabalha o conceito de pesquisa centrada no sujeito, pois rejeita o distanciamento do “objeto de pesquisa”, mas busca uma “subjetividade consciente”, pois discorda do ponto vista tradicional de que o distanciamento emocional, social e político devem ser uma condição para produção de conhecimento. Uma escolha pautada no atravessamento promovido pela obra da Grada Kilomba e na necessidade de realizar uma pesquisa que reunisse as três áreas que tenho atuado na minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica. A imagem, o feminismo negro e o turismo.

Quando se trata da atividade turística, Santos (2007) ressalta que toda experiência social produz e reproduz conhecimento logo são sempre culturais e políticos, gerando assim uma ou várias epidemiologias, cada uma com seus critérios de validação. Sendo o Turismo uma atividade de experiência social, faz-se necessário a decolonização do conhecimento, ou seja, a produção de um conhecimento emancipatório e alternativo, que esteja fora do parâmetro clássico. Nesse sentido buscamos analisar como as memórias coloniais estão presentes no imaginário e qual o seu impacto na implementação do turismo étnico, conceituado pelo Ministério do turismo como:

Atividades decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e identidade de grupos étnicos.

Busca-se estabelecer contato com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, aprender suas expressões culturais, estilos de vida e

costumes singulares. Busca também as próprias origens do turista, em um retorno às tradições dos seus antepassados. Envolve as comunidades representativas dos processos migratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas, e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores em seu modo de vida, saberes e fazeres. (MTUR, 2019, p. 17).

Para os autores Panosso Neto e Trigo (2011) “O turismo étnico insere-se, portanto, no que se pretende entender por sociedades democráticas, pluralistas, complexas, multiétnicas e multiculturais” os autores ressaltam a importância dos cuidados e atenções que precisamos ter visto ao tratamento desigual provocado pelo racismo sistêmico do colonialismo. Nesse sentido trabalhar o diálogo horizontal dentro do turismo é romper com a estigmatização, que compreendido ainda hoje como cultura marginalizada, “uma vertente avançada e complexa da democracia inclusiva e participativa, proposta a todos os segmentos sociais, inclusive os historicamente marginalizados e excluídos” (PANOSSO NETO. TRIGO, 2011 p. 12). Logo o planejamento, a operação e gestão do turismo étnico-afro, exigem a compreensão das características históricas, antropológicas, sociais, políticas e econômicas, em busca de evitar a reprodução de signos de opressão, uma vez que precisamos romper com essa desumanização simbólica.

O simbolismo de objetificação que transita entre a imagem, o discurso e o imaginário, me instigou à elaboração desse projeto, em uma tentativa de unificar as três áreas que tenho atuado na minha trajetória pessoal e acadêmica. A imagem, o feminismo negro e o turismo, enquanto uma mulher negra, fotógrafa, graduanda de turismo e componente do grupo de estudo sobre Feminismos Negros Marielle Franco.

Portanto, optamos pela realização de um projeto turístico em formato de evento, na tipologia de exposição fotográfica, uma vez que compreendemos que a retórica da imagem é um exercício contínuo de ressignificação simbólica, possibilitando o desenvolvimento de estratégias discursivas que propiciem um novo sistema de representação, livre dos signos colonialistas e suas reconfigurações.

Ao iniciarmos o planejamento do projeto turístico, decidimos organizar um evento cultural como atividade de conclusão do curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão. Sendo o mesmo submetido ao edital de credenciamento nº 03/2020 propostas de exposições artísticas 2021, do SESC MA - Serviço Social do Comércio Departamento Regional no Maranhão. No presente trabalho está relatado o processo de organização do evento, implantação da proposta, apresentação dos objetivos, a metodologia, o planejamento, assim como a execução, contêm ainda a avaliação e em seguida as considerações finais.

2. JUSTIFICATIVA

As motivações pelas quais levaram-se à idealização deste projeto deu-se a partir de incômodos com imagens e narrativas apresentadas acerca das mulheres negras, como ressalta Djamila Ribeiro (2017, p.25) “Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produção e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos”. Em busca de contribuir para construção de um olhar interseccional, emancipatório que ressignifique as narrativas hegemônicas presentes no imaginário coletivo, resultante das configurações que forjaram a identidade brasileira, imersa em uma sociedade colonial, com privilégio epistêmico. Busco através de imagens questionar de maneira transversal os padrões estabelecidos como símbolos nacionais, salientando que a miscigenação tanto utilizada como cartão postal do turismo brasileiro não pode mais ser vista com romantização, mas precisa evidenciar as violências sistêmicas promovida contra as mulheres negras, uma vez que o embranquecimento foi um projeto governamental.

Enquanto mulher negra, fotógrafa, graduanda de Turismo encontro a necessidade de autodefinição que segundo Ribeiro (2017, p.29) “É um status de fortalecimento e de possibilidades de transcendência da norma colonizadora”. Nesse sentido busco a ocupação do lugar de fala, no exercício de humanização ligado à produção intelectual e não ao corpo, rompendo o não lugar pré-estabelecido. Proponho aguçar a desconstrução dessas simbologias, mediante a exposição fotográfica “Descolonize-se” inspirada na obra *Pele negra máscaras brancas* de Frantz Fanon, e tendo como base teórica o pensamento de Grada Kimloba, que demonstrará de maneira sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra, em um exercício de descondicionalidade do olhar.

Considerando que os símbolos não são formulados de forma aleatória, e os mesmos não são constituídos em base neutra, sendo necessário demarcar que existe um interesse vigente na sua constituição, na sua projeção, principalmente na sua validação e na manutenção discursiva. Uma vez que entre a construção de imagem e imaginário encontra-se políticas públicas de inclusão e exclusão, que favorecem ou desfavorecem determinado grupo. Não podemos pensar em turismo e em arte sem pensar nas relações socioculturais que estão imbricadas nas imagens plastificadas, precisamos de uma gestão imagética sem asfixia existencial, que não estejam submersas ao um cativo estético.

Questionamos o impacto da construção de imaginário colonialista, na psique de mulheres negras. Visto que a colonialidade simboliza um regime brutal de opressão, materializada nas tentativas de silenciamento sistêmico, que legitima a exclusão, a

invisibilidade e a objetificação, impossibilita o acesso à representatividade, a auto identificação, condição necessária para o desenvolvimento da identidade saudável. Logo se faz necessário contra narrativas decoloniais. Esse trabalho é resultado das emoções afetadas durante a minha trajetória acadêmica, da percepção do lugar social ocupado pela mulher negra dentro da minha área de formação/atuação, o turismo.

Um olhar atendo ao histórico da produção simbólica do turismo brasileiro observamos a reprodução de signos racistas e sexistas frutos de uma sociedade colonizada e patriarcal, podemos cita como exemplo as ações realizadas na década de 70, pelo Instituto Brasileiro do Turismo, a EMBRATUR. Segundo Leite (2017) a EMBRATUR investiu massivamente na promoção do Turismo Nacional utilizando a mulher brasileira como atrativo turístico a imagem da “mulata exportação”, foi vendida como identidade brasileira.

O Governo do Maranhão tomou uma atitude semelhante no ano de 2004 quando incentivou a utilização do Estado como cenário da novela “Da cor do Pecado” uma dramaturgia que reproduzia todo o imaginário de objetificação colonial, com pretexto de “Descortinar o Maranhão para o mundo” visando o fomento turístico. A novela global exibida e reprisada em (2007) e (2012) em rede nacional foi vendida para 100 países, contribuindo para fortalecimento da romantização da miscigenação, a pigmentocracia¹, entre outros estereótipos.

A imagem construída e disseminada de Catarina Mina, exemplifica muito bem a problemática apresentada, uma vez que a sua existência é constantemente associada a um corpo sedutor que obteve ascensão social através de “favores” prestados à elite masculina de sua época, titulada por muitos guias de turismo como “Xica da Silva Maranhense” ignorando todo seu legado como comerciante.

A identidade afro maranhense é marcada pela ressignificação e resistência do sistema de opressão escravocrata, que persiste na sua reelaboração através do apagamento da produção diaspórica, nesse sentido proponho compreender a importância da decolonização para o desenvolvimento do turismo étnico. A perspectiva com que se quer contribuir nesta proposta implica na observação do impacto dos signos do racismo insidioso, promovido pela pseudodemocracia racial, a sua contribuição para construção do imaginário do turista sobre mulheres negras, narrativas que podem desmitificar estigmatização, assim como fortalecer o racismo estrutural.

¹ A pigmentocracia ou colorimos são termos que se referem ao racismo relacionado pigmentação, ou seja, quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão e discriminação essa pessoa irá sofrer.

Mediante a esse cenário, o estudo é norteado pelas necessidades de transgredir, buscar uma epistemologia plural, uma escrita de um corpo dissidente, uma desobediência poética, que investiga os efeitos da colonização, uma vez que o Maranhão possui um potencial eminente para o desenvolvimento do turismo étnico, devido ao multiculturalismo evidente na gastronomia, expressões culturais, religiosidade, saberes e fazeres. Através de um estudo interseccional, buscarei abranger a dinâmica do gênero, da etnia dentro de uma instalação artística, o que se mostra original porque após a revisão de literatura, pode ser detectado que monografias existentes abordam gênero e etnia de formas distintas.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivos Gerais

Realizar um evento que aborde o processo de construção da identidade cultural brasileira, a fim de compreender o impacto da colonialidade na psique de mulheres negras, apontando a importância da decolonização para o desenvolvimento do turismo étnico.

3.2 Objetivos Específicos

- Construir narrativas contra hegemônicas, através da realização de uma exposição fotográfica que demonstre os efeitos da colonização na contemporaneidade.
- Debater sobre narrativas que têm sido vinculadas na reprodução de signos racistas e sexistas.
- Levantar discussões acerca da importância da decolonidade dentro da atividade turística, sobretudo para o desenvolvimento do turismo étnico.
- Executar um evento que reflita sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico.

4. INDICADORES E METAS

Os indicadores e metas a serem alcançados pela exposição fotográfica “Descolonize-se” que ocorreu entre 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021 na Galeria de Arte do Sesc MA foram:

1. Produzir um evento artístico cultural com ações educativas que questione o processo de construção da identidade cultural brasileira.
2. Criar um vídeo conceito da exposição apresentando o processo de concepção e montagem da exposição com participação da artista, curador e equipe de produção.
3. Conceber um vídeo mediação apresentando um diálogo da artista e de convidados acerca dos elementos que compõem a instalação fotográfica.
4. Promover ações educativas para discutir a temática com pesquisadores, artistas, com os setores públicos responsáveis pelo planejamento turístico e cultural da cidade de São Luís, assim como a população de forma geral.
5. Fomentar o pensamento decolonial.

5. CENÁRIO DO EVENTO

O cenário de concepção do evento e da obra “Descolonize-se” está imbricado na minha própria trajetória, acadêmica, profissional e pessoal. Eu cresci acreditando no mito da democracia racial², sem acesso a nenhuma referência étnica, me compreendi enquanto uma mulher negra de forma tardia, processo que se deu entre muros da universidade, mas de maneira informal, com ações e reflexões realizada por coletivos.

Na primeira aula que assistir com a Professora Mestra Maria da Graça Reis Cardoso, soube que ela seria a minha orientadora, mesmo ainda não sabendo o que eu gostaria de escrever, mas suas palavras me atravessaram, eu me sentia vista, ouvida de uma forma muito singular. Ao longo do ano 2019 resolvi compreender uma sensação que assombrava, o sentimento de não pertencimento que a academia me trazia, como se a minha existência em sua totalidade fosse reprimida, como se minha fala precisasse sofrer uma adequação, um sentimento que guardei por anos, por acreditar que não existiam razões plausíveis, uma emoção que se apresentava como uma cortina de fumaça, presente, porém, não visível.

Em um encontro promovido pelo grupo de estudo sobre Feminismos Negros Marielle Franco, foi debatido o texto a máscara da Grada Kilomba, traduzido por Jessica Oliveira de Jesus, único disponível até então, uma vez que ainda não tinha sido publicado no Brasil o livro Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. O encontro foi um atravessamento profundo, onde eu sentir a necessidade de me debruçar no pensamento crítico sobre o sistema artístico-acadêmico da autora.

Grada Kilomba é um artista interdisciplinar luso-africana, que pesquisa questões de gênero e pós colonialismo, com enfoque da memória, trauma, gênero através de uma arte híbrida, atuando como escritora, teórica, psicóloga. Com Formação em Psicologia Clínica e Psicanálise pelo Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA) em Lisboa, com doutorado em Filosofia pela Freie Universität de Berlim, já lecionou em várias universidades internacionais.

O hibridismo do trabalho da Grada Kilomba despertou o desejo de unificar as três áreas que tenho atuado na minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica. A imagem, o feminismo negro e o turismo, um trabalho instigante e desafiador, que demorou um certo tempo de amadurecimento.

² Crença da igualdade de raça fundamentada por Gilberto Freyre.

O principal desafio foi chegar em um recorte coerente, que se apresenta como uma linguagem transgressora diante do rigor acadêmico, foram muitos ensaios até chegar ao presente trabalho, todos acompanhados pela Professora Mestra Maria da Graça Reis Cardoso. A primeira titulação seria: A descolonização da imagem no turismo: Ressignificando a identidade e a representatividade da mulher afro brasileira. A segunda titulação foi: A descolonização do imaginário dos guias de turismo sobre mulheres negras nos roteiros do centro histórico de São Luís. E por fim “Descolonize-se”, todos tinham em comum o desejo de compreender o imaginário, trazer para o centro das discussões os conceitos sobre a decolonização da imagem no turismo, principalmente com recorte de gênero e etnia, mostrando como a produção das propagandas de promoção de destino turístico pode vir a impactar diretamente o residente de forma agravante, sendo um passo decisivo para desconstrução e reconstrução do imaginário coletivo.

Segundo Dias Filho (2005) o Governo brasileiro teve o papel fundamental para que o Brasil entrasse no circuito de Turismo Sexual, através da propaganda oficial que objetivava o incentivo do turismo internacional, mas utilizava a imagem de mulheres como atrativo, com discurso de enaltecer sua beleza, que aliada às belezas naturais, tornando-se propício ao imaginário do turista, do Brasil como o “Paraíso das mulatas”, com a possibilidade de “mar, sol e sexo”. Um circuito que pode inclusive incluir crianças, uma indústria que alimenta até mesmo o tráfico internacional de mulheres, mesmo que essa rota seja negada pelas autoridades legais. Sendo relevante a discussão para uma tomada de consciência dos signos que realimentamos, como os mesmos podem fomentar problemáticas de complexidade e dimensões críticas, ressaltando o risco de uma exposição realizada de maneira inadequada.

Precisamos de estratégias, e informações qualificadas na produção de uma comunicação decolonial, que represente a pluralidade existencial brasileira, sem exotização, comprometida com o combate das raízes de opressões, rompendo com transação comercial que se inicia na projeção da imagem e configura-se na exploração das mulheres brasileiras, sobre tudo, mulheres negras.

Torna-se imprescindível ressaltar que as perpetuações das violências físicas e simbólicas se instarão na sua concretude, e não somente em uma categorização secundária, visto que na maioria das vezes são tratadas como um problema subjetivo relacionado à minoria, minimizando os efeitos na saúde pública em geral, problemas que não são sazonais, mas lineares, que sem uma intervenção, só se proliferam a cada estação, uma tendência de declínio humanitário.

Uma problemática que precisa ser investigada, e que se depara com vários entraves, inclusive a escassez de produção teórica, como salienta Dias (2005, p. 16) “a ausência de um conjunto de artigos, teses, relatórios e outros trabalhos que retratem o problema também dificultam o entendimento”. Logo faz-se necessário e pertinente essa reflexão no meio acadêmico, para incitar outras pesquisas.

As imagens realizadas em 2019 nascem dessas provocações, um exercício de tentar concretizar as sensações que a pesquisa me causava, junto com a Thayna Pinho elaborei uma narrativa que era compartilhada por mulheres negras. Um ritual de cura e de emancipação dos estereótipos, rompendo com a lógica de apresentação da imagem do outro como atratividade, sinônimo de lazer, efeito de uma exploração histórica e estrutural. Mediante a esse cenário, o estudo é norteado pelas necessidades de transgredir, buscar uma epistemologia plural, uma escrita de um corpo dissidente, uma desobediência poética, que investiga os efeitos da colonização.

Durante o estágio obrigatório no MAV - Museu de arte visuais do Maranhão no início de 2019, conheci o James Martins, artista visual e arte educador no qual compartilhei a minha pesquisa e os meus incômodos. De forma orgânica nascia uma curadoria, que se oficializou com a publicação do edital de credenciamento nº 03/2020 para propostas de exposições artísticas 2021, do Sesc Maranhão. Elaboramos o Projeto artístico tendo como base o projeto de pesquisa já concebido, sendo uma das propostas selecionadas para credenciamento.

O projeto expográfico foi se modificando ao longo da imersão nas leituras que norteiam a exposição, sendo fundamental demarcá-los, entre eles estão a sensação atemporal e a existência para além da outridade, que discorrerei a seguir.

Sensação atemporal: A coexistência do passado com o presente.

Segundo Kilomba (2019) a cronologia atemporal é incorporada ao racismo cotidiano, visto que a reencenação de um passado colonial é configurada em uma realidade traumática, que continuamente é negligenciada. A violência contemporânea provocada pelo racismo, apresenta-se como espetáculo de aprisionamento dentro de um cenário colonial, onde os papéis de subordinação e a outridade são atribuídos ao sujeito negro.

A autora ressalta que a máscara do silenciamento são memórias vivas do projeto colonial, que estão enterradas na nossa psique de forma concreta, representações da política sádica de dominação, que tem como a lógica do seu regime, a implementação do senso de mudez. O controle da enunciação é visto como metáfora de posse, como

mecanismo de defesa dentro de um cenário fantasioso de desapropriação, ameaça e perigo.

Os danos psíquicos que a irracionalidade do racista provoca através de uma vivência traumática em um mundo branco, é analisado pela autora através do mecanismo de defesa do ego, apresentado em cinco estágios: negação; culpa; vergonha; reconhecimento; reparação.

A negação do projeto colonial é o primeiro estágio do mecanismo do ego, sendo uma ferramenta de manutenção e legitimação das violências estruturais de exclusão racial. A ausência do reconhecimento faz “o branco torna-se vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se o oprimido e o oprimido, o tirano.” (Kilomba, 2019, p.34)

A cisão da psique apresentada pela Kilomba, é fundamental para compreensão do racismo cotidiano, ou seja, da coexistência do passado com o presente. Para a autora a dualidade existencial do sujeito branco, se escabece com atribuição da bondade como “eu” e a maldade projetada sobre “outro”. Nesse sentido o sujeito negro torna-se então antagonista do “eu” a tela de projeção de tudo que teme reconhecer sobre si. No exercício de preservação da suposta bondade do ego, da moralidade ideal, no entanto, os aspectos ruins são aparelhados no exterior, no trânsito entre a rejeição, excitação, perigo, desejo, aspectos que causam inquietação e a necessidade de controle.

A personificação da repulsa é a forma primária de outridade, a construção mental da dessemelhança, ou seja, a branquitude torna-se uma identidade construída na exploração do outro, através do processo de negação, método de proteção contra o confronto de verdades desagradáveis, que opera de forma inconsciente na resolução de conflitos emocionais sem o reconhecimento de uma realidade desagradável.

Posterior a negação é apresentado a culpa, a vivência conflitante da consequência de suas ações, o medo da interdição moral, acusações, punições. Sendo necessário salientar que a autora descreve que a resposta comum para a culpa é intelectualização ou racionalização de uma justificativa. “De repente o sujeito branco investe tanto intelectualmente quanto emocionalmente na ideia de que “raça”, na verdade, não importa como estratégia para reduzir os desejos inconsciente e agressivos em relação às/aos outras/os.” (KILOMBA, 2019, p. 45).

Quando se trata da vergonha, Kilomba evidencia que ela está conectada com o medo do ridículo, e sobretudo com a percepção, confrontado o olhar do outro com o nosso. A discrepância da percepção alheia e a nossa própria percepção.

Em sequência tem o reconhecimento que é rompimento das narrativas ilusórias, a constatação do seu próprio racismo e da sua branquitude. Passando da fantasia para a realidade, “Não se trata mais da questão de como eu gostaria de ser visto/a, mas de quem eu sou; não mais como eu gostaria que as/os “outros” fossem, mas sim quem elas/eles realmente são.” (KILOMBA, 2019, p. 46).

O último estágio é a reparação, o abandono do privilégio através de estratégia de mudança da concepção do racismo, individual, institucional e estrutural. A ruptura da necessidade da alienação através de retrato autoritário, que força a performance da ordem colonial no cotidiano, é um processo de pensar o racismo como uma dinâmica psicológica e não moral, ressaltando:

Em vez de fazer a clássica pergunta moral “Eu sou racista?” e esperar uma resposta confortável, o sujeito branco deveria perguntar: “Como posso dismantelar meu próprio racismo” Tal pergunta, então por si só, já inicia esse processo. (KILOMBA, 2019, p. 46).

Desalienação: existindo para além da outridade

Durante a minha trajetória pessoal, artística e acadêmica eu fui assombrada pelo fantasma da ausência, me sentia aprisionada em imagens alienantes, uma expropriação que limitava a compreensão da minha própria existência. A sensação que meu corpo era público, inapropriado, atravessado pelo desejo e repulsa.

Por muitos anos acreditei que eram percepções singulares, frutos de psique problemática, complexa e deficiente. Segundo Moraes (2021, p. 60) seria a personificação cerceamento de liberdade, opressões cíclicas que se materializa como depositário de negação,

É como fazer um puzzle onde vejo que faltam muitas peças que me foram tiradas, outras que não foram nomeadas, outras que não foram escritas, arquivadas, documentadas, imagens que eu deveria ter visto e não vi, nomes que eu deveria ter sabido e não sei, livros que eu devia ter lido e não li... Depois, cada peça reconstrói um pouco de mim, é pessoal, sou eu, quem eu sou... E, tendo em conta que sou uma mulher da diáspora africana, há muitas peças que faltam, que foram silenciadas e invisibilizadas. É todo um processo de recuperação e de liberdade para fazer o que me interessa (e que não tem que interessar a outras pessoas), mas é fantástico quando fazes um trabalho que transporta muitas outras pessoas a caminhar contigo, porque se identificam. Isso é muito, muito, bonito.

O autor acima mencionado, salienta a importância da compreensão do conceito de outridade apresentado pela Grada Kilomba para produção alternativa de saberes, uma vez que exemplifica a corporeidade negra como território de disputa, sendo necessário

estabelecer o diálogo com conceitos de necropolítica³, epistemicídio⁴. A autora analisa a interartes, como ferramenta do hibridismo entre várias áreas do conhecimento, assim como legitimação existencial.

A exposição descolonize-se é esse processo de desalienação, a ritualização de ruptura de existência na outridade, assim como a Kilomba, os meus escritos são incorporados de subjetividade, emoção, inadequado para academicismo dominante, que transgride a linguagem clássica. Um discurso que, segundo a autora, apresenta-se como uma produção de conhecimento emancipatório, alternativo, que é tão político quanto poético.

A escrita insurgente está comprometida com a (r)existência, com dignidade que nos foi e nos é negada, visto que “Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando do lócus social de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. (RIBEIRO, 2017, p. 40). Uma existência pré-determinada, como observou a escritora brasileira Conceição Evaristo em entrevista à revista Carta capital.

Há esse imaginário que se faz da mulher negra que samba muito bem, dança, canta, cozinha, faz o sexo gostoso, cuida do corpo do outro, da casa da senhora, dos filhos da madame. “Mas reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, o imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe. (EVARISTO, 2017).

A exposição nasce de exercício de me fazer sujeito, de compreender as várias camadas da minha existência enquanto um ser interseccional, observar os aspectos subjetivos e coletivos do meu eu, assimilar os danos que o racismo me causou, como o colonialismo reverbera no meu comportamento, da minha relação comigo e com os outros. Uma tentativa de rompimento de imagens de controle, pelo menos no que diz respeito aos aspetos individuais, ou seja, a ruptura de ciclos disfuncionais de autoagressão, provocados pelo colapso traumático que o racismo configurou, imbricada na atemporalidade enquanto reencenação colonial contemporânea.

As fotografias, capturadas em 2019 em parceria com a Thayná Pinho, personificam as máscaras brancas que o sistema racista impõe direta e indiretamente. A exposição é um convite a pensar o lugar social que cada um/a ocupa, é uma oportunidade de ruptura com ambivalência, o luto colonial, o pacto narciso e mecanismo de defesa do

³ Uso do poder social e político para ditar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer. Conceito desenvolvido pelo filósofo negro camaronense Achille Mbembe.

⁴ A destruição de conhecimentos, de saberes, e de culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental. Conceito desenvolvido Boaventura dos Santos.

ego. Sendo necessário ressaltar que não é uma ação educacional para branquitude, visto que racismo não é ausência de informações, mas desejo de dominação.

Busco dizer o indizível, e incentivar os meus iguais a fazer o mesmo, não me preocupando em satisfazer as expectativas da branquitude. A minha arte não é para servir a casa grande, é para me libertar, me autodefinir, me autorrecuperar, erguer uma voz que tanto foi silenciada.

Com um toque de alucinação, regido pelo oculto e o que é evidente, as fotografias são um chamado ao sensorial, inicialmente pelo olhar, mas que transita por outras esferas através do contexto apresentado pela exposição, uma vez que a linguagem artística tem uma dimensão política de criar, fixar, perpetuar ou refutar relações de poder e violência.

A curadoria da exposição compreende a apresentação de 9 imagens estáticas, fotografias impressas em tecido, com dimensões de 130 metros x 90 m que devem ser dispostas de forma suspensa. Além das impressões fotográficas em tecidos, teremos tecidos propriamente dito, ocupando os espaços na ambientação da exposição de modo a causar sensação de devaneio, e que os/as observadores/as possam sentir como foi o processo de construção das imagens. A intensão é também repensar, de certo modo, os parâmetros tradicionais de exposições artísticas, chegando a uma proposta diferente, interativa e provocativa.

As fotografias foram dispostas de maneira a serem uma sequência:

Fotografia 1: Progressão de imagens que compõem a exposição



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Fotografia 2:Progressão fotográfica 01



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Fotografia 3: Progressão fotográfica 02



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Fotografia 4:Progressão fotográfica 03



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Fotografia 5: Progressão fotográfica 04



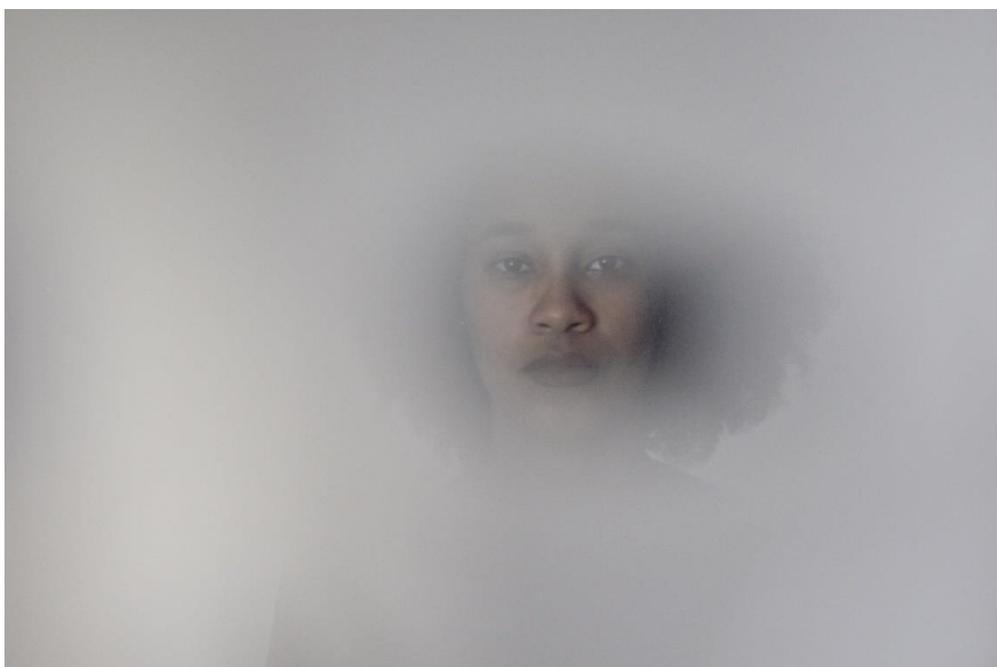
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Fotografia 6: Progressão fotográfica 05



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Fotografia 7: Progressão fotográfica 06



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Fotografia 8: Progressão fotográfica 07



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Fotografia 9: Progressão fotográfica 08



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Posterior à apreciação das imagens, temos um espelho de dimensão 47 cm x 140 cm, juntamente com um quadro interativo de 20x30, onde os visitantes poderão expressar a percepção sobre atuação do silenciamento na sua trajetória. O propósito é causar nos/as

observadores/as a reflexão sobre o olhar para si, em um exercício sensorial diante do que foi visto e sentido pelas fotografias. O último elemento da expografia será o texto. Optamos por essa configuração para não direcionar o olhar, para que os espectadores não tenham uma concepção da intencionalidade da proposta.

A exposição foi realizada na galeria do Sesc Maranhão entre 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021, sendo uma das propostas selecionadas pelo edital de credenciamento nº 03/2020. Devido às condições sanitárias, tivemos vernissage, foi realizado encontros pontuais e visitas agendadas, para garantimos que todos os protocolos sanitários de prevenção contra Covid-19 sejam cumpridos. Foi produzirá dois vídeos sobre a exposição, o primeiro foi sobre o processo de montagem e segundo será uma mediação, um tour virtual, onde a artista, o curador e convidados apresentaram a exposição, uma possibilidade de democratização do acesso em tempos pandêmicos.

A seguir apresentaremos os elementos da expografia que serviram como base para a roteirização da mediação:

IMAGEM DE ABERTURA

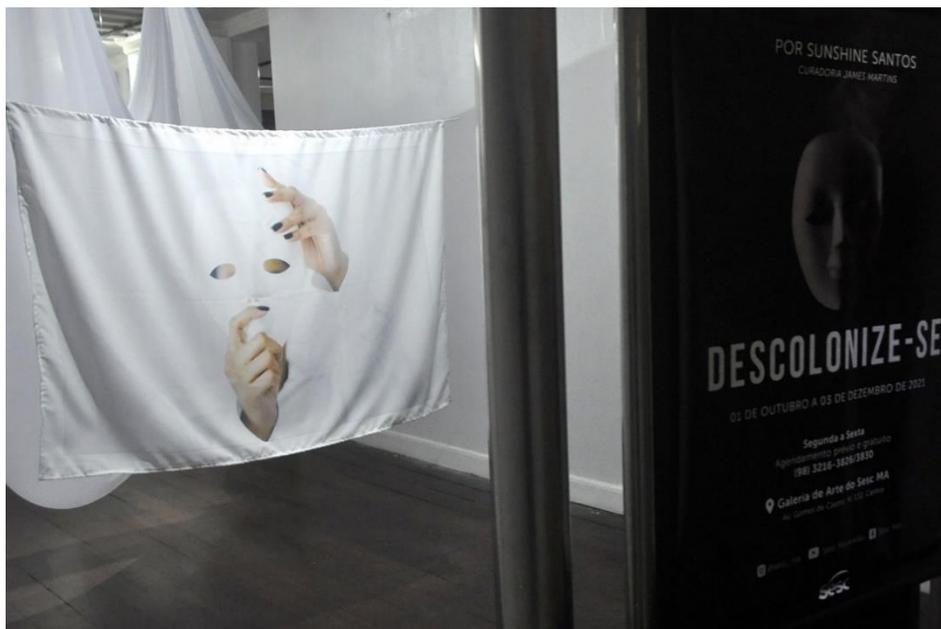
Eu apresento a política de violência – Representa a relação problemática que eu tenho com minha área de formação, uma vez que o turismo trabalha com histórias, com patrimônio, com memória, e na maioria das vezes essas memórias glorificam e romantizam o projeto colonial (suas constituições, construções e processos).

Em um estado majoritariamente negro⁵, exaltar uma memória traumática é um exercício genocida, é naturalizar e normalizar a necropolítica.

A decolonização é uma demanda urgente, pois precisamos de novas políticas de representação, novas políticas culturais. Assim como Fanon (2008) afirma, eu não venho armado de verdades decisivas, não estou dotada de essencialismo, mas penso que algumas coisas precisam ser ditas, e vou dizê-las, não gritá-las.

⁵ Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – mostra realizada em 2019, 46,8% da população brasileira é parda, e 9,4% são pretas. Considerado os dois quantitativos, temos 56,2% de população negra no Brasil. Fonte: IBGE, <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html> Acesso em 6 out. 2021. No Maranhão esse índice chega a 74% de população negra (IBGE, 2010). Fonte: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/11/negros-representam-74-da-populacao-do-maranhao-diz-ibge.html> Acesso em 6 out. 2021.

Fotografia 10: Imagem de Abertura



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

CORES

A expografia tem duas cores predominantes que se apresentam em uma espécie de degradê sensorial, formando uma transição suave entre os espaços e as concepções.

➤ Primeira sala

Tem o branco predominante - que se configura não como ausência de cor, mas o acúmulo de todas as cores.

É um retrato da branquitude que se apresenta como universal, que não tem a necessidade de ver, uma vez que está presente em todos os lugares.

➤ Segunda sala

Tem uma parede em destaque em preto, que se apresenta como processo de descolonização, um rompimento com a necessidade de embranquecimento, uma ação em desenvolvimento. E o preto, como ressalta a autora, não se configura como ausência de cor. É um retrato de uma negritude sempre vista, mas sempre ausente.

Fotografia 11: Primeira sala



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Fotografia 12: Segunda Sala



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

TECIDO

As imagens são impressas em tecido como memorial às mais velhas, às operárias da indústria têxtil maranhense, principalmente da fábrica Santa Amélia, onde hoje se localiza o Curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão.

Lembrando que o apogeu ludovicense (Processo de industrialização iniciado em meados do século XIX) foi tecido por mulheres, sobre tudo mulheres negras e de axé.

É uma oferenda também a Dona Joana Castro, minha bisavó, que era uma lavadeira de roupa, que como filha de Iansã, não fugia a nenhum confronto. E o sangue dela que corre nas minhas veias precisava lavar essa roupa suja com a Atenas Brasileira.

Os tecidos dispostos de maneira aleatória representam o colapso psíquico que o colonialismo deixou na população negra.

Fotografia 13: Tecidos



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

CUBO BRANCO

Cubo que não é mágico, ou seja, tudo diante de mim é a imagem da branquitude refletida. Como Fanon escreveu “É tanta brancura que me queima”.

Representa também uma identidade formada na encruzilhada, onde as opressões se entrecruzam. Uma vez que no “debate sobre racismo o sujeito é homem negro: no discurso de gênero o sujeito é uma mulher branca: e no discurso de classe “raça” não tem lugar.” (KILOMBA, 2019). Ele também representa o nada, o vazio, vácuo, o não lugar.

Fotografia 14: Cubo Branco

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

SUPORTE DE FERRO

Foi um sussurro sobrevivência das minhas ancestrais, eu precisava de força para sustentar esse trabalho. E como Davis (2017) afirmou certa vez, em uma frase que circula em diferentes sites ou mesmo em livros, “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”⁶.

O alicerce em geral não é visto, mas é fundamental para qualquer construção, assim como as mulheres negras, que tem sua força usada como ferramenta para inviabilizar sua demanda. Eu resolvi deixar eles a mostra, como lembrete de precisamos olhar com cuidado para o que nos sustenta

⁶ Entrevista de Angela Davis ao El Brasil, disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html

Fotografia 15: Suportes de ferro



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

LABIRINTO

Um jogo, no qual as cartas foram distribuídas por uma mulher negra, uma vez que são os sujeitos que estabelecem as regras. Um jogo que tem duplo sentido.

Para as pessoas negras ela mostra que a demanda não é subjetiva, que podemos dismantellar nessa estrutura. E para pessoas brancas é a oportunidade de vivenciar o acesso limitado, é saber que existem espaços que não podemos entrar, ou entramos com muita dificuldade e que as permanências neles são sempre desconfortáveis.

Fotografia 16: Labirinto



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

MÚSICA

Com toque repetitivo, que funciona em loop desconfortável, apresento a sensação atemporal que é incorporada ao racismo cotidiano, visto que a reencenação de um passado colonial é configurada em uma realidade traumática. O ciclo de violência contemporânea provocada pelo racismo, apresenta-se como espetáculo de aprisionamento dentro de um cenário colonial.

Mas o fundo musical apresenta também uma melodia como oportunidade de encontrar uma saída mesmo diante de um processo doloroso, onde nós, pretos e pretas, continuamos (r)existindo.

CORTINA

Posta em um espaço de transição, representa a cortina de fumaça, as táticas de desinformação, onde conceitos de intelectuais negros são esvaziados em um exercício contínuo de epistemicídio, que tem por objetivo a manutenção das relações de poder. Não podemos transicionar sem romper com essas falácias.

Fotografia 17: Cortina



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

QUADRO COM PERGUNTAS

Apresenta a colonialidade e principalmente a Política da ignorância (Não saber | Não precisa saber | Não querer saber). Visto que quando eu não preciso me posicionar, significa que eu estou ocupando um lugar de privilégio, de poder.

O conhecimento é o espelho das relações e o sistema de dominação de conhecimento, determina quais perguntas devem ser feitas. Apresenta também a necessidade de enegrecer as referências. Como salienta Kilomba (2019, p.52):

Quando elas/eles falam é científico, quando falamos é acientífico.

universal / específico;

objetivo / subjetivo;

neutro / pessoal;

racional / emocional;

imparcial / parcial;

elas/eles têm fatos/nós temos opiniões;

ela/eles tem conhecimento / nós temos experiências.

➤ Processo de outridade (KILOMBA, 2019, p. 79)

Infantilidade | Dependente

Primitivização | Atrasado

Incivilização | Ameaçador

Animalização | Selvagem

Erotização | Exótico

➤ Processo de defesa do ego (KILOMBA, 2019, p. 43)

Negação

Culpa

Vergonha

Reconhecimento

Reparação

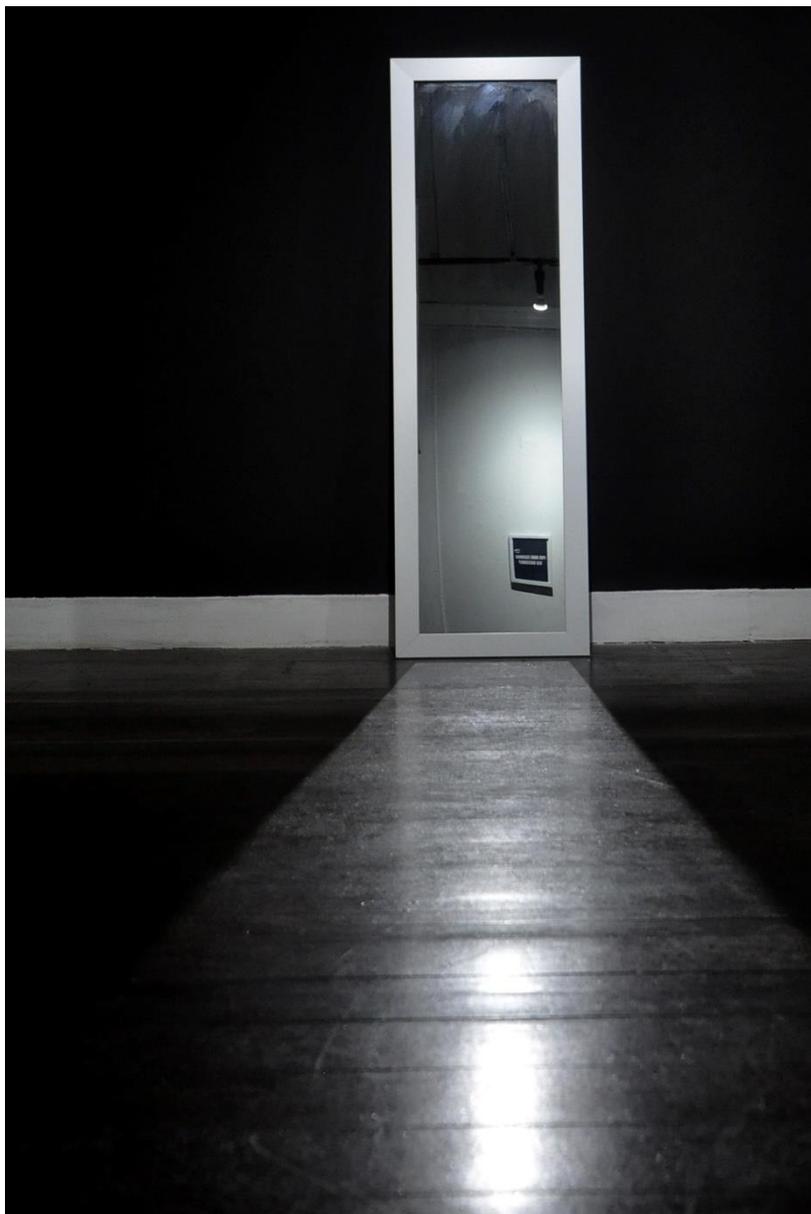
Fotografia 18: Quadro com perguntas

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

CAMINHO

Tem um ditado iorubá que diz: “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”. E fala sobre a capacidade de reinventar a memória, reinterpretar o passado, subverter o tempo.

Essa é uma referência ao orixá que simboliza o movimento, que abre caminho para o acontecimento. Desejei apresentar uma ponte para construir um novo olhar, um olhar mais adequado, uma espécie de trajetória ritualística de tratamento do trauma. Exu também é a possibilidade comunicação, e eu acredito que a cura vem através da fala.

Fotografia 19: Caminho

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

ESPELHO

Tem uma referência a Narciso (Branquitude) e o eco (Consenso branco)

Uma vez que Narciso acha feio tudo que não é espelho, ou seja, ele não ama ninguém a não ser a sua própria imagem - é a herança colonial, transtorno psíquico de crença de superioridade. O feitiço que a branquitude tem, impossibilita perceber a si mesmo. Tento subverter esse feitiço, virando o feitiço contra o feiticeiro, o espelho está posto para o sujeito que a sociedade insiste em não ver.

Fotografia 20: Espelho

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

QUADRO INTERATIVO

Eu desejo apresentar o racismo como mecanismo estrutural e estruturante, como determinante nas relações sociais. Por meio deste demarcar a importância de olhar para a experiência da pessoa que vivência o racismo, um olhar centrado na subjetividade, ou seja, no sujeito político, social e individual.

“A subjetividade é uma dimensão importante no discurso marginal, é uma forma criativa de descolonizar” (KILOMBA, 2019, p. 90). Não temos lugares seguros, estamos

sempre postos na vulnerabilidade, mas é nos tirado o direito à vulnerabilidade humanizante.

Eu desejei muito criar um lugar seguro onde pessoas negras pudessem falar, sem medo de serem ridicularizada, onde elas pudessem falar sobre os traumas causados pelo colonialismo que nunca foi tratado, dizer o que nunca foi dito.

Fotografia 21: Quadro interativo



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

MÁSCARA

Memórias vivas enterradas na nossa psique, uma peça concreta do projeto colonial. Ela se apresenta como a máscara de silenciamento, que implementa o senso de mudez, as políticas da invisibilidade e representatividade.

É uma metáfora de dominação, a necessidade de repressão das falas de pessoas negras, um falar que provoca o confronto, desconforto, o que nos mostra que existe uma preocupação maior em ser lido como racista, do que ter sido racista. A preocupação está na reputação e não nos danos, então toda vez que essa máscara é desmantelada, e o racismo é denunciado, se tem um processo que inverte a opressão, o opressor se torna oprimido e o oprimido o tirano.

A máscara representa o adocimento causado pela necessidade do embranquecimento, a necessidade de demonstrar a todo custo o seu valor, através dos processos estéticos, econômicos, intelectuais e morais.

Então romper com essa máscara, é romper com a necessidade de validação da branquitude, uma demanda que está enraizada no subconsciente, que condiciona o que somos e deixamos de ser.

Fotografia 22: Máscara



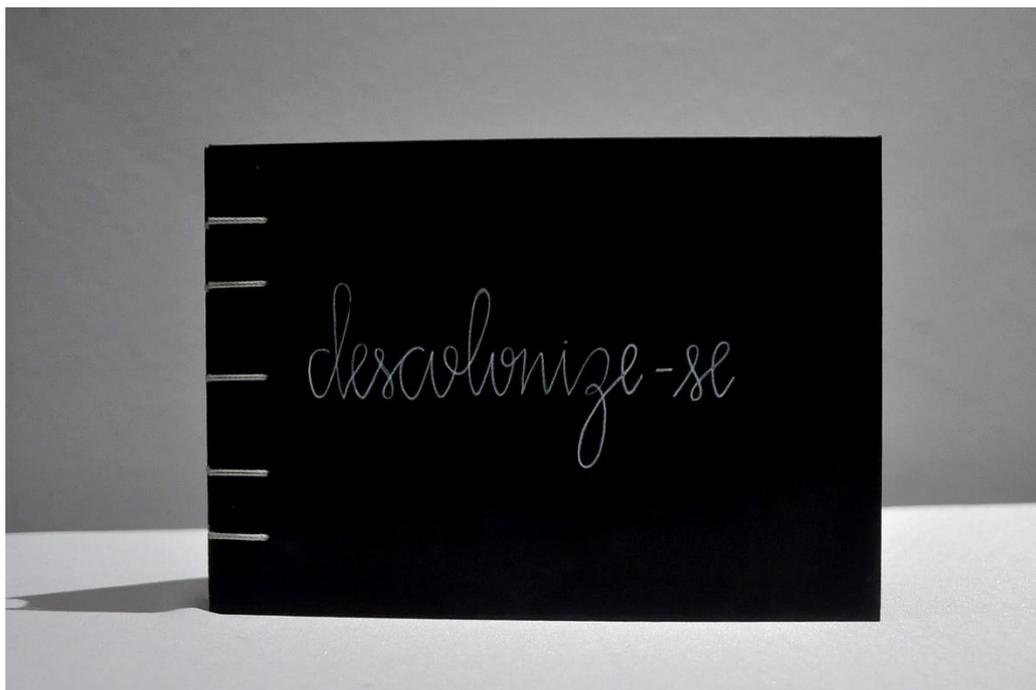
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

CADERNO

Foi criada uma visão muito problemática sobre o trabalho artístico, atribuído ao talento, a um exercício inspiracional, uma falácia que fundamenta a expropriação do nosso trabalho. Eu apresento aqui uma pesquisa de três anos, nele se encontra reunida todas as referências que formataram o meu trabalho.

Há três séries de autorretratos, Desaninho (APÊNDICE 22), Asfixia (APÊNDICE 17) Visagem (APÊNDICE 13) ambos realizados em 2020, poesias, (APÊNDICE 12), (APÊNDICE 16), (APÊNDICE 22) mapas mentais, desenho, colagem, e o meu alvo concêntrico.

Fotografia 23: Caderno



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Há um mini audiobook, onde eu conto histórias que eu ouvi e vivenciei. Através de QR Codes (APÊNDICE 10) as pessoas terão acesso aos áudios. É também uma referência à sabedoria transmitida pela oralidade, muito presente no Griô.⁷

AUDIOBOOK: VIDA SEM AMACIANTE: HISTÓRIAS DE DORORIDADE

INTRODUÇÃO (APÊNDICE 25)

Entre escutas e vivências, apresento uma série de histórias repetidas, no intuito de questionar: Quantas vezes ainda precisamos ouvir histórias assim, para decidir escrever novas histórias?

Conto não para sobressaltar dores, mas como exercício curativo, nomeando os fantasmas coloniais que nos assombram.

Independente do lugar que ocupe nessa história, movimente-se não precisamos de compaixão, mas de ação.

EPISÓDIO I

⁷ o indivíduo que na África Ocidental tem por vocação preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções e mitos do seu povo.

O Amor resiste ao Racismo?

Entre os corredores do ensino fundamental e as mudanças emocionais eles se encontraram. Ele um garoto nerd, de cabelos compridos, ela sorridente e com cabelo cacheado. O primeiro beijo desajeitado.

Depois de alguns anos os seus caminhos se encontraram, entre acordes de violão, mitologia grega e muita risada eles se amavam.

Resolveram assumir para o mundo o seu amor, o que eles não imaginavam era que o dia tão esperado se tornaria um pesadelo. Ao apresentar à sua mãe a moça que tanta falava, foi surpreendido pela fala: “Eu te criei com tanto sacrifício para te vê namorando uma mulatinha, meu filho único... Nunca imaginei tanto desgosto”.

Uma confusão se formatou diante dela, sem reação ela só queria desaparecer, saiu correndo e chorando. Ele prontamente foi atrás, mesmo sabendo que não poderia fazer nada para amenizar sua dor, sabendo que era fim do que mal tinha começado.

Em prantos eles terminaram, ele sabia que não poderia insistir, se tornou seu guardião, seu anjo amigo. Tiveram outros relacionamentos, mas sempre que se encontravam parecia que não existia mais ninguém na face da terra. Ninguém fazia ela sorrir como ele.

E assim como a música, ela recebeu o convite do seu casamento, não era com letras douradas e nem em um papel bonito, mas dizia “Estou casando, mas o grande amor da minha vida é você”.

EPISÓDIO II

Quem ajuda uma mulher preta?

A imagem da princesa em apuros que foi salva por um lindo príncipe, nunca foi protagonizado por uma mulher negra, nem na ficção, nem na vida real. Mulheres negras se salvam sozinhas. Ela argumentou para a terapeuta, que insistia que ela deveria aprender pedir ajudar.

Depois de muitas sessões ela resolver tentar, pensou que talvez não seria tão difícil assim, já que mulheres brancas solicitam ajuda com tanta facilidade. Mas ela que mesmo com tantas demandas sempre encontrou tempo para cuidar de todos a sua volta, se deparou com ausência de disponibilidade, viu o seu agressor ser defendido, foi acusada de provocar sua opressão, e até ouviu que sua demanda não era real.

As mesmas pessoas politizadas que se posicionavam na internet, na vida real assistiam ela ser violentada sem fazer nada. Mais uma vez ela se salvou sozinha.

EPISÓDIO III

Dama Preta: A obrigação de ser perfeita

“Eu não quero um fio de cabelo fora do lugar”, ela ouvia em quanto observava as outras crianças brincar, sabendo que ela não poderia se sujar, sob a justificativa “Você já é preta, tem está sempre impecável”. Uma voz que ecoou por muito tempo dentro de si, sempre a melhor, a estratégia de desumanização que ela alimentou, com exercício contínuo de autoagressão, ultrapassou todos seus limites em nome de uma crença limitante “Você precisar ser 10 vezes melhor para ter a chance de competir com uma branquitude medíocre”.

Tudo que ela quer é direito de errar, o direito de ser humana.

EPISÓDIO IV

Preta de alma branca

Ela sempre achou que jamais aceitaria uma ofensa racista, até que um dia foi surpreendida por uma senhora no seu lugar de trabalho. A mineira recém chegada da Bahia afirmou ter gostado mais do Maranhão, ela curiosa perguntou o motivo. A senhora respondeu, “Aqui os negros são mais bonitos, nem parecem ser negros. Você por exemplo, é uma negra linda, tão educada e inteligente que nem parece ser negra, uma negra de alma branca”.

Ela ficou paralisada não acreditando no que estava ouvindo, e a senhora continuava falando como se tivesse feito um elogio generoso, pegou no seu cabelo como se ela fosse parte da exposição museológica.

Preta de alma branca

Preta de alma branca

Até quando terei que ter a minha humanidade atribuída a branquitude, ela questionou.

EPISÓDIO V

Sina de preterimento

A sua cor como sinônimo de pecado, foi a primeira lição que ela aprendeu, quando era ainda criança e precisava lidar com olhares pornográficos. Sua presença era sempre lida como ameaça.

Gostosa, você deve ser furação na cama... era o que ela mais ouvia. Como se o seu corpo fosse depósito de gozo.

O cuidado, o romance, a entrega sem limite, estava endereçada.

Era uma carta marcada.

A ela não pertencia, era negado

Preta, preterida

Preta, maravilhosa, mas somente amiga

Gostosa mais nunca assumida.

EPISÓDIO VI

A melhor amiga negra

Como coadjuvante, ela tem sua vida sugada pelos dramas da branquitude, como se sua existência se resumisse a ser suporte de desenvolvimento. Suas qualidades não são apreciadas, são expropriadas.

Uma relação amigável de exploração, com base no utilitarismo e na coisificação. Ela demorou anos para perceber a disparidade e necessidade da limitação. Mas hoje aprendeu a levantar da mesa quando não existir uma verdadeira conexão.

EPISÓDIO VII

Afrobege: A métrica para legítima negritude

Mas tu nem é tão negra assim...

Ela sentia como se sua identidade precisasse de checkliste de validação. Uma violência simbólica de apropriação, retirando o direito da sua própria autodefinição.

Cansada

Eu estou cansada

Ela salientava, eles querem determinar o que visto, o vejo, o que escuto, o que eu leio, o que eu sou...

Muito branca para ser preta, muito preta para ser branca

Afinal o que eu sou?

EPISÓDIO VIII

Paz, direito de quem?

Era um dia ensolarado elas só queriam um dia de paz,

Resolveram aproveitar o sol, aproveitar o dia de folga

Entre as conversas uma delas acabou comentando que trabalhava em uma das áreas nobres da cidade.

Automaticamente a dona do estabelecimento perguntou se era em uma casa de família, ela respondeu que não, que era pedagoga.

É difícil ver uma mulher negra em lugar que não seja de subserviência?

Vocês dizem que falamos muito de racismo, mas não nos deixam um dia em paz.

POSFÁCIO

Toda mulher negra tem alguma história para contar nesse sentido, por isso a história não tem identificações, são histórias de um Eu coletivo, vítimas dos resquícios da colonização. O que você está fazendo para modificar essas histórias? O que você de verdade, quando ninguém te ver? Não adianta ter o discurso bonito e violentar mulheres negras em segredos, chegou a hora de sair da negação e caminhar para reparação.

TEXTO DA PERFORMANCE

Unicórnica preta

(Sunshine Santos, 2021)

Abduzida dos não lugares

A unicórnica preta agora é livre

Livre da incubadora da invisibilidade

Livre do cordão umbilical de silenciamento.

Livre de olhares de objetificação

Livre dos diálogos com a impostora

Livre para voar...

Livre para ser o que quiser, quando quiser e se quiser.

A unicórnica preta é um universo particular não adestrado.

Uma releitura do poema de Audre Lorde, através de uma perspectiva afrofuturista⁸.

⁸ Movimento Cultural, estético e político que busca descrever as criações artísticas, que por meio da ficção científica, criam narrativas de protagonismo negro e outros futuros para as populações negras.

TEXTO DA EXPOSIÇÃO

Descolonize-se

(Sunshine Santos, 2020)

Quero existir para além da imagem alienada de mim mesma...

Sem a obrigação de protagonizar o voyeurismo colonial.

Sem ser a projeção performática da despersonalização.

Rompendo com a materialização da outridade.

Em exercício de divergência (Whit – Out).

Incorporando a escuridão (Black – In).

Fazendo ecoar o meu discurso marginal, em um bom pretuguês

Escrevivências coletivas, de uma dororidade.

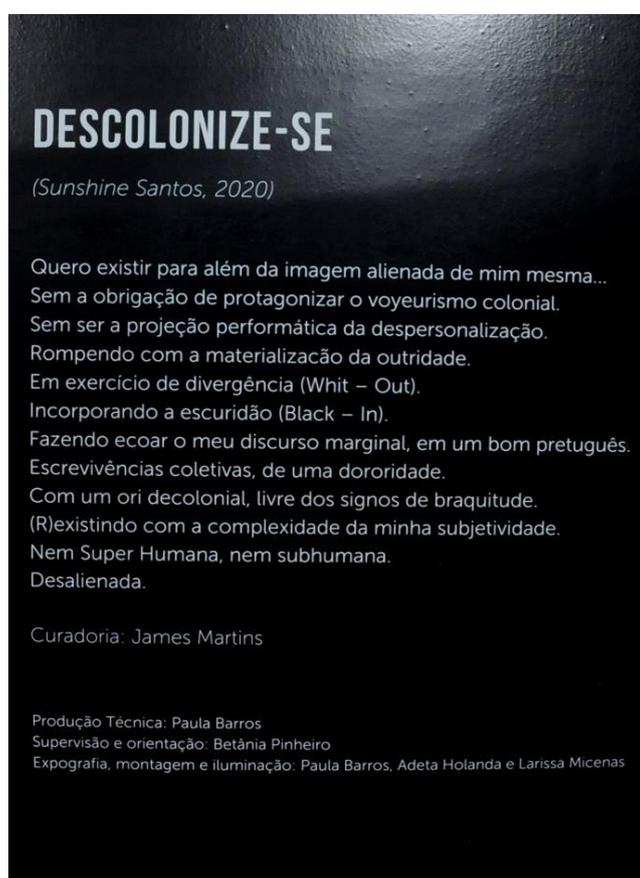
Com um ori decolonial, livre dos signos de branquitude.

(R)existindo com a complexidade da minha subjetividade.

Nem Super Humana, nem subhumana.

Desalienada.

Fotografia 24: Texto



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

6. ORGANIZAÇÃO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

No dia 03 de janeiro de 2021 foi divulgada a lista de proposta selecionadas para compor a agenda da galeria Sesc Maranhão, logo em seguida entramos em contato para ter acesso à previsão das datas de execução, fomos informados que estava previsto para seguindo semestre de 2021. Direcionamos o primeiro semestre ao aprofundamento da pesquisa, e na reflexão da sua configuração em uma instalação fotográfica transcendente.

No dia 04 de agosto 2021 entramos em contato novamente e fomos informados que a previsão seria para iniciar a montagem no dia 13 de setembro, com a possibilidade de abertura no dia 17 de setembro. Iniciamos a busca por orçamentos que viabilizasse a impressão das imagens, contactamos a empresa Avro Store em Santa Catarina, Nova fotoesfera no Rio de Janeiro, Personalize na Paraíba, assim como empresas locais como Guzzuis, Guarás, Malharia São Luís, enfim a gráfica Slz, onde realizamos as impressões no dia 03 de setembro, e recebemos o trabalho realizado em 06 de setembro, levando os mesmo para a costureira para realizar os acabamentos.

A primeira reunião oficial com produção técnica ocorreu no dia 06 de setembro as 15h, fomos recebidos pela Paula Barros, onde ajustamos a cores da expografia, uma vez que seria necessário realizar a pintura na galeria, assim como as competências da artista, curador e produção técnica, embora as mesmas estando expressas no edital, foi fundamental para o esclarecimento de dúvidas, sanando qualquer ruído que comprometesse o desenvolvimento do trabalho. As datas e horários de montagem foram ajustados, apesar de ter ocorrido um problema estrutural que condicionou a alteração do período acordado.

Entre o dia 07 ao dia 16 de setembro foi realizado as compras dos elementos da expografia, tecidos, espelho, quadro interativo, caixa de som entre outros, surgindo o desejo de apresentar todo processo ao público através do caderno o artista, no qual reuniu ensaios de autorretrato, poesia, colagem, mapas mentais. No dia 17 de setembro contactamos com Isaias S. Asceno Júnior, proprietário da produtora musical AzTheBardo, para produção da trilha sonora, que prontamente se apresentou disponível para a parceria.

No dia 18 de setembro foram definidos os convidados para a participação dos vídeos mediação, sendo eles:

Thayná de Pinho Rocha

Formada em administração, Setorial de Juventude da moradia – UNMP, Setorial de mulheres do PT municipal, integrante do projeto Jovem Guardião. Thayná foi a modelo do trabalho fotográfico, mas devido a problemas de saúde, foi impossibilitada de participar das gravações.

Maria da Graça Reis Cardoso (ANEXO 48)

Turismóloga, professora da Universidade Federal do Maranhão no Curso de Turismo, com Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Maranhão com a pesquisa Educação em áreas remanescentes de quilombos: realidade educacional das comunidades negras de Castelo e Cajueiro no município de Alcântara - MA. (2005). Atuando principalmente nos seguintes temas: comunidades quilombolas, etnicidade, turismo, e patrimônio afro-brasileiro. Atualmente membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - NEAB membro do Grupo de Pesquisa Patrimônio Cultural-GEPAC. Membro do Grupo de História, Religião e Cultura Material – RHECULT-PPGHIS. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História e Conexões Atlânticas: Cultura e Poderes – PPGHIS-UFMA.

Marcus Ramusyo de Almeida Brasil (ANEXO 51)

Comunicólogo, Músico, videasta e fotógrafo. Mestre em Comunicação (UNIP). Doutor em Ciências Sociais (PUC/SP). Pós-Doutorado em Comunicação e Cultura (UFRJ). Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFMA Campus Centro Histórico, da área de Fotografia e Multimídia. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Produção de Imagem (NUPPI).

Carolina Guerra Libério (ANEXO 50)

Fotógrafa, pesquisadora, videoasta e professora na área de Produção Audiovisual do curso de Rádio e TV da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduada em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Produção Fotográfica e Videográfica, Novas mídias e Cultura Visual. É membro fundador do Núcleo de Pesquisa e Produção de Imagens (NUPPI-IFMA), oficializado junto ao diretório de grupos do CNPq desde 2010.

Claudia Letícia Gonçalves Moraes (ANEXO 52)

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília (bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão - FAPEMA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras - Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão. Professora Assistente da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo - Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, atuando na área de Língua Portuguesa com ênfase em estudos discursivos e literaturas de língua portuguesa. Líder do Grupo de Pesquisa Literatura, Alteridade e Decolonialidade (UFMA). Integrante dos Grupos de Pesquisa Historiografia, cânone e ensino (UnB) e Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa (UFF-UFMA). Organizadora do I e do II Colóquio Interdisciplinar de Literatura e Cultura Negra do Baixo Parnaíba (2018 - 2019).

Pablo Gabriel Pinho Monteiro (ANEXO 49)

Formado em História pela Universidade Federal do Maranhão - UEMA, Pablo Monteiro pesquisa e desenvolve trabalhos documentais a partir do uso da imagem e do som, dando ênfase para o registro de práticas ligadas ao universo afro-maranhense com destaque para a religião. Em seus trabalhos individuais, propõe o uso de dispositivos móveis na construção de narrativas fílmicas. Atua coletivamente como mediador na produtora BICHO D'ÁGUA, realizando e intermediando conteúdos em audiovisual a partir de abordagens periféricas, priorizando a inserção de vozes e imagens dissidentes no documentário. Realizador de filmes exibidos e premiados em festivais nacionais: "Quem passou primeiro foi São Benedito" (2017) e "Princesa do meu lugar" (2020).

As colocações realizadas pelos convidados estão disponíveis no vídeo mediação (APÊNDICE 36) disponibilizado nos canais de comunicação do Sesc, podendo ser acessado pelo link <https://youtu.be/D5LE99kD-u8> e no anexo no presente relatório.

No dia 19 de setembro a artista se reuniu com curador para os ajustes finais na expografia, refletindo sobre a melhor forma de adequar o projeto ao espaço, no dia 20 de setembro foi levado para a galeria todo o material que compôs a exposição, foi um momento de conhecer a equipe de montagem, dialogar sobre a proposta, foi disponibilizado um drive com as principais informações da pesquisa, para que todos pudessem ter um aprofundamento no processo. No dia 21 de setembro iniciou a montagem propriamente dita, onde nos deparamos com o primeiro desafio, encontrar um suporte adequado para impressões em tecido, uma vez que elas ficariam suspensas, e

precisariam ficar exposta sem franzimento, o dia 22 de setembro foi utilizado para realizar uma série de teste, após uma longa busca chegamos à barra de ferro, dando continuidade à montagem que se deu do 20 ao dia 30 de setembro.

No dia 27 e 28 de setembro foi realizado a gravação do vídeo conceito (APÊNDICE 36). O vídeo integra a programação de Artes Visuais da Galeria de Arte/Programa Cultura do Sesc Maranhão, que apresenta ao público possibilidades e experiências diversas de apreciação, diálogos e informações sobre o processo de criação e mediação educativa de exposições. O vídeo conceito apresenta o processo de concepção e montagem da exposição com participação da artista, curador e equipe de produção, disponibilizado nos canais de comunicação do Sesc, podendo ser acessado pelo link <https://youtu.be/ZG5NI6itDFI>.

No dia 04 de outubro foi agendado a gravação do vídeo mediação, devido à ausência de energia elétrica precisou ser transferida para o dia 06 e 08 de outubro. O vídeo mediação apresenta uma abordagem reflexiva e crítica sobre o trabalho da artista com participação de convidados.

A elaboração das ações educacionais a serem realizada durante a exposição foi um ponto relevante, após algumas reuniões com a curadoria, orientadora e a técnica do Sesc, foi estabelecido a seguinte programação:

Roda de conversa

Título: “INTERARTES E DECOLONIDADE: A importância da construção de novas paisagens culturais”.

Descrição: a mesa redonda buscará apresentara abordagens decoloniais através do fazer artístico, apresentando processos e reflexões.

Participantes:

Silvana Mendes

Multiartista visual, graduanda em Artes pela Universidade Federal do Maranhão, desenvolvendo um trabalho que busca investigar o cotidiano e a subjetividade do comum, a desconstrução de visualidades negativas e estereótipos impostos a corpos negros na busca por ressignificar simbologias e narrativas racistas usando como suporte artístico a colagem digital, videoarte, lambe e a fotografia afetiva no intuito de fomentar a democratização dos mesmos. Muralismo e lambe como suporte de disseminação do que acredito como didática artística decolonial e trazendo as experiências artísticas também para licenciatura na tentativa de transformar desde a base ocupando espaços como

facilitadora de oficinas e palestras, com participação em festivais, bienais e exposições no âmbito nacional e internacional.

Sunshine Santos

Mulher preta, mãe e nordestina... Fotógrafa com várias produções no cenário cultural maranhense, entres elas estão: Os traços da nossa história (2014/2015). Meu nome não é mãe (2018) e Nêga sim, sua não (2018). É Graduada do curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Tem formação em Fotografia, Instituto Federal de Educação do Maranhão - IFMA, (2012), em Direção em fotografia pela Escola de Cinema do Maranhão – IEMA, (2016) e cursou, o Entrelhar-se: curso de fotografia idealizado para mulheres negras, ministrada por Dani Souza - Mestranda em Artes Visuais - ECA – USP. Participou de Mulheres em Residência, uma residência on-line destinada a fotógrafas emergentes de todo o Brasil.

Local: Sala Sesc de Exposições

Condomínio Fecomércio Sesc Senac - Avenida dos Holandeses,s/n, Qd 04, Jardim Renascença

Data: 11 de novembro de 2021

Horário: 15 às 17h.

A pauta foi sugerida pela artista, mas foi realizada de maneira conjunta a exposição “Libertadores Brasileiros” da artista Silvana Mendes, uma vez que artista foi comunicada que já existia o desejo do Sesc em realizar a ação, visto que as duas exposições trabalhavam com decolonização imagética.

A roda de conversa “Interartes e decolonidade: A importância da construção de novas paisagens culturais” aconteceu de forma presencia na Sala de Exposições do Sesc Holandeses, as artistas compartilharam com o público presente o processo criativo de suas obras, responderam aos questionamentos, e principalmente refletiram sobre as limitações da interarte decolonial, discutindo possíveis estratégias para construção e o compartilhamento de novas paisagens culturais.

Fotografia 25: Roda de conversa: Interartes e decolonidade



Fonte: Sesc MA, 2022.

Mesa Redonda 1

Título: “Multiculturalismo e políticas culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão”

Descrição: Com participantes que atuam direta e indiretamente nos espaços museais do Maranhão, principalmente de São Luís, a mesa redonda buscará discutir como os espaços culturais, suas abordagens e ações decoloniais.

Participantes:

Gabriela Campos

É mulher, feminista, mãe, artista circense. Integrante do Coletivo “O Circo Tá na Rua” e do Coletivo de mulheres em perna de pau “Vem Andar e Voa”; graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais - Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Atualmente, é gestora do Museu de Artes Visuais do estado.

Erick Reis

Graduado em Estudos Africanos e Afro-brasileiros, mestrando em ciências sociais pela UFMA, integra o grupo de pesquisa em religião, cultura popular -GPMINA e o Núcleo de estudos africanos e sul global - NEAFRICA.

Mediadora:

Paula Barros

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Graduada em Licenciatura em Educação

Artística - Artes Plásticas pela mesma instituição. Arte Educadora do Serviço Social do Comércio / Sesc-MA, atuando como Gestora e Mediadora Cultural nas linguagens Artes Visuais e Audiovisual pela Galeria de Arte. Professora de Arte do Ensino Fundamental - 6 ao 9 ano da Secretaria Municipal de Educação de São Luís-SEMED. Tem experiência na área de Educação e Arte com ênfase em Artes Visuais, Mediação Cultural e Educativa, Gestão Cultural, Curadoria, Currículo, Metodologia da Pesquisa Educacional, Artes Visuais e Múltiplas Acessibilidades, Tecnologias Educacionais e Práticas Educativas.

Local: Plataforma Virtual

Data: 23 de novembro de 2021

Horário: 15 às 17h.

A mesa “Multiculturalismo e políticas culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão” foi pensada levando em consideração que o turismo étnico busca compreender a sociedade como multiétnica e multicultural, nesse sentido torna-se fundamental refletir uma gestão imagética, visto que a imagem sempre esteve em disputa, pensar nas políticas da imagem, as relações de poder, o regime de visualidade foi o objetivo dessa ação. O tema é resultado de reflexões feitas ao longo da minha vivência enquanto estagiária em casas de cultura do estado, assim como leituras direcionadas, entre elas: Olhos Negros, Raça e Representação de bell hooks.

Na estruturação da proposta pensamos na Paula Barros, arte-educadora e técnica do Sesc, para realizar a mediação, para integrar a mesa convidamos a gestora do Museu de Artes Visuais do Maranhão, Gabriela Campos, que aceitou prontamente o convite, e a professora do curso de turismo da UFMA, Kláutenys Guedes, que devido incompatibilidade de agenda, não pode se fazer presente. Imediatamente convidamos a Turismóloga Cleonice Pinheiro que também não estava com agenda disponível para evento, em seguida convidamos Erick Reis, Graduado em Estudos Africanos e Afro-brasileiros, que se apresentou disponível a contribuir com a ação.

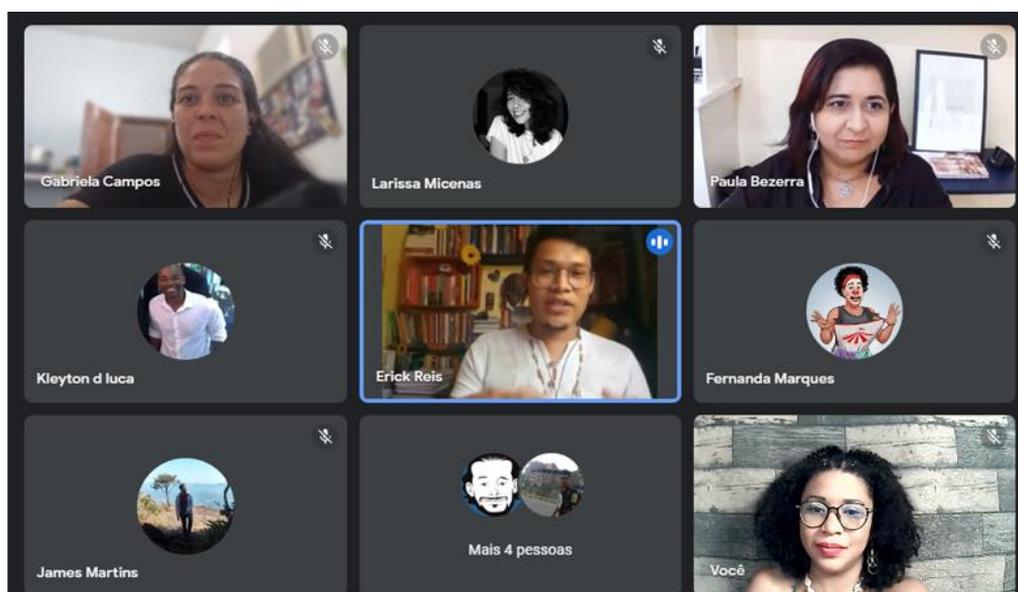
Paula Barros iniciou a mesa com uma fala introdutória e apresentando os convidados, logo depois passou a fala para Gabriela Campos que trouxe relatos de sua gestão, apresentando os desafios, conquistas e pretensões em relação a democratização ao acesso, assim como política de representatividade. Em seguida Erick Reis iniciou a fala abordando sobre decolonidade, apresentando o conceito e o pensamento de autores que trabalham o tema, entre eles Boaventura Santos e Nelson Maldonado, em seguida apresentou uma perspectiva histórica do Multiculturalismo e compartilhou sua

experiência enquanto estagiário em casa de cultura do estado, salientando algumas problemáticas.

Em seguida o público presente teve a oportunidade de apresentar seus questionamentos que foram sanados pelos convidados enriquecendo o debate. Finalizando a atividade Paula Barros apresentou estratégias decoloniais que estão sendo desenvolvidas pelo Sesc, entre elas o mapeamento Afrobrasilidade: Narrativas, Memória e resistência.

A ação foi pertinente para construção de novas ecologias do saber, uma vez que maioria das vezes essa pauta é reduzida ao identitarismo, como se a identidade não fosse relevante. Questionar o nosso imaginário, assim como as políticas de representação é fundamental e urgente.

Fotografia 26: Ação educacional 01



Mesa Redonda 2

Título: “Turismo insurgente: a importância de uma pedagogia transgressora para decolonização – corpos, imagens e patrimônio”

Descrição: A banca será formada com profissionais e/ou estudantes que tenham atuação e formação na área do turismo, e representantes do poder público, com objetivos de refletir sobre estratégias de desmantelamento da colonialidade dentro da atividade turística.

Participantes:

Majarra Guterres

Turismóloga pela UFMA, MBA em Liderança, inovação e gestão 4.0 pela PUCRS, mentora em estratégias competitivas e com expertise em customer centric.

Jonilson Correia

Possui graduação em Hotelaria pela Universidade Federal do Maranhão. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão - Linha de Pesquisa: Instituições Educativas, Currículo, Formação e Trabalho Docente. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais na Linha de Pesquisa: Política, Trabalho e Formação Humana. É professor Adjunto do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência nas áreas de Hotelaria, Turismo e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: hotelaria e turismo, saberes e formação de professores no ensino superior, trabalho e educação, com ênfase na formação de trabalhadores, relação entre educação e mercado de trabalho. Coordenador do Núcleo de Projetos e Pesquisas em Hotelaria. Pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento e Qualidade da Educação Básica - GPQE no Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Coordenador do Curso de Especialização MBA Gestão e Marketing da Hospitalidade.

Mediadora:

Maria da Graça Reis Cardoso

Turismóloga, professora da Universidade Federal do Maranhão no Curso de Turismo, com Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Maranhão com a pesquisa Educação em áreas remanescentes de quilombos: realidade educacional das comunidades negras de Castelo e Cajueiro no município de Alcântara - MA. (2005). Atuando principalmente nos seguintes temas: comunidades quilombolas, etnicidade, turismo, e patrimônio afro-brasileiro. Atualmente membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - NEAB membro do Grupo de Pesquisa Patrimônio Cultural-GEPAC. Membro do Grupo de História, Religião e Cultura Material – RHECULT-PPGHIS. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História e Conexões Atlânticas: Cultura e Poderes – PPGHIS-UFMA.

Local: Plataforma Virtual

Data: 23 de novembro de 2021

Horário: 18 às 19h30.

A mesa “Turismo insurgente: a importância de uma pedagogia transgressora para decolonização – corpos, imagens e patrimônio” foi pensada levando em consideração a minha vivência acadêmica e dos meus iguais, resulta de uma necessidade observada ao longo dos anos da graduação, amparada no pensamento da intelectual negra bell hooks, principalmente no livro *Ensinando a transgredir: A educação com prática de liberdade*. Logo quando chegamos no curso de turismo, a primeira lição que aprendemos é que o turismo antes de ser bom para visitante, precisa ser bom para residente. Logo antes de ser bom para o turismólogo, ele precisa ser para o aluno, para além de uma educação bancária, ele precisa estimular a transgressão, precisa garantir que todos os alunos sejam vistos e ouvidos dentro das suas diferenças.

Na estruturação da proposta pensamos na Professora Mestre Graça Reis, para realizar a mediação da mesa, uma vez que ao longo da sua docência tem trabalhado a educação como prática de Liberdade, para compor a mesa convidamos a Professora doutora Thais Pinho, atual coordenadora do curso de Turismo, que devido incompatibilidade de agenda, não pode se fazer presente, sendo substituída pelo chefe do departamento do curso de turismo, o Professor doutor Jonilson Correia, convidamos também a egressa do curso a turismóloga Majarrara Guterres.

A professora Mestre Graça Reis iniciou a mesa com uma fala introdutória e apresentou os convidados, logo depois passou a fala para Majarrara Guterres que iniciou questionando o que seria o turismo insurgente, refletindo sua adequação enquanto tipologia e metodologia, trouxe relatos de sua vivência acadêmica, salientando a dificuldade em lidar com racismo recreativo e a importância em construir uma rede de apoio entre os muros da universidade, e apresentou suas inquietações dentro da atividade turística. Em seguida o Professor doutor Jonilson Correia, discorreu sobre o pensamento intelectual negra bell hooks, e estabeleceu diálogo da sua obra com outros pensadores da área da educação, principalmente a obra *pedagogia do oprimido* de Paulo Freire, que reflete sobre a pedagogia transgressora, destacando a necessidade de pensar estratégias decoloniais que estimule a transgressão de um modelo eurocentrado e se configure de fato em um turismo insurgente.

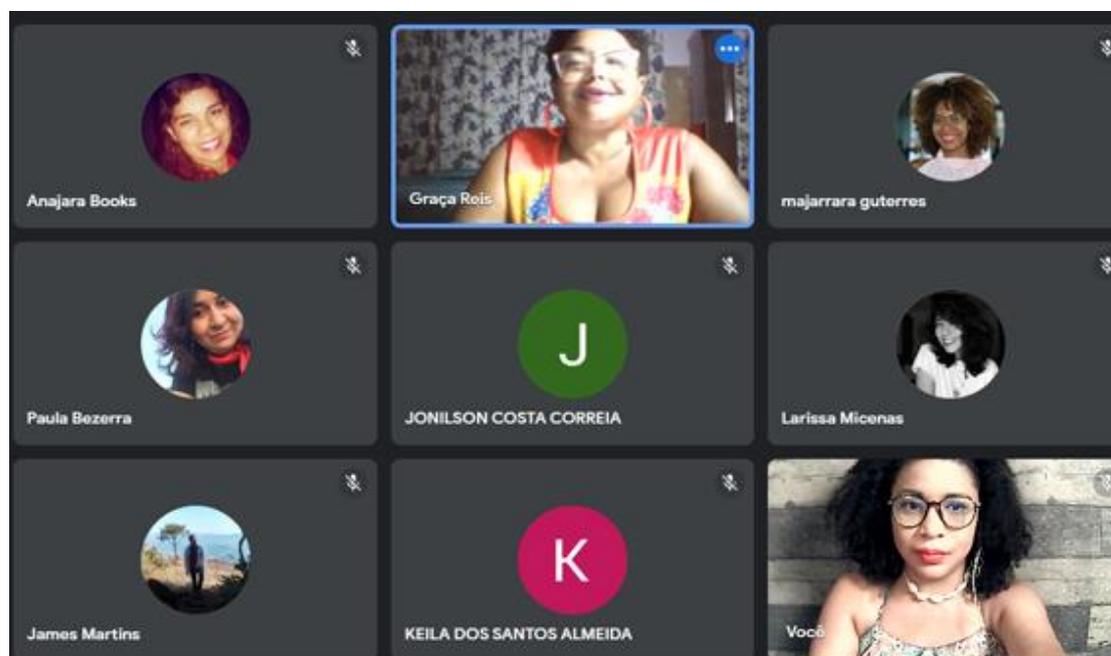
Em seguida o público presente teve a oportunidade de apresentar seus questionamentos que foram sanados pelos convidados, enriquecendo o debate. Finalizando a atividade a professora Mestre Graça Reis fez suas considerações finais

salientada a importância de uma pedagogia engajada que não esteja afundada nas estruturas de dominação.

A ação foi indispensável para refletir a educação para além da rotina de produção, ou seja, a simples partilha de informações, uma abordagem baseada na capacidade dos alunos consumir, memorizar e armazenar dados, mas que os alunos sejam participantes ativos, sendo necessário o estímulo ao engajamento crítico. A educação como prática de liberdade, é um exercício de abraçar as mudanças, fomentar o ensino multicultural e decolonial.

A hospitalidade, o acolhimento tanto debatido no turismo precisa compreender as marcas que racismo deixou na psique das pessoas negras, que o simples fato de sorrir é um desafio para algumas pessoas, como me foi relatado em uma das rodas de conversa da exposição, onde uma mulher negra socializou a dificuldade de sorrir devido ser ridicularizada na infância por ter uma gengiva escura. Ignorar essas marcas e tratar o turismo apenas como uma atividade comercial, é fortalecer a necropolítica, indo de encontro com o principal objetivo do turismo que é o lazer.

Fotografia 27: Ação educacional 02



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

7. METODOLOGIA

O projeto turístico teve como propósito atingir o seguinte objetivo geral: Realizar um evento que aborde o processo de construção da identidade cultural brasileira, a fim de compreender o impacto da colonialidade na psique de mulheres negras, apontando a importância da decolonização para o desenvolvimento do turismo étnico e é norteado pelas indagações: Qual o impacto da sustentação de discurso colonizador no estado do Maranhão considerado majoritário negro, e com potencial para o desenvolvimento do Turismo Étnico? Qual a sua colaboração para o epistemicídio e invisibilidade de intelectuais negras?

Dessa forma, o projeto turístico, no formato de evento cultural, executado na tipologia de exposição fotográfica, deu-se por quatro etapas, iniciou-se com a realização da pesquisa sobre o tema que seria abordado, logo em seguida a concepção do projeto e submissão no edital de credenciamento n.º 03/2020 propostas de exposições artísticas 2021, do Sesc Maranhão. Posteriormente ocorreu o planejamento e organização, pôr fim a implementação e execução.

A primeira etapa fundamenta-se em umas pesquisas bibliográficas, multidisciplinar, de caráter exploratório e descritivo. Segundo Marconi e Lakatos, (2000), os estudos descritivos têm como objetivo conhecer a natureza do fenômeno estudado, a forma como ele se constitui, as características e processos que dele fazem parte. Tendo a sua classificação enquanto à natureza aplicada, possuem como objetivo gerar conhecimento para aplicabilidade de ações de intervenções, com abordagem qualitativa que para MINAYO (2001), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Isto corresponderia a um espaço mais profundo das relações. Trata-se de uma pesquisa com nuances fenomenológicas que se propõe a estudar as experiências humanas em sua essência, que segundo Panosso Netto (2014) baseia-se na observação e na percepção do turismo em sua essência, a estruturação da significação, a compreensão dos aspectos históricos e a origem da problemática abordada, motivo pelo qual foi escolhido, uma vez que a proposta da pesquisa é romper com a tradicional e predominante análise positivista e sistêmica do turismo.

Para conseguir cumprir esta proposta o estudo será construído tendo por base teórica as considerações de feminismo negro de Djamila Ribeiro, assim como as considerações sobre descolonização de Grada Kilomba, os conceitos do turismo étnico Panosso Netto e Trigo.

A segunda etapa consiste na elaboração do projeto de serviço, que além de estar alinhado ao projeto de pesquisa, necessita de olhar atento uma vez que o edital selecionaria somente cinco propostas, duas delas em caráter de reserva, ou seja, somente três propostas seriam contempladas de fato, nesse sentido foi criado um memorial descritivo apresentando a proposta expografia assim como os conceitos que fundamentaria a instalação artística.

A terceira etapa consistiu no planejamento e organização do evento, com reuniões que visavam decisões sobre detalhamento executivo, uma fase de extrema importância uma vez que se tratava de processo criativo, com muitos atravessamentos, configurado em muitas camadas. Estabelecer um diálogo assertivo e empático foi crucial para êxito do evento, mas acima de tudo para respeitar a artista.

Findando a parte organizacional, iniciou a implantação, a execução propriamente dita, a montagem da exposição, as gravações dos vídeos de concepção e mediação, a realização de ações educacionais. Para mensurar a eficácia do evento foi disponibilizado questionário de caráter avaliativo para visitantes, o questionário foi disposto no site do evento e acessado através de QR Code, com o intuito de proporcionar à equipe um feedback sobre o evento e as ações desenvolvidas.

8. ESTRATÉGIAS DE MARKETING

Segundo Nogueira (2014) a conceituação de marketing estar incursa no desenvolvimento de soluções, na configuração de diversidade de produtos e serviços para um público-alvo, logo a força da produção artística e cultural estaria em todos os componentes da abrangência de sua concepção. Entre eles estão a proposta de valor, a sua distribuição, circulação, logística; viabilização econômica, a estratégia de divulgação e promoção.

O autor reflete sobre a complexidade o desenvolvimento da estratégia de marketing no produto artístico-cultural, uma vez que tipicamente o marketing focaliza na satisfação de uma demanda do mercado como principal razão de ser de um produto, os produtos artísticos consideram a necessidade de manifestação do artista, suas percepções subjetivas, emocionais e estéticas. Salientando que a função das estratégias deve estar direcionada ao produto e não ao mercado, sob o ponto de vista do mercadológico a sua representação é estabelecida pelos seguintes componentes:

O produto/serviço através de uma exposição ou espetáculo relacionado com o evento. Contato direto com o público.

Marketing no Mercado da Arte e o Processo Artístico de Criação:

O fator preço que viabiliza tanto o trabalho do artista assim como o seu apelo do público. A comunicação correta, pertinente e adequada para levar o público ao encontro da arte. (NOGUEIRA, 2014, p. 18).

Pautado nessas considerações a equipe organizadora desenvolveu dois vídeos para democratização do acesso, uma vez que a exposição foi concretizada em um período pandêmico devido crise sanitária do novo Coronavírus (COVID-19), a mutação viral que provocou uma pandemia global. Nesse sentido as pessoas que não se sentirem seguras para realização da visita, mesmo com avanço da vacinação e protocolos sanitários, poderão acessar tanto o processo de concepção, quanto a mediação virtual, com reflexões da artista e dos convidados.

As mídias sociais foram utilizadas para divulgação e promoção, tanto os pessoais, institucionais, como as criadas para o evento. O evento dispôs de um Instagram (APÊNDICE 31) com o perfil @descolonize__se, e também de um site (APÊNDICE 34), o <https://sanycastro12.wixsite.com/descolonize-se>. Para fomentar o debate e visita também foi desenvolvidas ações educacionais em formato digital.

9. PÚBLICO-ALVO

O público-alvo foi bem diversificado, pois um evento artístico cultural tem com características a atração de um público variado. As ações educacionais também foram pensadas para atrair uma gama de pessoas com interesses diversos na temática. Embora a concepção do evento tenha sido realizada por uma graduanda do curso de turismo, a mesma não se deteve na sua área de formação, mas buscou um diálogo multidisciplinar, prospectando escolas, professores, pesquisadores, artistas, atores culturais e a população de forma geral da nossa cidade e estado.

Sendo fundamental ressaltar a visitação do alunado do ensino fundamental, médio e superior, em algumas visitações era solicitado a presença da artista para debater com as turmas de forma presencial, e através de plataformas digitais, como foi o caso da turma de artes visuais do Instituto Federal do Maranhão - IFMA do Campus de Pinheiro, que no dia 6 de novembro realizou um encontro virtual com a artista e curador, depois de ter acessado os vídeos de concepção e mediação. No dia 11 de novembro aconteceu a visitação do curso de letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, no dia 12 ocorreu a visitação dos alunos do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA, pela manhã e da escola Novo Mundo pela tarde, exemplificando a heterogeneidade do público.

Fotografia 28: Alunos do IEMA



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

10. PARCERIAS E PATROCINADORES

A concretização da exposição fotográfica deu-se através do exercício de busca por editais, devido a experiências anteriores a artista optou em focar na construção de uma proposta que viabilizasse a estrutura necessária para realização. Diante do edital N.º 03/2020 de inscrições para credenciamento de propostas de exposições artísticas para compor a pauta 2021 da Galeria de Arte do Sesc no Centro e da Sala Sesc de Exposições no Jardim Renascença II do Departamento Regional do Sesc no Maranhão, vislumbrou a oportunidade para a execução, estabelecendo assim uma parceria com o curador James Martins, que se prontificou a assinar a curadoria mesmo sem seguridade da seleção.

O objetivo do edital foi contemplar propostas de exposições artísticas em Artes Visuais do estado do Maranhão, com ações presenciais e virtuais, com conceitos voltados aos temas: Meio Ambiente e Sustentabilidade, Acessibilidade Cultural, Infanto-Juvenil e Cultura Popular. Sendo necessário para a habilitação, o envio de uma proposta em formato de portfólio contendo os seguintes itens: Formulário de inscrição, termo de responsabilidade, termo de autorização para uso de imagem, portfólio do artista, currículo artístico, clipping e a proposta propriamente dita. Visando a convocação e contratação, buscamos investir no Sesc como a principal parceria, que entre suas obrigações tinha: pagamentos de cachê no valor bruto de R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais) por exposição aos artistas, supervisão e acompanhamento das exposições, acompanhar a montagem e desmontagem da exposição, dentro de sua capacidade de assessoria técnica, divulgar as exposições através das redes sociais e do site do Sesc, impressos ou textos e imagens providenciados pelo artista, desenvolver as ações educativas relacionadas ao acervo exposto (visitas mediadas e oficinas/workshops/palestras) juntamente com artista.

Ao contratado caberia a responsabilidade pelo transporte do acervo para a montagem da exposição no espaço agendado, assumir o compromisso de montagem da exposição, O artista contratado deverá ficar disponível no período da exposição para conceder entrevistas de divulgação, cumprir com todos os requisitos de inscrição descritos, fornecer equipamentos e materiais previstos e não disponíveis no Sesc, Providenciar e custear, as despesas da obra.

A exposição contou com apoio do AzTheBardo, que produziu a música que compõem a expografia, assim com convidados e palestrantes. Com as parcerias e o apoio de todos os citados acima, foi possível a realização da exposição fotográfica “Descolonize-se” que ocorreu entre 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021 na Galeria de Arte do Sesc MA.

11. ESTUDO DE VIABILIDADE ECONÔMICA

O estudo de viabilidade econômica é uma etapa fundamental para gestão de um projeto turístico, uma vez que busca avaliar sua aplicabilidade. Durante o planejamento estratégico a realização de um diagnóstico que apresentou vantagens do investimento, assim com as situações adversas, possibilita a elaboração de um plano eficaz que minimize os riscos.

A primeira etapa é a projeção dos custos, despesas do investimento, nesse sentido optamos por direcionar a proposta a submissão de editais, ainda que o mesmo não custeasse as despesas da exposição, a artista receberia um cachê que retornaria o investimento, além de acessar elementos necessários para execução do projeto, como: localização, design gráfico, publicidade e assessoria técnica.

O credenciamento da proposta foi uma etapa fundamental, mas a busca por apoiadores para obter recursos não inclusos no edital foi de grande relevância para ações educacionais, uma vez que, contou-se com a disponibilidade dos convidados para vídeo mediação, assim como os palestrantes, que aceitaram conferenciar de forma gratuita, contribuindo imensamente na concretização do projeto.

A execução do evento deu-se na galeria o Sesc Deodoro no centro da cidade de São Luís, um local acessível à população ludovicense e aos turistas. Onde concentra-se as narrativas históricas, logo contextualiza a exposição, promovendo um diálogo amplo embora nem sempre imediatista.

A assessoria técnica disponibilizada pelo Sesc - MA foi indispensável para efetivação do esboço projetado, primeiramente na montagem da exposição, posteriormente nas articulações das ações educativas, mas principalmente na mediação cultural dos visitantes. Diante de um cenário pandêmico, onde a população brasileira está imersa em incertezas, torna-se desafiador a realização de evento artístico cultural, uma vez que as necessidades básicas batem à porta, principalmente da população negra, além de preocupações com a segurança sanitária, faz-se necessário uma sensibilidade para apresentação de uma temática tão complexa, e nesse sentido fomos felizes em contar com uma equipe sensível e proativa.

Desta forma, foram utilizados todos os recursos disponíveis para a realização da exposição fotográfica Descolonize-se, de forma que alcançasse os objetivos traçados com eficácia.

12. CRONOGRAMA

Foi desenvolvido o seguinte cronograma para a realização da exposição, conforme mostra a seguir:

Tabela 1: Cronograma do Evento

ATIVIDADES	Janeiro 2021	Agosto 2021	Setembro 2021	Outubro 2021	Novembro 2021	Dezembro 2021	Janeiro 2022
Concepção do Projeto do Evento	x						
Organização e planejamento		x					
Montagem			x				
Definição das atividades Educacionais				x			
Execução do projeto do evento				x	x	x	
Produção do relatório do evento					x		
Depósito do relatório do evento							x
Defesa do projeto							x

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

13. ORÇAMENTO DO EVENTO

As tabelas abaixo apresentam os recursos que foram empregados para a execução do evento, bem como a justificativa dos recursos e suas procedências. O gasto total foi de R\$ 1.849,00 (Mil oitocentos e quarenta nove reais).

Tabela 2: Orçamento

Itens	Discriminação	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total	Justificativa	Procedência do Recurso
1	Impressão	09	R\$50,00	R\$450,00	Composição da expografia	Custeado pela artista / discente
2	Tecidos	04	R\$35,00	R\$140,00	Composição da expografia	Custeado pela artista / discente
3	Espelho	01	R\$80,00	R\$80,00	Composição da expografia	Custeado pela artista / discente
4	Costureira	-	-	R\$50,00	Acabamento das impressões em tecidos	Custeado pela artista / discente
5	Quadro Interativo	01	R\$47,00	R\$47,00	Composição da expografia	Custeado pela artista / discente
6	Canetas	02	R\$5,00	R\$10,00	Suporte para quadro interativo	Custeado pela artista / discente
7	Postite	01	R\$10,00	R\$10,00	Suporte para quadro interativo	Custeado pela artista / discente
8	Caixa de Som	01	R\$130,00	R\$130,00	Suporte para projeção musical	Custeado pela artista / discente
9	Pen drive	01	R\$35,00	R\$35,00	Suporte para projeção musical	Custeado pela artista / discente
10	Quadro 25x25	01	R\$19,00	R\$19,00	Composição da expografia	Custeado pela artista / discente
11	Sketchbook	01	R\$51,00	R\$51,00	Composição da expografia	Custeado pela artista / discente
12	Máscara	01	R\$10,00	R\$10,00	Composição da expografia	Custeado pela artista / discente
13	Bastidor	01	R\$20,00	R\$20,00	Composição da expografia	Custeado pela artista / discente
14	Chaveiros	10	R\$5,00	R\$ 40,00	Composição da expografia	Custeado pela artista / discente

15	Impressões 10x15	20	R\$0,50	R\$10,00	Composição da expografia	Custeado pela artista / discente
16	Modelo	-	-	R\$200,00	Auxiliar na criação da obra	Custeado pela artista / discente
17	Curadoria	-	-	R\$500,00	Auxiliar na concepção	Custeado pela artista / discente
8	Banner	01	-	-	Identificação	Custeado pelo Sesc
9	Adesivo com texto curatorial	01	-	-	Identificação	Custeado pelo Sesc
0	Música	-	-	Sem custo	Composição da expografia	AzTheBardo
1	Captação e edição de vídeo	-	-	-	Elaboração dos vídeos	Custeado pelo Sesc
2	Suporte de Ferro	08	-	R\$47,00	Suspensão das impressões em tecidos	Custeado pela artista / discente
Valor total		R\$1.849				

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

14. RESULTADOS ESPERADOS

Por meio da realização do evento, os resultados esperados estão expostos abaixo de acordo com os resultados obtidos com sua realização.

- I. Realizar um evento artístico cultural, voltado para temática da decolonização afro maranhense
- II. Evidenciar a importância da decolonização para o desenvolvimento do turismo étnico.
- III. Promover troca de experiências e conhecimentos sobre a decolonização de corpos, imagens e patrimônio.
- IV. Fomentar os estudos e pesquisas, debates e promoção de projetos turísticos sobre a decolonização.

15. AVALIAÇÃO

Com objetivo de compreender as percepções e sensações do público ao realizar a visita à exposição, obtendo assim um retorno crítico do trabalho, a Equipe organizadora elaborou um questionário de avaliação para ser respondido pelo público. Os questionários foram elaborados em plataforma digital e disposto na exposição através de QR Code, apresentado aos visitantes pelos monitores no fim da visitação.

A exposição recebeu no total 162 (cento e sessenta e duas) visitas, sendo 52 (cinquenta e duas) no mês de outubro, 60 (sessenta) no mês de novembro e 50 no mês de dezembro. Das visitas 45 (quarenta e cinco) foram mediadas. As ações virtuais se contabilizaram da seguinte forma: O vídeo conceito em outubro, obteve 621 (seiscentos e vinte e uma) visualizações no Instagram e 105 (cento e cinco) no YouTube, mediação virtual com 43 alunos do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA. No debate a participação 14 pessoas na primeira mesa e 10 pessoas na segunda mesa, e vídeo mediação alcançou 507 (quinhentas e sete) visualizações no Instagram. 57 (cinquenta e sete) no YouTube e 28 (vinte e oito) no Facebook.

Em relação aos questionários, conseguiu-se 60 respondidos pelos participantes. O questionário foi composto, por 13 perguntas e um espaço para observações. Em relação ao questionário as perguntas foram de identificação, sobre as sensações e percepções adquiridas durante a imersão na obra, estando relacionada as reflexões da proposta e aposte teórico utilizado pela artista.

Para evidenciar e demonstrar como foram respondidos os questionários pelos participantes foi feita a tabulação e análise dos dados com suas devidas porcentagens para melhor entendimento. A seguir, estão os gráficos que foram criados com as porcentagens referentes ao perfil dos visitantes da exposição e referentes às perguntas do questionário de avaliação.

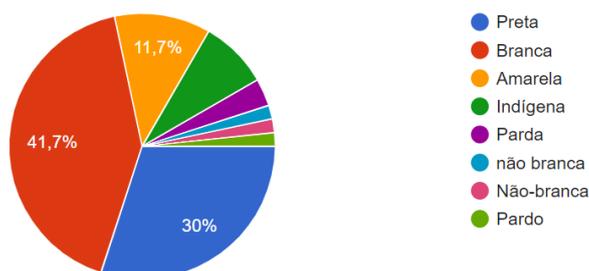
O primeiro gráfico analisa a etnia dos visitantes, demonstra 41% se identificam como brancos, 30% como pretos, 11,7% como amarelos, 8,3% indígenas e 8,3 de outras etnias.

Deste modo constatamos que a exposição dialogou com a branquitude de forma direta, sendo a maioria do público, uma ação relevante, uma vez que o racismo é uma problemática da branquitude, sendo fundamental que os mesmos se debrucem nas dimensões críticas desse sistema estrutural e estruturante, rompendo a postura neutra, ou até mesmo a utilização da titulação antirracista como ferramenta narcísica de investimento na sua própria imagem, a construção literal de um olhar que não ver, que só

enxerga o conveniente. Nesse sentido a exposição agrega a possibilidade de desenvolvimento de uma conduta ativa, comprometida com a luta antirracista, estabelecendo uma ruptura com as políticas da ignorância, na medida que a ideologia negacionista é mola propulsora do racismo.

Gráfico 1: Etnia

60 respostas



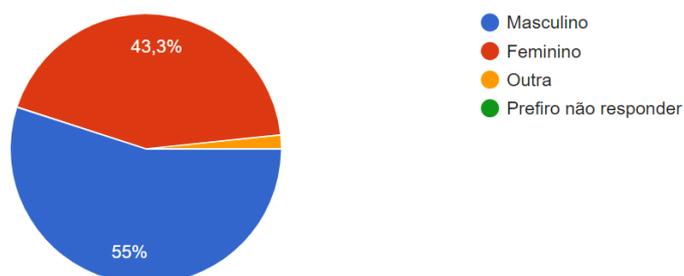
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Com relação ao gênero, verificou-se 55% do público se identificou como masculino, 43,3% como feminino e 1,7 preferiu não se identificar.

Levando em consideração que a representação histórica de intelectualidade é atributo ao gênero masculino, assim como protagonismo de violências sistêmicas, os dados reiteram a execução de uma contra narrativa, visto que o trabalho dialogou com principais agentes e beneficiados dos arranjos da colonialidade. Um embate concreto com o patriarcado, com simbologias sexista e racista que são introjetadas, fomentado o pensamento o interseccional.

Gráfico 2: Gênero

60 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

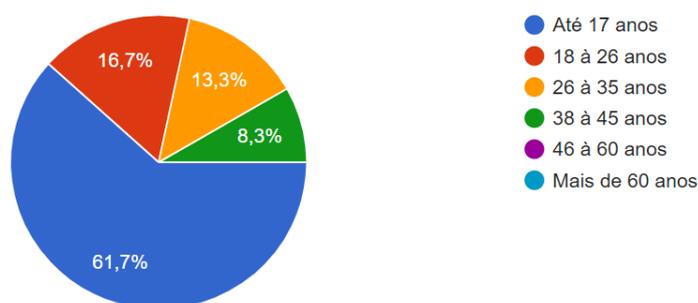
Quanto a faixa etária averiguou-se que 61% teria até 17 anos, 16,7% entre 18 e 26 anos, 13,3% entre 26 e 35 anos, 8,3% 38 a 45 anos.

Os dados apresentados enquanto faixa etária demonstram a contribuição do projeto para desmembramento do colonialismo epistemológico, principalmente no que se refere ao fortalecimento da implementação da Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, que mesmo com obrigatoriedade não é uma realidade concreta na maioria das escolas.

Nesse sentido salientou-se que ações artísticas culturais são ferramentas pedagógicas de análise sociocultural que facilitam o desenvolvimento crítico de públicos diversos.

Gráfico 3: Faixa Etária

60 respostas



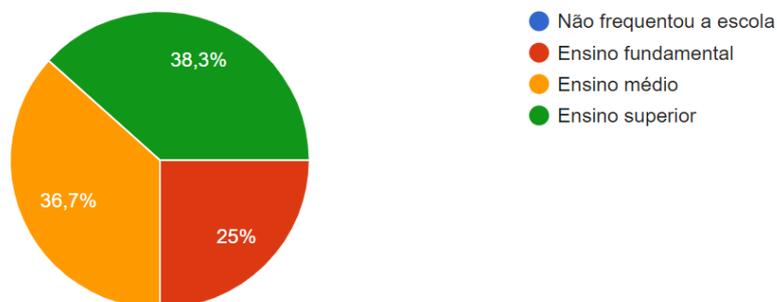
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

No quesito escolaridade apurou-se que 38,3% do público possuía o ensino superior, 36,7% o ensino médio e 25% o ensino fundamental.

Segundo Fanon (2008) A dimensão crítica do questionamento é uma experiência desafiadora, sendo necessário recursos intelectuais e emocionais, para examinar a linguagem apresentada. Nesse sentido podemos notar que a proposta alcançou um diálogo com o público diverso, com níveis de escolaridade distintas, reiterando a contundência da proposta.

Gráfico 4: Escolaridade

60 respostas

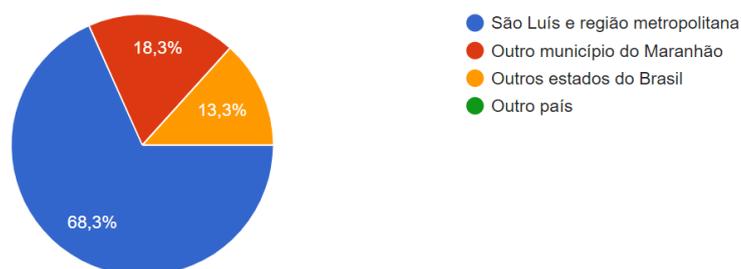
**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

Em questão a naturalidade 68% dos visitantes são de São Luís e região metropolitana, 18,3% de outros municípios do Maranhão e 13,3 outros estados do Brasil.

De acordo com os dados a população maranhense foi o principal público da exposição, recebendo um irrelevante número de turistas, o que pode ser explicado pelo cenário pandêmico provocada pelo novo Coronavírus, sendo necessário o agendamento prévio para manutenção das medidas seguranças, o que de certa forma comprometeu a fluidez da visitação.

Gráfico 5: Naturalidade

60 respostas

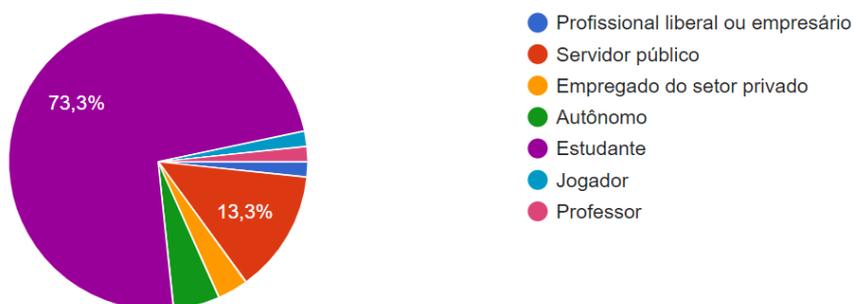
**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

Quando se trata da ocupação 73,3% dos visitantes declaram ser estudantes, 13% servidor público, 5% autônomo, 3,3% empregado do setor privado e 5,4% desenvolviam outras atividades.

Nota-se que estudantes formam grande parte do público alcançado, demonstrando que os objetivos traçados foram atingidos, fomentando assim o pensamento decolonial e novas ecologias do saber.

Gráfico 6: Ocupação

60 respostas



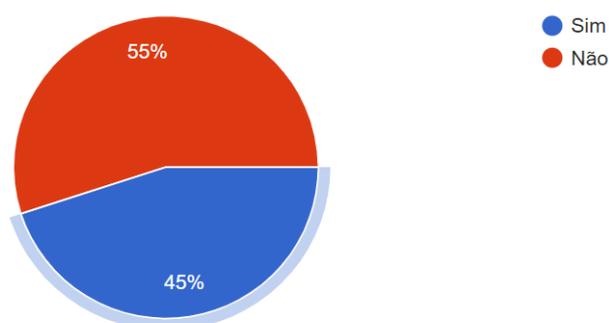
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Levando em consideração o histórico de visitação em eventos artísticos e culturais dos visitantes, 55% declarou nunca ter visitado uma exposição semelhante ou com discurso similar, enquanto 45% já teria participado.

Conforme podemos observar, existe uma deficiência na democratização do acesso, uma vez que parte significativa dos entrevistados declaram nunca terem experienciado um diálogo com temática da proposta.

Gráfico 7: Visitação em Exposições Semelhantes

60 respostas

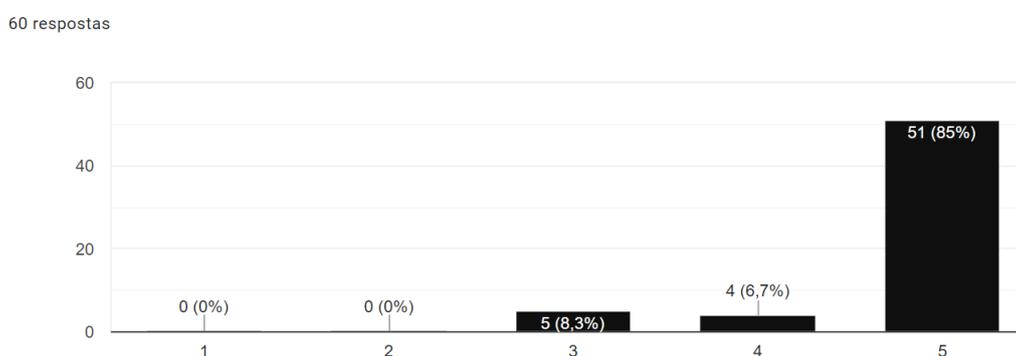


Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Em relação ao nível de relevância de ações artísticas e culturais para o desenvolvimento do pensamento antirracista, em uma escala de 1 a 5 de grau de importância, 85% afirmou ser muito importante, atribuindo o grau 5, 6,7% o grau 4 e 8,3% o grau 3 de importância.

Consequentemente podemos constatar a pertinência da elaboração de projetos artísticos culturais como instrumentos pedagógicos para abordar temáticas que estão em voga, ampliando reflexões que na maioria das vezes são restritas.

Gráfico 8: Nível de importância de Ações Artísticas Antirracistas



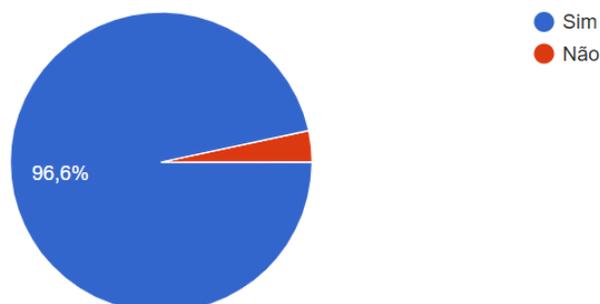
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Levando em consideração o caráter educativo proposto pela exposição, verificou-se que 96% dos visitantes adquiriram novos conhecimentos.

Uma vez que a educação como prática de liberdade visa a disseminação de múltiplas formas do saber, podemos verificar que a intercessão em teoria e vivência não comprometeu a eficácia dos resultados.

Gráfico 9: Novos Conhecimentos

59 respostas

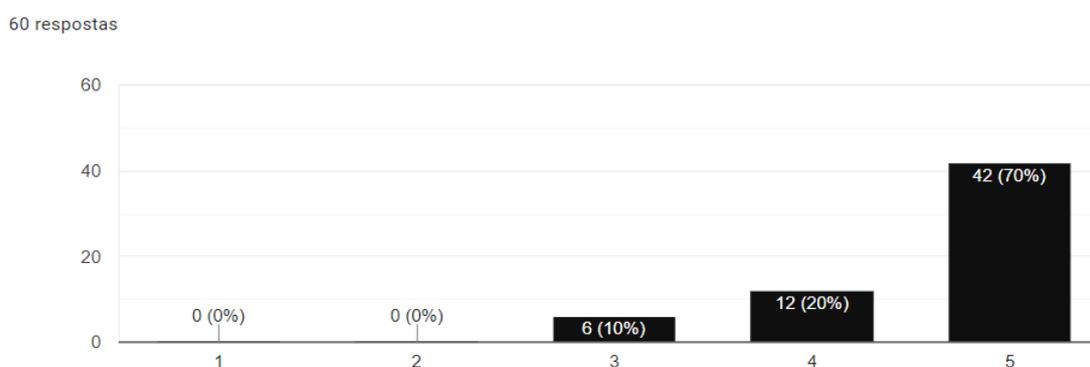


Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

No quesito de relevância da exposição para construção de narrativas contra hegemônica, averiguou-se em uma escala de 1 a 5 em grau de relevância, 70% considerou muito relevante atribuindo ao grau 5, 20% ao grau 4 e 10% ao grau 3.

Os dados demonstram que faz-se necessário um investimento em ações semelhantes, devido ao grau de relevância apresentado, demonstrando também que existe uma demanda que está sendo negligenciada, uma vez que a construção de narrativas contra hegemônicas transcendem a representatividade, visto que não basta ocupar um lugar figurativo, onde suas ações e falas são delimitadas, faz-se necessário uma autonomia real, que só será possível com a ruptura da colonialidade, e a elaboração de políticas decoloniais.

Gráfico 10: Relevância para Contranarrativas



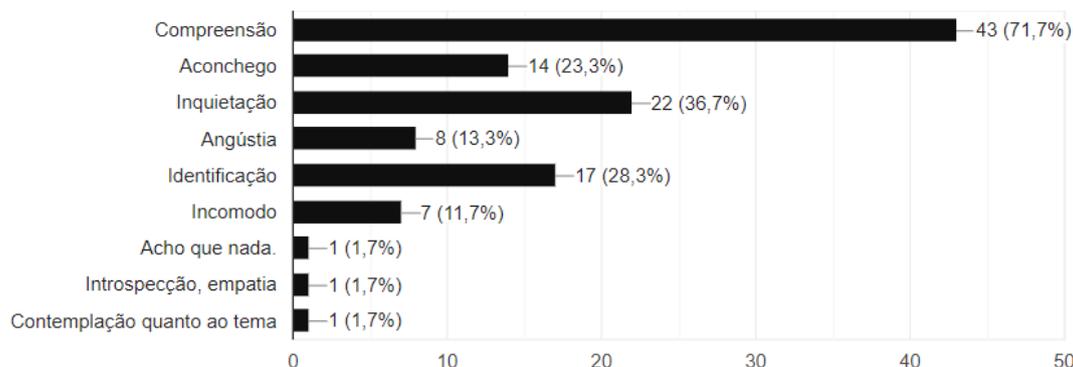
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Analizando os aspectos sensoriais, quando questionado quais sentimentos a visitação provocou, 71,7% declarou sentir compreensão, 36,7% inquietação, 28,3% identificação, 23,3% aconchego, 13,3% angustia, 11,7% incomodo e 1,7% outros sentimentos, entre eles foi citado empatia, introspecção, contemplação e indiferença.

Segundo Fanon (2008) a liberdade requer visibilidade, ou seja, uma dialética entre o eu e outro, o autor ressalta que é pelo homem que a sociedade chega ao ser, logo o auto reconhecimento requer um exercício de troca. Nesse sentido é impressindível analisar os aspectos sensoriais, a maneira que a exposição atravessou a subjetividade de cada visitante, uma vez que verificamos que a compreensão foi aspecto mais evidente, podemos inferir que existiu uma interferência na dinâmica sociocultural.

Gráfico 11: Sensações

60 respostas



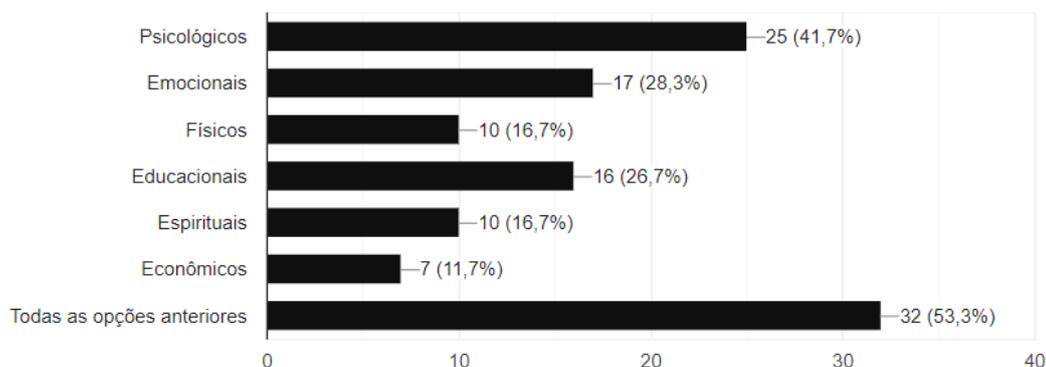
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Considerando o impacto das imagens na construção da identidade nacional da população negra, questionou-se os danos adquiridos nesse processo, 41,7% considerou os danos psicológicos, 28,3%, emocionais, 26,7% educacionais, 16,7% espirituais e físicos, 11,7% econômicos e 53,3% declarou todas as opções anteriores.

Para Fanon (2008) a verdadeira desalienação do projeto colonial, estaria na tomada de consciência das relações econômicas e sociais, sendo os danos psicológicos o resultado desse duplo processo, que ele chama da epidermização da inferioridade. Provocar os espectadores a refletir sobre esses danos, é de certa forma incentivada a concepção de estratégias para neutralizar essas sequelas, no âmbito público e privado, uma vez que maioria dos entrevistados identificam que a construção da identidade nacional deixou danos multidimensionais a população negra.

Gráfico 12: Danos causados à População Negra

60 respostas



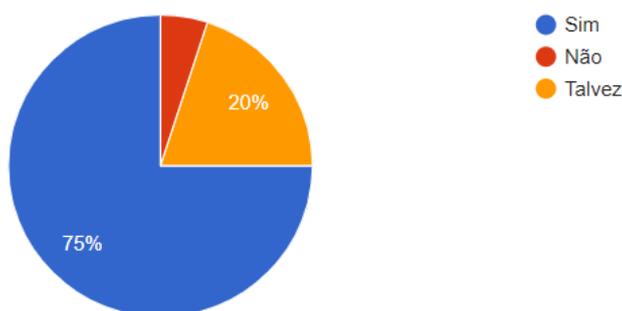
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quanto a contribuição da exposição para modificação de padrões socioculturais, 75% dos investigados responderam de forma afirmativa, 20% com talvez e somente 5% de forma negativa ao questionamento.

De acordo com Fanon (2008) para a compreensão sociocultural em sua totalidade é necessário a observação dos planos objetivos e subjetivos, salientando que precisamos sacudir o tecido da incompreensão, e literalmente essa foi a motivação desse trabalho, atravessar a linha da patologia social, enjambrada pelo racismo, vislumbrando um futuro sustentável, uma intenção atingida segundo os entrevistados, que em sua maioria declarou que a exposição contribuiu para modificação de padrões socioculturais.

Gráfico 13: Contribuição para Modificações dos Padrões Socioculturais

60 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

O espaço destinado à observação ou possíveis críticas construtivas foi em sua maioria respondido com mensagens que parabenizavam as organizadoras pelo evento, entre elas destacamos as seguintes:

“A exposição trata de um tema recorrente, porém com uma proposta inovadora e, ao mesmo tempo peculiar, passível de ser percebido a partir do olhar artístico a crítica ao pensamento colonialista que está aí presente na sociedade atual. Parabéns aos envolvidos!”.

“A exposição foi uma reparação para o povo negro ludovicense e deveria ser aberta mais vezes para escolas, educadores e sociedade em geral. A artista está de parabéns por trazer uma temática tão relevante socialmente, posto que a arte pela arte para nós pretos e pobres e surda e muda, se ver e reconhecer numa exposição é uma resistência.”.

“Parabenizo a concepção da exposição, todo estudo teórico e principalmente a vivência da artista. Sua experiência individual nos diz muito enquanto coletivo. Nos convida a revisitar nossas dores, incômodos e traduz nossas potências que na maioria das vezes são apagadas com tantas micro-lesões provocadas pelo racismo estrutural e estruturante. Um verdadeiro presente para São Luís, capital de um dos estados mais negros desse Brasil. Compreender todos esses atravessamentos perpassa por todas as manifestações culturais, intelectuais, artísticas, políticas e reforça a formação de plateia com novos imaginários protagonizados pelas pessoas negras que séculos tiveram seu direito à cultura, à educação negados em sua plenitude. Parabenizo, também, o Sesc em acolher produções com essa grandeza e rasurar o racismo institucional. Por fim, sucesso, prosperidade e muito axé a Sunshine Santos e agradeço o “abraço” recebido em cada ambiente da exposição. Viva espelho de Oxum e todas as tecnologias ancestrais que temos na luta antirracista no Maranhão, no Brasil e no mundo!”.

“A exposição foi muito impactante e trouxe muitos questionamentos importantes. As imagens, montagem e demais elementos conseguiram passar mensagens fortes que reverberaram muito em mim. Sem sombra de dúvidas foi muito educativa e contribuiu para mudar meu modo de ver e agir. Obrigado Sunshine por este trabalho.”,

“Belíssima exposição! Importantíssima no qual abrange um assunto até hoje discutível, a exposição acima de tudo trouxe histórias, nomes e perguntas que tocam o nosso emocional e psicológico. Amei!”.

“Uma exposição que instiga e contribui para com o tema, de iniciativa super válida e bem executada nos mais diversos níveis. Parabéns aos envolvidos!”.

“Foi incrível a exposição e o diálogo que tivemos com a Sunshine, saber que ela fez o que fez e conseguiu o que tanto almejava foi realmente encantador e envolvente”

“Exposição extremamente necessária que precisa circular por outros espaços, inclusive escolas”.

16. COMPOSIÇÃO DA EQUIPE TÉCNICA

Para execução do projeto artístico cultural na modalidade de exposição fotográfica, foi estabelecida a seguinte equipe:

Tabela 3: Composição da Equipe Técnica

Equipe técnica	Função
Sunshine Santos	Artista e idealizada do projeto
James Martins	Curadoria
Paula Barros	Produção Técnica
Betânia Pinheiro	Orientação e supervisão
Adeta Holanda	Expografia, montagem e iluminação
Larissa Micenas	Expografia, montagem e iluminação
Jeif Karaf	Captura de imagem e edição

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

17. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descolonize-se é resultado do Trabalho de Conclusão do Curso, realizado na forma de evento cultural, executado na tipologia de exposição fotográfica, tendo como objetivo principal refletir sobre a importância da decolonização para desenvolvimento do turismo étnico em um estado majoritariamente negro, contribuindo para a concepção do turismo decolonial.

Os eventos artísticos e culturais tornaram-se indispensáveis, sendo eles ferramentas de disseminação de novas ecologias dos saberes. Dessa maneira, pensou-se realizar um evento que estimulasse trocas de experiências, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da população maranhense, para alunos, professores, pesquisadores, profissionais do turismo e áreas afins.

Na realização deste evento contou-se com a participação de profissionais de vários campos do saber, sendo estes qualificados para a abordagem do tema tratado, o discurso dos participantes tratou das relações de poder envolta da história, da construção de identidade nacional e regional, a necessidade da construir novas paisagens culturais, refletindo a possibilidade de desenvolver estratégias multiculturais democratizando o acesso ao patrimônio e fomentando o turismo étnico maranhense.

Eventos culturais são aliados ao turismo, servindo como ferramenta fundamental para aperfeiçoamento, promoção e consolidação de destinos, a exemplos dos grandes festivais de fotografia e cinema, o estímulo da arte contemporânea no estado é uma maneira de ativar o empreendedorismo e economia colaborativa, uma vez que os artistas independentes não trabalham de forma isolada, mas necessitam de uma rede de apoio para realização de uma obra, e de um evento.

A exposição promoveu um debate relevante, permitindo que visitantes de faixa etária diversas e realidades distintas, acessassem autores e pesquisas fundamentais para estruturação de uma sociedade mais igualitária, contribuindo para o turismo consciente, ou seja, que considere os seus impactos atuais e futuros nos atores sociais. É urgente repensar as relações predadoras e o apartheid social promovido pela colonialidade, somente rompendo com a necropolítica, e as micro agressões, teremos as ferramentas necessárias para desenvolver um turismo sustentável.

Torna-se impossível descrever tudo o que foi a exposição descolonize-se, todas emoções, sensações, relatos de experiências. Lembro de um relato em especial que me marcou profundamente, em um dos encontros com alunos do ensino fundamental, uma

das alunas compartilhou que sua irmã de apenas seis anos, sempre ao jogar videogame, escolhia personagens brancas, e ao ser questionada, ela afirmou que desejava ter outra realidade, uma realidade onde ela não fosse negra, onde ela pudesse ser branca. O desejo dessa criança demonstra as marcas do racismo na psique, o desejo de embranquecimento, o desejo de ser vista, demonstra a importância da representatividade na construção identitária.

A cultura afro maranhense não pode ser simplesmente embalada e vendida. Ser compreendida dentro da sua complexidade é o maior diferencial competitivo que podemos adquirir. A autenticidade e a autonomia da população maranhense são sua encantaria, para além do espetáculo junino, o Maranhão é um grande quilombo, é terra indígena, é terra de preto, é um assentamento ancestral que precisa ser visitado com cuidado e principalmente respeito.

Obtivemos êxito com a exposição, considerando a proporção do evento como positiva, já que os objetivos foram alcançados, mesmo diante de uma situação pandêmica, pois com a temática estabeleceu-se debates, houve momentos de trocas de informações, que tornou um espaço interativo, contribuindo para aquisição de novos conhecimentos.

Ao analisar a exposição, verificou-se que há a necessidade de realização de mais eventos com essa temática para que possa haver de fato a decolonização, e a ampliação de uma linguagem contra hegemônica, uma vez que o turismo é multidisciplinar, requerendo um diálogo com múltiplas áreas do saber.

Ao avaliar os resultados observou-se o quanto a temática atravessou o público, estabelecendo um diálogo direto com diferentes etnias, promovendo provocações, acolhimento, identificação. Evidenciando que eventos desse porte estimula discussões socioculturais, de forma a beneficiar e contribuir para a comunidade e academia. Por fim, este evento obteve resultados assertivos, proporcionando desdobramentos pessoais e profissionais favoráveis, uma vez que o trabalho não finda com a consolidação do produto, a repercussão da obra permanecerá reverberando nas plataformas digitais, podendo ser facilmente acessada, e utilizada com ferramenta de formação decolonial.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; tradução Julia Romeu. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BAHL, M. **Roteiros e eventos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do turismo**. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 3., 2005, Caxias do Sul. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2005. 1 CD ROM. BORGES, R. C. S. ; BORGES, Rosane S. . **Mídia e Racismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2012. v. 1. 244p.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

DIAS FILHO, A. J. . **O Turismo sexual no Brasil**. Semata (Santiago de Compostela), v. 16, p. 373-385, 2005.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. **Conferência na Universidade Federal da Bahia**. 2017. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html/> Acesso em 03 nov. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio**. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>> Acesso em: 03 nov..2019.

GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

LEITE, Cléa Aguiar. **A representação da “mulher brasileira” construída pela Embratur entre 1966 e 1985**. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. 2017
MANN, Peter H. **Métodos de investigação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MARANHÃO. Secretaria Estadual do Turismo. **Cidade Patrimônio, História e Arquitetura**. Disponível em: <http://www.turismo.ma.gov.br/cidades-patrimonio-historia-e-arquitetura/> Acesso em: 03 nov. 2019.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, Marina de Andrade Marconi E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo.

MTUR. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo**. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf. Acesso em: 03 nov. 2019.

NOGUEIRA, Ilda Maria Afonso Monteiro. **Marketing no mercado da arte e o processo artístico de criação: um estudo de caso**. Mestrado em Comunicação e Marketing. Instituto Politécnico de Viseu. 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.19/2507>. Acesso em: 01 nov. 2021.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NECHAR, Marcelino Castillo. **Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. São Paulo, 8(1), pp. 120-144, jan./mar. 2014.

PANOSSO NETTO, Alexandre; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo étnico afro no Brasil**. VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Balneário Camboriú/SC. 2011.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo Cultural**. Uma visão antropológica. El Sauzal (Tenerife. Espanha): ACA y PASOS, RTPC. 2009.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

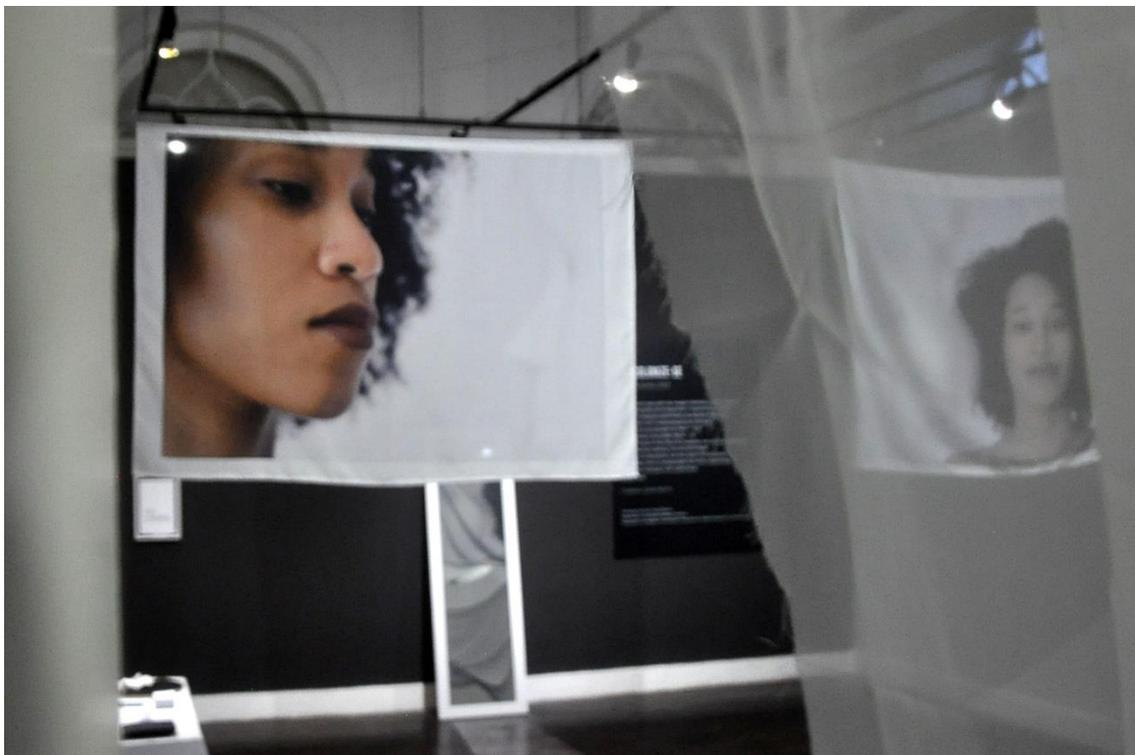
RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. Brasil: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2009.

TORRES, Nelson Maldonado. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto** en “El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global”, Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, Bogotá, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 – Transição da primeira sala para a segunda sala



APÊNDICE 02 – Páginas que compõem o caderno de processo



APÊNDICE 03 – Páginas que compõem o caderno de Processo 01



APÊNDICE 04 – Páginas que compõem o caderno de processo 02



APÊNDICE 05 – Páginas que compõem o caderno de processo 03



APÊNDICE 06 – Páginas que compõem o caderno de processo 04



APÊNDICE 07 – Páginas que compõem o caderno de processo 05



APÊNDICE 08 – Páginas que compõem o caderno de processo 06



APÊNDICE 09 – Páginas que compõem o caderno de processo 07



APÊNDICE 10 – Código QR Code



APÊNDICE 11 – Espaço interativo



APÊNDICE 12 – Poesia do ensaio Visagem

VISAGEM (2020)

A suposta benevolência
O alívio de consciência
Laços de conveniência
Na visualidade me faz invisível
Na visibilidade me faz cotação
No íntimo me faz utensílio
Me ver, mas não me enxerga
Olha pra mim com foco em ti...
Tudo se resume em um álibi racial
A visualidade projetada
O discurso simulado
O realismo artificial
O protagonismo sobre capricho
Seja adequação
Corresponda a idealização
Fale o necessário
Escutarei o conveniente
Converta-se aos meus interesses
Ou deslanche ao preterimento

Sobre a solidão da mulher negra no trânsito contínuo entre visualidade e visibilidade, um alívio poético inspirado na reflexão de Rosane Borges.

APÊNDICE 13 – Ensaio Visagem



APÊNDICE 14 – Ensaio Visagem 02



APÊNDICE 15 – Ensaio Visagem 03



APÊNDICE 16 – Poesia do Ensaio Asfixia

Asfixia (2020)

A efervescência liquidez

De uma Arrogância ultrajante

O ser universal que faz do outro marginal.

Apneia existencial

Especificidade abnegada.

Suicidar sociabilidades

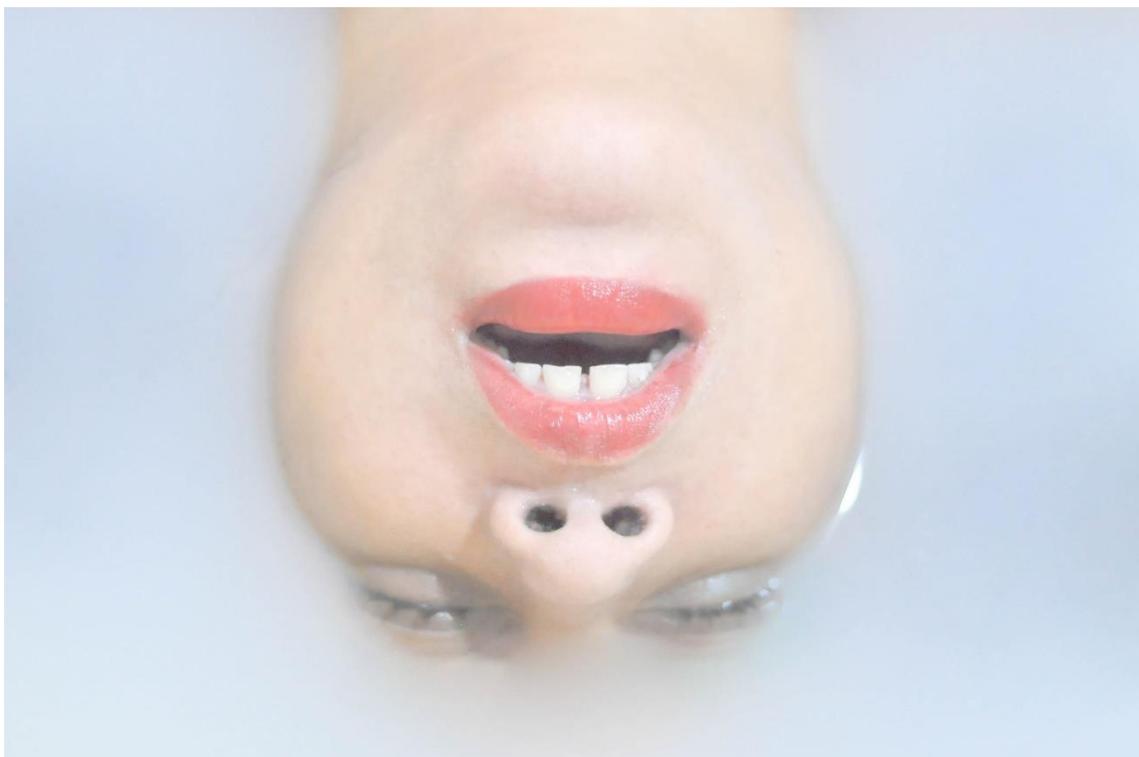
É imergir em si,

É ancestralizar.

APÊNDICE 17 – Ensaio Asfixia



APÊNDICE 18 – Ensaio Asfixia 01



APÊNDICE 19– Ensaio Asfixia 02



APÊNDICE 20 – Ensaio Asfixia 03



APÊNDICE 21 – Ensaio Asfixia 04



APÊNDICE 22 – Poesia do Ensaio Desaninho

Desaninho (2020)

Um emaranhado de emoções

Chagas à espera de sutura

Um encontro na encruzilhada

Entrelinhas de dores compartilhadas

Um eu coletivo

Que vomita emancipação

Rompendo com a padronização

E que sangra por autodefinição

As cicatrizes da colonização

São vestígios de anulação

Memórias de alienação

Uma dança entre agressão e autoagressão.

APÊNDICE 23 – Ensaio Desaninho 01



APÊNDICE 24 – Ensaio Desaninho 02



APÊNDICE 25 – Ensaio Desaninho 03



APÊNDICE 26 – Ensaio Desaninho 04



APÊNDICE 27 – Ensaio Desaninho 05



APÊNDICE 28 – Ensaio Desaninho 06



APÊNDICE 29 – Ensaio Desaninho 07



APÊNDICE 30 – Ensaio Desaninho 08



APÊNDICE 31 – Ensaio Desaninho 09



APÊNDICE 32– Instagram Descolonize-se



The image shows the Instagram profile page for the account 'descolonize__se'. The profile picture is a circular graphic with the text 'DESCOLONIZE-SE' and a portrait of a person. The bio includes the following information: 'Exposição fotográfica | Sunshine Santos', 'Curadoria | James Matins', 'Realização | Sesc Maranhão', 'Produção Técnica | Paula Barros', and a website link 'sanycastro12.wixsite.com/descolonize-se'. It also shows that the account is followed by 145 people and has 21 posts and 130 followers. At the bottom, there are six category icons: 'Desmontag...', 'Visitação', 'Ações', 'Expografia', 'Videos', and 'Montagem'.

descolonize__se [Enviar mensagem](#)   

21 publicações 130 seguidores 145 seguindo

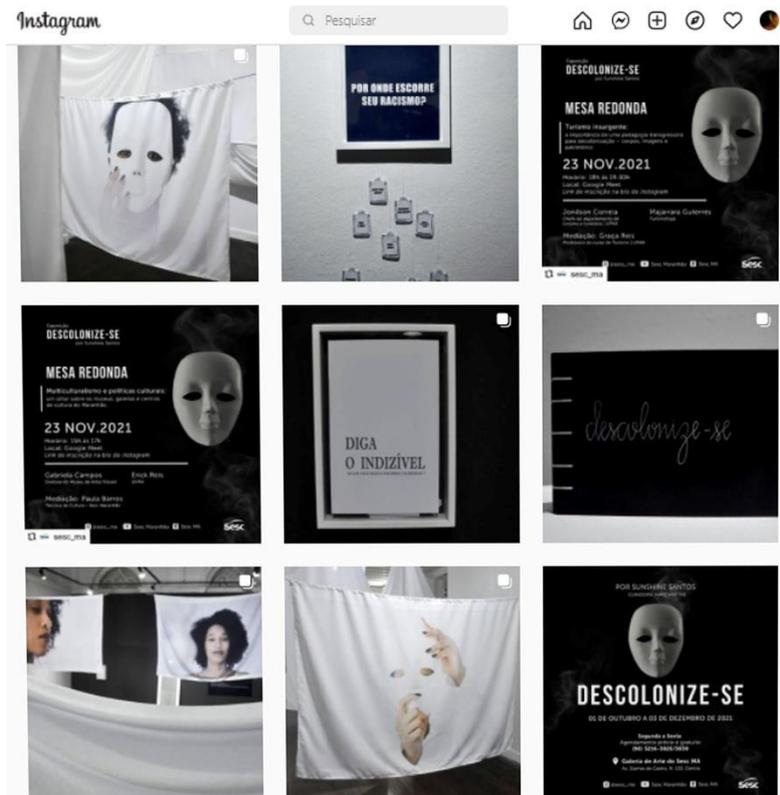
Descolonize-se
Exposição fotográfica | Sunshine Santos
Curadoria | James Matins
Realização | Sesc Maranhão
Produção Técnica | Paula Barros
sanycastro12.wixsite.com/descolonize-se

Seguido(a) por [jo_brandao](#), [lucye.dnz](#), [nanadriika](#) e outras 39 pessoas

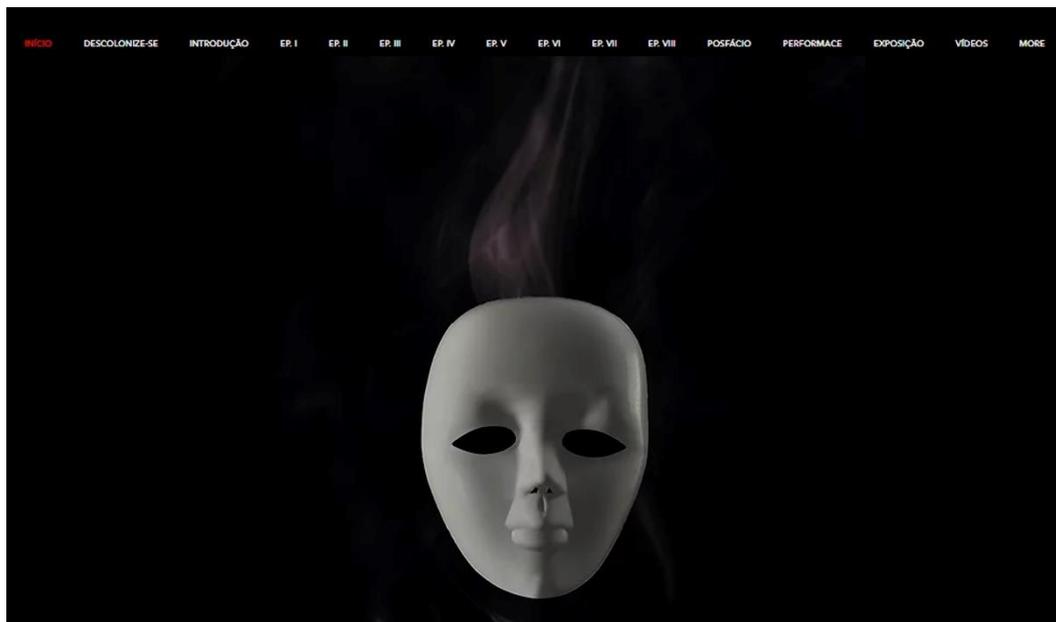
     

Desmontag... Visitação Ações Expografia Videos Montagem

APÊNDICE 33 – Feed Instagram Descolonize-se



APÊNDICE 34 – Site Descolonize-se



APÊNDICE 35 – Audiobook



The image shows a screenshot of a website's audiobook player. The background is black with white text and a faint, ethereal image of smoke or mist on the left side. At the top, there is a navigation menu with the following items: INÍCIO, DESCOLONIZE-SE, **INTRODUÇÃO**, EP. I, EP. II, EP. III, EP. IV, EP. V, EP. VI, EP. VII, EP. VIII, POSFÁCIO, PERFORMANCE, EXPOSIÇÃO, VÍDEOS, and MORE. The main heading is "INTRODUÇÃO". Below it, there is a player control bar for the track "VIDA SEM AMACIANTE: HISTÓRIAS DE DORORIDADE - Sunshine Santos", showing a play button and a progress bar at 00:00 / 00:46. Below the player, there are two paragraphs of text in white.

Entre escutas e vivências, apresento uma série de histórias repetidas, no intuito de questionar: *Quantas vezes ainda precisamos ouvir histórias assim, para decidir escrever novas histórias?*

Conto não para sobressaltar dores, mas como exercício curativo, nomeando os fantasmas coloniais que nos

APÊNDICE 36 – Vídeo Mediação



sesc_ma • Seguindo

sesc_ma Vídeo mediação da Exposição Descolonize-se

O vídeo integra a programação de Artes Visuais da Galeria de Arte/Programa Cultura do Sesc Maranhão, que apresenta ao público possibilidades e experiências diversas de apreciação, diálogos e informações sobre o processo de criação e mediação educativa de exposições.

A exposição Descolonize-se constitui uma proposta de fomento do pensamento decolonial inspirada na obra *Pele negra máscaras brancas* de Frantz Fanon e tendo como base teórica o pensamento de Grada Kilomba.

O trabalho busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico.

O vídeo mediação apresenta uma abordagem reflexiva e crítica sobre o trabalho da artista com participação de convidados.

👍 🗨️ 📌

👤 Curtido por **mayconsanttos_** e outras pessoas

1 DE NOVEMBRO DE 2021

😊 Adicione um comentário... [Publicar](#)

APÊNDICE 37 – Vídeo Conceito



DESCOLONIZE-SE

0:35 / 27:13

sesc_ma • Seguindo

sesc_ma Vídeo Conceito Exposição Descolonize-se

O vídeo integra a programação de Artes Visuais da Galeria de Arte/Programa Cultura do Sesc Maranhão, que apresenta ao público possibilidades e experiências diversas de apreciação, diálogos e informações sobre o processo de criação e mediação educativa de exposições.

A Exposição Descolonize-se constitui uma proposta de fomento do pensamento decolonial inspirada na obra *Pele negra máscaras brancas* de Frantz Fanon e tendo como base teórica o pensamento de Grada Kilomba. A exposição busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico. O vídeo conceito apresenta o processo de concepção e montagem da exposição com participação da artista, curador e equipe de produção.

FICHA TÉCNICA
ARTISTA VICI IAI

Curtido por mayconsanttos_ e outras pessoas

11 DE OUTUBRO DE 2021

Adicione um comentário

Publicar

APÊNDICE 38 – Publicação da Ação Educacional

Exposição
DESCOLONIZE-SE
por Sunshine Santos

MESA REDONDA

Multiculturalismo e políticas culturais:
um olhar sobre os museus, galerias e centros
de cultura do Maranhão

23 NOV.2021

Horário: 15h às 17h
Local: Google Meet
Link de inscrição na bio do Instagram

Gabriela Campos
Diretora do Museu de Artes Visuais

Erick Reis
UFMA

Mediação: Paula Barros
Técnica de Cultura - Sesc Maranhão

@sesc_ma Sesc Maranhão Sesc MA

sesc

sesc_ma • Seguindo
Sesc MA

sesc_ma A decolonização é pensada também através de novas políticas culturais e de representação buscando o exercício de descondicionamento do olhar.

Nesse sentido, integrando a programação da exposição "Descolonize-se", nesta terça, dia 23, acontecem as mesas redondas "Multiculturalismo e Políticas Culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão que buscará discutir espaços culturais, ações e abordagens em uma perspectiva decolonial e "Turismo insurgente: a importância de uma Pedagogia transgressora para decolonização – corpos, imagens e patrimônio" tem como objetivo refletir acerca de estratégias de desmantelamento da colonialidade dentro da atividade turística.

As mesas redondas acontecerão através de plataforma virtual e o link para inscrição está disponível na bio.

8 sem

♥ Q 🚩

👤 Curtido por dangelpaula e outras pessoas

19 DE NOVEMBRO DE 2021

😊 Adicione um comentário... Publicar

APÊNDICE 39 – Reportagem Ação Educacional



Criado e mantido pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo

[INICIAL](#) | [SESC](#) | [CARTÃO SESC](#) | [SERVIÇOS](#) | [LICITAÇÕES](#) | [MÍDIA](#) | [TRANSPARÊNCIA](#) | [FALE COM O SESC](#)

“Descolonize-se”: Sesc promove debate sobre a urgência da decolonização através de exposição e mesas redondas

19/11/2021 às 14:58 por Rayssa Mendes



APÊNDICE 40 – Reportagem Ação Educacional 01



No mês em que é celebrado o “Dia da Consciência Negra”, está em cartaz na Galeria de Artes do Sesc até o dia 03 de dezembro a exposição “Descolonize-se” da artista Sunshine Santos. Trazendo como proposta o fomento do pensamento decolonial inspirado na obra “Pele negra, máscaras brancas” do psiquiatra e filósofo político martinicano Frantz Fanon e tendo como base teórica o pensamento da escritora portuguesa Grada Kimlobo, a exposição convida a reflexão sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico.

Assim, **Sunshine Santos** através de uma potente produção artística, analisa o descortinamento de mecanismos pelos quais a sociedade colonialista instaurou através de séculos, para além da disparidade econômica e social, a interiorização de uma inferioridade associada à cor da pele, classificada por Fanon como “epidermização da inferioridade”.

“Descolonize-se” apresenta de forma didática e sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra e um (R)existir fora da projeção de subordinação idealizada pela branquitude às margens da legitimação que rompe com as máscaras para produzir uma arte insurgente em busca da descolonização.

APÊNDICE 41 – Reportagem Ação Educacional 02

Mesas Redondas

A decolonização proposta é pensada também através de novas políticas culturais e de representação. Nesse sentido, integrando a programação da exposição, serão promovidas ações educativo-culturais e artísticas que buscam o exercício de descondicionamento do olhar.

Nesta terça, dia 23, acontecem as mesas redondas **“Multiculturalismo e Políticas Culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão”** com Gabriela Campos (MAV), Erick Reis (UFMA) e mediação de Paula Barros (Sesc) que buscará discutir espaços culturais, ações e abordagens em uma perspectiva decolonial e **“Turismo insurgente: a importância de uma Pedagogia transgressora para decolonização – corpos, imagens e patrimônio”** com participação de Jonilson Correia (UFMA), Majarrara Guterres (Turismóloga) e mediação de Graça Reis que tem como objetivo refletir acerca de estratégias de desmantelamento da colonialidade dentro da atividade turística.

As mesas redondas acontecerão respectivamente às 15 e 18 horas do dia 23 através de plataforma virtual. Os interessados podem se inscrever pelo link <https://forms.gle/azFzH8L6oNhNruH5A>

Sobre Sunshine Santos

Mulher preta, mãe, nordestina e fotógrafa com várias produções no cenário cultural maranhense, com destaque para “Os traços da nossa história” (2014/2015), “Meu nome não é mãe” (2018) e “Nêga sim, sua não” (2018). É graduanda em Turismo da UFMA e tem formação em Fotografia pelo IFMA, Direção em Fotografia pela Escola de Cinema do Maranhão – IEMA, cursou o “Entreolhar-se: curso de fotografia idealizado para mulheres negras”, ministrado por Dani Souza e participou de “Mulheres em Residência”, uma residência on-line destinada a fotógrafas emergentes de todo o Brasil.

APÊNDICE 42 – Reportagem Ação Educacional 03

SERVIÇO:

EXPOSIÇÃO "DESCOLONIZE-SE"

Período: 01/10 a 03/12/2021;

Horário: 9h às 12h e 13h30 às 17h;

Local: Galeria de Arte do Sesc – Av. Gomes de Castro, 132, Centro;

Visitas mediante agendamento prévio e gratuito: (98) 3216 3826 / 3830.

MESAS REDONDAS

MR 1 – Multiculturalismo e Políticas Culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão

Local: Plataforma Virtual;

Data: 23/11

Horário: 15 às 17hs;

Participantes: Gabriela Campos e Erick Reis | Mediação: Paula Barros

Inscrições: <https://forms.gle/azFzH8L6oNhNruH5A>

MR2 – Turismo Insurgente: a importância de uma pedagogia transgressora para decolonização – corpos, imagens e patrimônio

Local: Plataforma Virtual;

Data: 23/11;

Horário: 18h às 19h30;

Participantes: Jonilson Correia e Majarrara Guterres | Mediação: Graça Reis;

Inscrições: <https://forms.gle/azFzH8L6oNhNruH5A>



Serviço Social do Comércio
 Administração Regional no Estado do Maranhão
 Ed. Francisco Guimarães e Souza
 Av. dos Holandeses, Qd 04, SN
 Jardim Renascença II, São Luís - MA
 Fone: (98) 3215-1500 - CEP: 65075-650
 Newsletter

O Sesc
 Cultura
 Lazer
 Notícias
 Habilitar-se
 Webmail
 Política de Privacidade
 de Dados

Assistência
 Educação
 Saúde
 Licitações
 Fale com o Sesc
 Teatro Sesc Napoleão
 Evertton
 Termo de
 Consentimento para
 Tratamento de Dados
 Pessoais

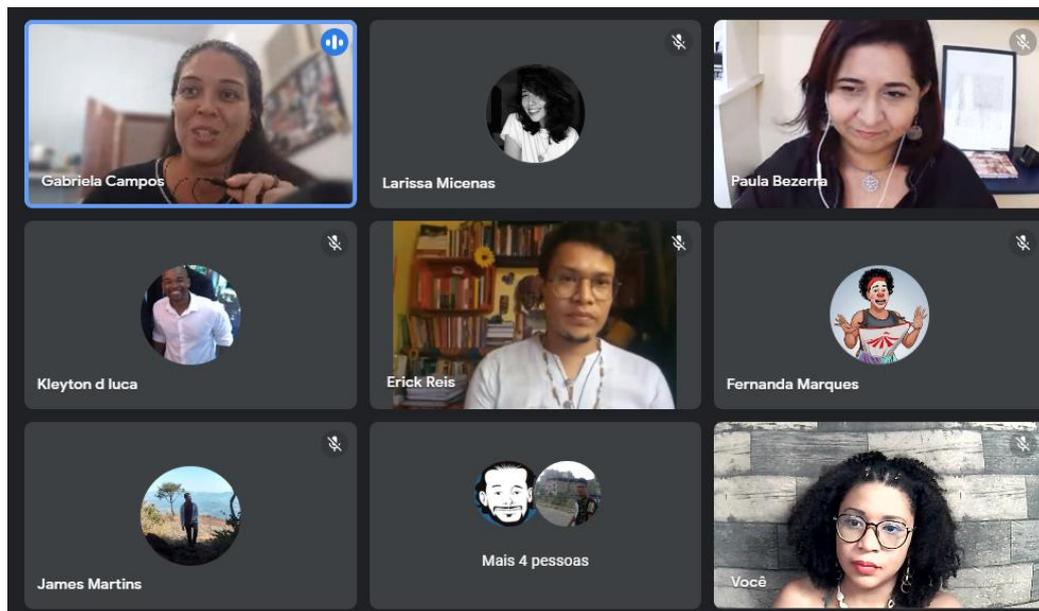
SELETIVOS

O Sesc Maranhão divulga online seus processos seletivos. Consulte se há seleção disponível de seu interesse.

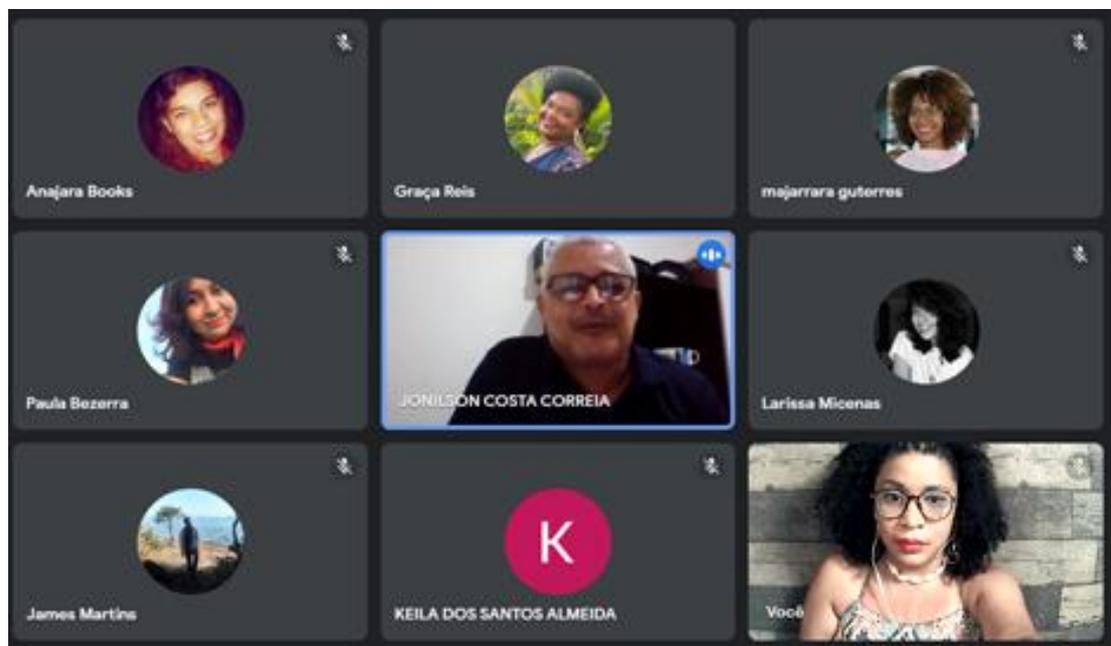
EDITAIS DE CREDENCIAMENTO

Publicação de editais para credenciamento de prestadores de serviços nas áreas de Educação, Cultura, Saúde, Lazer e Assistência.

APÊNDICE 43– Mesa 01



APÊNDICE 44 – Mesa 02



APÊNDICE 45 – Apresentação

The image shows a presentation slide on the left and a Zoom meeting interface on the right.

Slide Content:

Falando de uma pedagogia transgressora - trecho da obra "Pedagogia do oprimido"

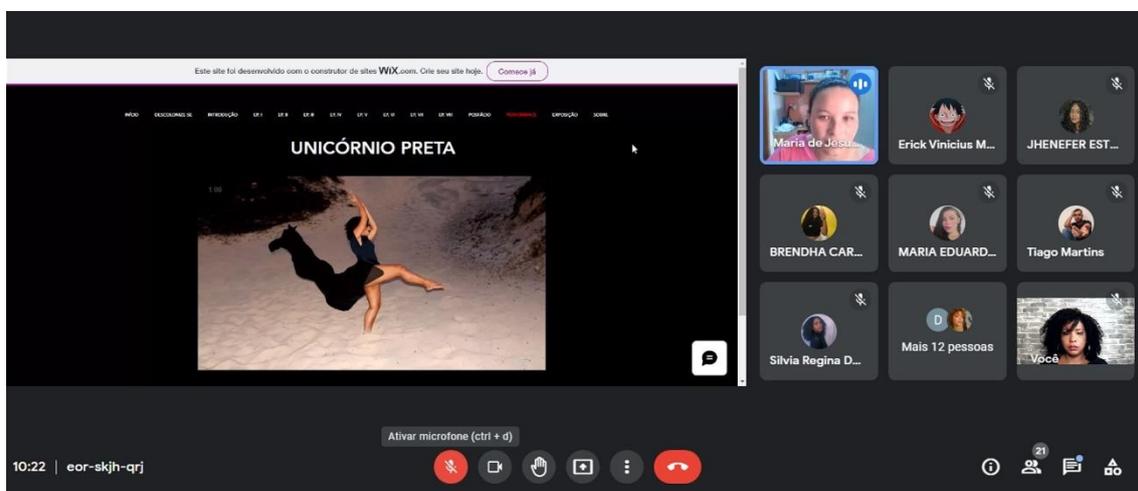
Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Da aí a concepção "bancária" de educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção "bancária" da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da graça, os homens não podem ser. (Educar e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieto, impaciente, permanente, que os homens fazem do mundo e com os outros. Busca esperancosa também. (FREIRE, 1987, p. 34).

Zoom Meeting Interface:

The Zoom interface shows a grid of participants:

- JONILSON COS...** (Muted)
- Graça Reis
- majarrara guter...
- Paula Bezerra
- Anajara Books
- Leticia Garcia
- James Martins
- Mais 2 pessoas
- Voces...

APÊNDICE 46 – Encontros com alunos do IFMA de Pinheiro



APÊNDICE 47 – Questionário

DESCOLONIZE-SE

Prezado/a Prezade, Sr./Sra./Senhore, considerando sua visita à exposição “DESCOLONIZE-SE”, responda às questões a seguir, de acordo com suas concepções.

A finalidade deste questionário encontra-se na realização do estudo de Sunshine Santos, artista e fotógrafa, estudante do curso de Turismo da Universidade Estadual do Maranhão – UFMA. Em vias da realização do seu Trabalho de Conclusão de Curso, esperamos contar com sua contribuição para o enriquecimento deste estudo.

Obrigado/a/e!

*Obrigatório

1. 01. Qual sua etnia? *

Marcar apenas uma oval.

- Preta
- Branca
- Amarela
- Indígena
- Outro: _____

2. 02. Qual o seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
- Feminino
- Outra
- Prefiro não responder

3. 03. Qual sua faixa etária? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 17 anos
- 18 à 26 anos
- 26 à 35 anos
- 38 à 45 anos
- 46 à 60 anos
- Mais de 60 anos

4. 04. Qual o seu grau de escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

- Não frequentou a escola
- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior

5. 05. Qual sua naturalidade? *

Marcar apenas uma oval.

- São Luís e região metropolitana
- Outro município do Maranhão
- Outros estados do Brasil
- Outro país

6. 06. Qual a sua ocupação? *

Marcar apenas uma oval.

- Profissional liberal ou empresário
- Servidor público
- Empregado do setor privado
- Autônomo
- Estudante
- Outro: _____

7. 07. Considerando sua experiência de vida, você já participou ou visitou uma exposição semelhante a essa ou com discurso similar?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

8. 08. Qual nível de importância de ações artística e culturais para fomento do pensamento antirracista? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Sem importância	<input type="radio"/>	Muito importante				

9. 09. A exposição ajudou você a obter novos conhecimentos?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

10. 10. Qual grau de relevância da exposição DESCOLONIZE-SE para construção de narrativas contra hegemônica? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	
Sem relevância	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito relevante

11. 11. Sobre a exposição DESCOLONIZE-SE, você sentiu quais sentimentos ao visitar a mostra? *

Marque todas que se aplicam.

- Compreensão
- Aconchego
- Inquietação
- Angústia
- Identificação
- Incomodo

Outro: _____

12. 12. A partir da percepção adquirida após a visitação, você diria que o impacto das imagens na construção da identidade nacional da população negra configurou-se em danos: *

Marque todas que se aplicam.

- Psicológicos
- Emocionais
- Físicos
- Educacionais
- Espirituais
- Econômicos
- Todas as opções anteriores

13. 13. Você acredita que a exposição DESCOLONIZE-SE, contribuiu para modificações de padrões socioculturais? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez

14. 14. Caso se sinta a vontade, deixe um comentário :

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXOS

ANEXO 01- Cartaz da exposição



POR SUNSHINE SANTOS
CURADORIA JAMES MARTINS

DESCOLONIZE-SE

01 DE OUTUBRO A 03 DE DEZEMBRO DE 2021

Segunda a Sexta
Agendamento prévio e gratuito
(98) 3216-3826/3830

 **Galeria de Arte do Sesc MA**
Av. Gomes de Castro, N. 132, Centro

 @sesc_ma  Sesc Maranhão  Sesc MA



Fonte: Sesc Maranhão.

ANEXO 02- Cartaz da Mesa de Multiculturalismo e Políticas Culturais

Exposição
DESCOLONIZE-SE
por Sunshine Santos

MESA REDONDA

Multiculturalismo e políticas culturais:
um olhar sobre os museus, galerias e centros
de cultura do Maranhão

23 NOV.2021

Horário: 15h às 17h
Local: Google Meet
Link de inscrição na bio do Instagram

Gabriela Campos
Diretora do Museu de Artes Visuais

Erick Reis
UFMA

Mediação: Paula Barros
Técnica de Cultura - Sesc Maranhão

 @sesc_ma  Sesc Maranhão  Sesc MA



Fonte: Sesc Maranhão.

ANEXO 03- Cartaz da Mesa Turismo Insurgente

Exposição
DESCOLONIZE-SE
por Sunshine Santos

MESA REDONDA

Turismo insurgente:
a importância de uma pedagogia transgressora
para decolonização – corpos, imagens e
patrimônio

23 NOV.2021

Horário: 18h às 19:30h
Local: Google Meet
Link de inscrição na bio do Instagram

Jonilson Correia
*Chefe do departamento de
turismo e hotelaria | UFMA*

Majarrara Guterres
Turismóloga

Mediação: Graça Reis
Professora do curso de Turismo | UFMA

 @sesc_ma  Sesc Maranhão  Sesc MA



Fonte: Sesc Maranhão

ANEXO 04- Cartaz da Roda de Conversa

Arte Sesc

Roda de Conversa

**INTERARTES E DECOLONIDADE:
a importância da construção de novas
paisagens culturais**

com Silvana Mendes e Sunshine Santos

Dia: 11 de novembro/2021
Horário: 15h às 17h

LINK NA BIO **@SESC_MA**
<https://forms.gle/FS1HKrZSD47tfM2J7>

Local: Sala Sesc de Exposições
Condomínio Fecomércio Sesc Senac
Avenida dos Holandeses, S/N, Qd 04, Jardim Renascença II, São Luís-MA

@sesc_ma Sesc Maranhão Sesc MA |

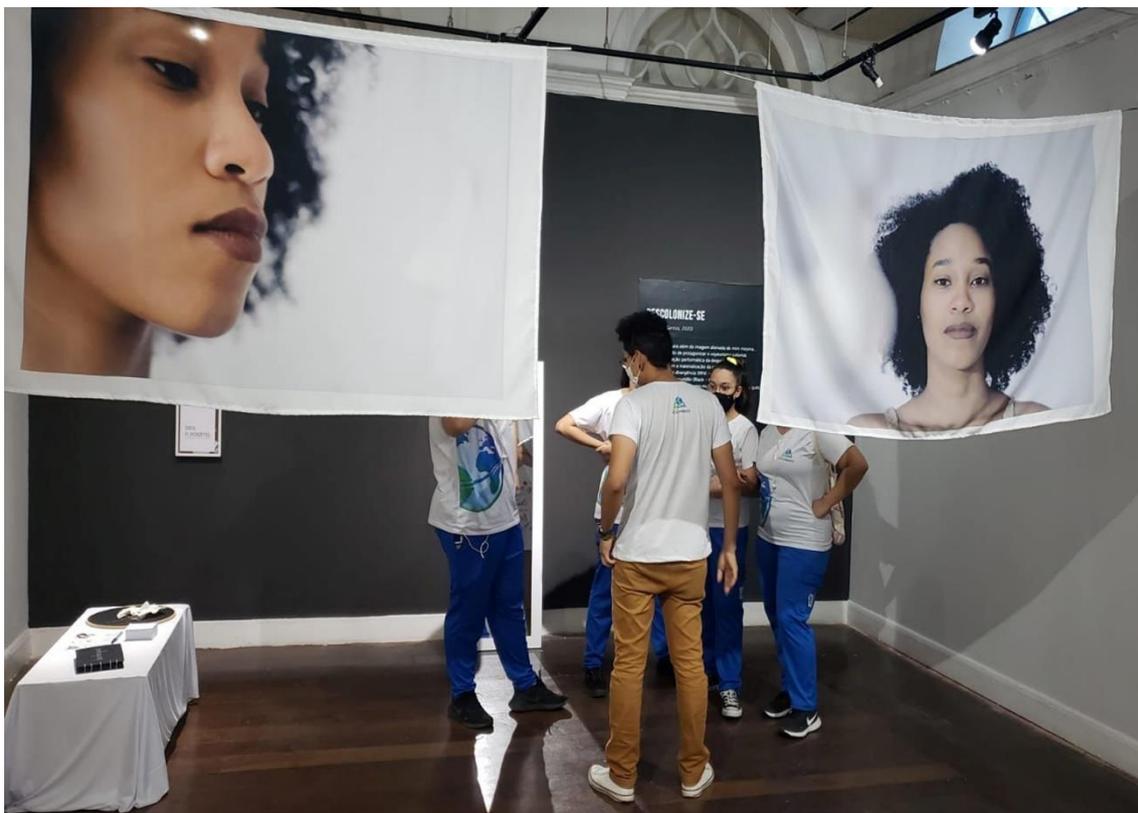
Fonte: Sesc Maranhão

ANEXO 05- Alunos da escola novo mundo realizando a visitação



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 06 – Visitação da escola Novo Mundo



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 07 - Diálogo com turma de audiovisual do IEMA



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 08 - Turismóloga e professora do IEMA apresentando sua perspectiva.



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 09 - Alunos de audiovisual do IEMA.



Fonte: Paula Barros

ANEXO 10 - Visitação da turma de artes Visuais IFMA.



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 11 - Diálogo da turma de artes Visuais IFMA.



Fonte: Sesc Maranhão.

ANEXO 12 - Turma de Letras da UFMA.



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 13 - Diálogo com a Turma de Letras da UFMA



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 14 - Visitação com alunos de Letras da UFMA.



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 15 - Alunos de Letras da UFMA.



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 16 - Alunas de Turismo da UFMA.



Fonte: Paula Barros

ANEXO 17 - Visitação população geral



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 18 - Visitação População Geral 01



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 19 - Visitação População Geral 02



Fonte: Paula Barros.

ANEXO 20 - Grupo de estudos sobre Feminismos Negro Marielle Franco



Fonte: James Martins.

ANEXO 21 - Alunos da escola Novo Mundo.



Fonte: Escola Novo Mundo.

ANEXO 22 - Debate com a escola Novo Mundo.



Fonte: Escola Novo Mundo.

ANEXO 23 - Gravação do Vídeo Conceito



Fonte: James Martins.

ANEXO 24 - Gravação da Mediação



Fonte: Sesc Maranhão.

ANEXO 25 - Montagem



Fonte: Sesc Maranhão.

ANEXO 26 - Montagem 01



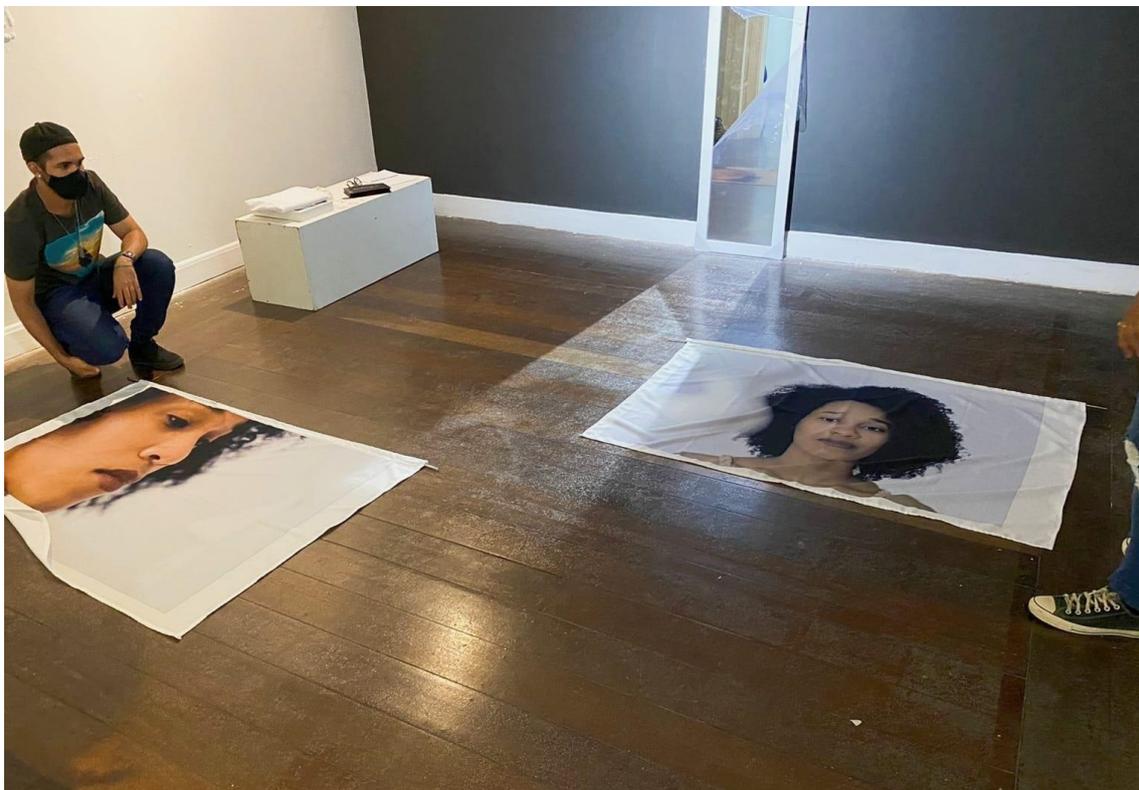
Fonte: Sesc Maranhão.

ANEXO 27 - Montagem 02



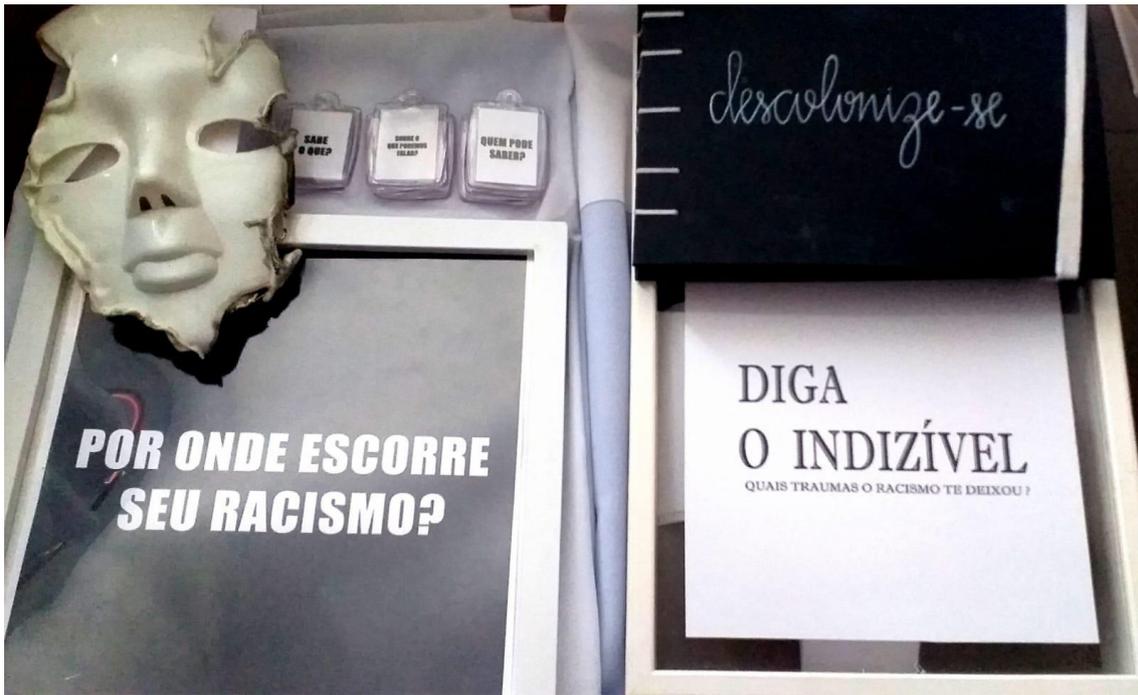
Fonte: Sesc Maranhão.

ANEXO 28 - Montagem 03



Fonte: Sesc Maranhão.

ANEXO 29 - Desmontagem



Fonte: Sesc Maranhão.

ANEXO 30 - Desmontagem 01



Fonte: Sesc Maranhão.

ANEXO 31- Resultado do Edital do Sesc



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA – ATIVIDADE ARTES VISUAIS

EDITAL DE CREDENCIAMENTO Nº 03/2020

PROPOSTAS DE EXPOSIÇÕES ARTÍSTICAS 2021

PROPOSTAS CREDENCIADAS

Nº	NOME/PROPONENTE	NOME DA EXPOSIÇÃO
01	Airton Rener Pestana deo Nascimento / Airton Rener	“Cola, papel e tesoura – primeiros ensaios”
02	João Victor da Silva Pereira / Grupo Cena Aberta	“Luiz Pazzini: vida e obra de um Teatro de Memórias”
03	Sunshine Cristina de Castro Reis Santos / Sunshine Santos	“Descolonize-se”

PROPOSTAS CREDENCIADAS EM CARÁTER DE RESERVA

Nº	NOME/PROPONENTE	NOME DA EXPOSIÇÃO
01	Pablo Monteiro Reis / Pablo Reis	“Paisagens culturais de Alcântara”
02	João Dayvid Almeida dos Santos / João Almeida	“Tramapeamento”

Fonte: Sesc Maranhão

ANEXO 32 - Carta Convite Erick Reis



**SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA - GALERIA DE ARTE**

CARTA CONVITE

Erick Reis – UFMA

O Programa Cultura do Sesc Maranhão por meio da atividade Artes Visuais articula e dissemina esta linguagem através de uma programação contínua, composta por exposições, palestras, oficinas, workshops, bem como outros eventos culturais; além de mediação educativa adequada a temática e ao contexto da exposição, visando à difusão da cultura e o acesso à arte.

Nessa perspectiva, compondo a pauta de exposições de sua Galeria de Arte, selecionada via Edital de Credenciamento, realiza a Exposição Descolonize-se com a artista visual Sunshine Santos no período de 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021.

A exposição busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico; apresentando de forma didática e sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra, em um exercício de descondicionamento do olhar. Visto que os símbolos não são formulados de forma aleatória, e os mesmos não são constituídos em base neutra, existe interesse vigente na sua constituição, na sua projeção, e principalmente na sua validação e na manutenção discursiva.

Na oportunidade, como parte da programação de ações formativas relacionadas à Exposição Descolonize-se, convidamos V.S^a para compor o diálogo da Mesa Redonda

“Multiculturalismo e políticas culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão” a ser realizada no dia 23 de novembro/2021 via plataforma Google Meet das 15h às 17h, com mediação da Arte Educadora e Técnica de Cultura do Sesc MA, Paula Barros e participação da convidada Gabriela Campos – MAV.

Colocamo-nos à disposição para maiores informações e agradecemos sua contribuição com os diálogos propositivos relacionados à Exposição Descolonize-se.

Atenciosamente,

Paula Barros – Técnica de Cultura Sesc MA

Sunshine Santos – Artista Visual

ANEXO 33 - Convite Gabriela Campos



**SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA - GALERIA DE ARTE**

CARTA CONVITE

À Gabriela Campos – Museu de Artes Visuais

O Programa Cultura do Sesc Maranhão por meio da atividade Artes Visuais articula e dissemina esta linguagem através de uma programação contínua, composta por exposições, palestras, oficinas, workshops, bem como outros eventos culturais; além de mediação educativa adequada a temática e ao contexto da exposição, visando à difusão da cultura e o acesso à arte.

Nessa perspectiva, compondo a pauta de exposições de sua Galeria de Arte, selecionada via Edital de Credenciamento, realiza a Exposição Descolonize-se com a artista visual Sunshine Santos no período de 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021.

A exposição busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico; apresentando de forma didática e sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra, em um exercício de descondicionalização do olhar. Visto que os símbolos não são formulados de forma aleatória, e os mesmos não são constituídos em base neutra, existe interesse vigente na sua constituição, na sua projeção, e principalmente na sua validação e na manutenção discursiva.

Na oportunidade, como parte da programação de ações formativas relacionadas à Exposição Descolonize-se, convidamos V.S^a para compor o diálogo da Mesa Redonda “Multiculturalismo e políticas culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão” a ser realizada no dia 23 de novembro/2021 via plataforma Google Meet das 15h às 17h, com mediação da Arte Educadora e Técnica de Cultura do Sesc MA, Paula Barros e participação do convidado Erick Reis – UFMA.

Colocamo-nos à disposição para maiores informações e agradecemos sua contribuição com os diálogos propositivos relacionados à Exposição Descolonize-se.

Atenciosamente,

Paula Barros – Técnica de Cultura Sesc MA

Sunshine Santos – Artista Visual

ANEXO 34 - Convite Graça Reis



**SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA - GALERIA DE ARTE**

CARTA CONVITE

Graça Reis – UFMA

O Programa Cultura do Sesc Maranhão por meio da atividade Artes Visuais articula e dissemina esta linguagem através de uma programação contínua, composta por exposições, palestras, oficinas, workshops, bem como outros eventos culturais; além de mediação educativa adequada a temática e ao contexto da exposição, visando à difusão da cultura e o acesso à arte.

Nessa perspectiva, compondo a pauta de exposições de sua Galeria de Arte, selecionada via Edital de Credenciamento, realiza a Exposição Descolonize-se com a artista visual Sunshine Santos no período de 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021.

A exposição busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico; apresentando de forma didática e sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra, em um exercício de descondicionamento do olhar. Visto que os símbolos não são formulados de forma aleatória, e os mesmos não são constituídos em base neutra, existe interesse vigente na sua constituição, na sua projeção, e principalmente na sua validação e na manutenção discursiva.

Na oportunidade, como parte da programação de ações formativas relacionadas à Exposição Descolonize-se, convidamos V.S^a para compor a mediação do diálogo da Mesa Redonda “Turismo insurgente: a importância de uma pedagogia transgressora para decolonização – corpos, imagens e patrimônio” a ser realizada no dia 23 de novembro/2021 via plataforma Google Meet das 18h às 19h30, com participação de Jonilson Correia (Chefe do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFMA) e Majarrara Guterres (Turismóloga).

Colocamo-nos à disposição para maiores informações e agradecemos sua contribuição com os diálogos propositivos relacionados à Exposição Descolonize-se.

Atenciosamente,

Paula Barros – Técnica de Cultura Sesc MA***Sunshine Santos – Artista Visual***

ANEXO 35 - Convite Majarrara Guterres



**SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA - GALERIA DE ARTE**

CARTA CONVITE

Majarrara Guterres

O Programa Cultura do Sesc Maranhão por meio da atividade Artes Visuais articula e dissemina esta linguagem através de uma programação contínua, composta por exposições, palestras, oficinas, workshops, bem como outros eventos culturais; além de mediação educativa adequada a temática e ao contexto da exposição, visando à difusão da cultura e o acesso à arte.

Nessa perspectiva, compondo a pauta de exposições de sua Galeria de Arte, selecionada via Edital de Credenciamento, realiza a Exposição Descolonize-se com a artista visual Sunshine Santos no período de 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021.

A exposição busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico; apresentando de forma didática e sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra, em um exercício de descondicionamento do olhar. Visto que os símbolos não são formulados de forma aleatória, e os mesmos não são constituídos em base neutra, existe interesse vigente na sua constituição, na sua projeção, e principalmente na sua validação e na manutenção discursiva.

Na oportunidade, como parte da programação de ações formativas relacionadas à Exposição Descolonize-se, convidamos V.S^a para compor o diálogo da Mesa Redonda “Turismo insurgente: a importância de uma pedagogia transgressora para decolonização – corpos, imagens e patrimônio” a ser realizada no dia 23 de novembro/2021 via plataforma Google Meet das 18h às 19h30, com mediação da Professora, Graça Reis e participação do Chefe do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFMA, Jonilson Correia.

Colocamo-nos à disposição para maiores informações e agradecemos sua contribuição com os diálogos propositivos relacionados à Exposição Descolonize-se.

Atenciosamente,

Paula Barros – Técnica de Cultura Sesc MA
Sunshine Santos – Artista Visual

ANEXO 36 - Convite Paula Barros



**SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA - GALERIA DE ARTE**

CARTA CONVITE

Paula Barros – Galeria de Arte/Sesc MA,

O Programa Cultura do Sesc Maranhão por meio da atividade Artes Visuais articula e dissemina esta linguagem através de uma programação contínua, composta por exposições, palestras, oficinas, workshops, bem como outros eventos culturais; além de mediação educativa adequada a temática e ao contexto da exposição, visando à difusão da cultura e o acesso à arte.

Nessa perspectiva, compondo a pauta de exposições de sua Galeria de Arte, selecionada via Edital de Credenciamento, realiza a Exposição Descolonize-se com a artista visual Sunshine Santos no período de 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021.

A exposição busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico; apresentando de forma didática e sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra, em um exercício de descondicionamento do olhar. Visto que os símbolos não são formulados de forma aleatória, e os mesmos não são constituídos em base neutra, existe interesse vigente na sua constituição, na sua projeção, e principalmente na sua validação e na manutenção discursiva.

Na oportunidade, como parte da programação de ações formativas relacionadas à Exposição Descolonize-se, convidamos V.S^a para compor a mediação do diálogo da Mesa Redonda “Multiculturalismo e políticas culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão” a ser realizada no dia 23 de novembro/2021 via plataforma Google Meet das 15h às 17h, com participação de Gabriela Campos – MAV e Erick Reis – UFMA.

Colocamo-nos à disposição para maiores informações e agradecemos sua contribuição com os diálogos propositivos relacionados à Exposição Descolonize-se.

Atenciosamente,

Paula Barros – Técnica de Cultura Sesc MA

Sunshine Santos – Artista Visual

ANEXO 37 - Convite Secretária de Estado da Cultura do Maranhão



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA - GALERIA DE ARTE

CARTA CONVITE

À Secretária de Estado da Cultura do Maranhão

O Programa Cultura do Sesc Maranhão por meio da atividade Artes Visuais articula e dissemina esta linguagem através de uma programação contínua, composta por exposições, palestras, oficinas, workshops, bem como outros eventos culturais; além de mediação educativa adequada a temática e ao contexto da exposição, visando à difusão da cultura e o acesso à arte.

Nessa perspectiva, compondo a pauta de exposições de sua Galeria de Arte, selecionada via Edital de Credenciamento, realiza a Exposição Descolonize-se com a artista visual Sunshine Santos no período de 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021.

A exposição busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico; apresentando de forma didática e sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra, em um exercício de descondicionalidade do olhar. Visto que os símbolos não são formulados de forma aleatória, e os mesmos não são constituídos em base neutra, existe interesse vigente na sua constituição, na sua projeção, e principalmente na sua validação e na manutenção discursiva.

Na oportunidade, como parte da programação de ações formativas relacionadas à Exposição Descolonize-se, convidamos V.S^a para a Mesa Redonda “Multiculturalismo e políticas culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão” a ser realizada no dia 23 de novembro/2021 via plataforma Google Meet das 15h as 17h, com mediação da Arte Educadora e Técnica de Cultura do Sesc MA, Paula Barros e participação do convidado Erick Reis – UFMA e Gabriela Campos – MAV.

Colocamo-nos à disposição para maiores informações e agradecemos sua contribuição com os diálogos propositivos relacionados à Exposição Descolonize-se.

Atenciosamente,

Paula Barros – Técnica de Cultura Sesc MA

Sunshine Santos – Artista Visual

ANEXO 38 - Convite Secretária Municipal de Cultura de São Luís



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA - GALERIA DE ARTE

CARTA CONVITE

À Secretária Municipal de Cultura de São Luís.

O Programa Cultura do Sesc Maranhão por meio da atividade Artes Visuais articula e dissemina esta linguagem através de uma programação contínua, composta por exposições, palestras, oficinas, workshops, bem como outros eventos culturais; além de mediação educativa adequada a temática e ao contexto da exposição, visando à difusão da cultura e o acesso à arte.

Nessa perspectiva, compondo a pauta de exposições de sua Galeria de Arte, selecionada via Edital de Credenciamento, realiza a Exposição Descolonize-se com a artista visual Sunshine Santos no período de 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021.

A exposição busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico; apresentando de forma didática e sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra, em um exercício de descondicionamento do olhar. Visto que os símbolos não são formulados de forma aleatória, e os mesmos não são constituídos em base neutra, existe interesse vigente na sua constituição, na sua projeção, e principalmente na sua validação e na manutenção discursiva.

Na oportunidade, como parte da programação de ações formativas relacionadas à Exposição Descolonize-se, convidamos V.S^a para a Mesa Redonda “Multiculturalismo e políticas culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão” a ser realizada no dia 23 de novembro/2021 via plataforma Google Meet das 15h as 17h, com mediação da Arte Educadora e Técnica de Cultura do Sesc MA, Paula Barros e participação do convidado Erick Reis – UFMA e e Gabriela Campos – MAV.

Colocamo-nos à disposição para maiores informações e agradecemos sua contribuição com os diálogos propositivos relacionados à Exposição Descolonize-se.

Atenciosamente,

Paula Barros – Técnica de Cultura Sesc MA

Sunshine Santos – Artista Visual

ANEXO 39 - Convite Secretária de Estado de Turismo do Maranhão



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA - GALERIA DE ARTE

CARTA CONVITE

À Secretária de Estado de Turismo do Maranhão

O Programa Cultura do Sesc Maranhão por meio da atividade Artes Visuais articula e dissemina esta linguagem através de uma programação contínua, composta por exposições, palestras, oficinas, workshops, bem como outros eventos culturais; além de mediação educativa adequada a temática e ao contexto da exposição, visando à difusão da cultura e o acesso à arte.

Nessa perspectiva, compondo a pauta de exposições de sua Galeria de Arte, selecionada via Edital de Credenciamento, realiza a Exposição Descolonize-se com a artista visual Sunshine Santos no período de 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021.

A exposição busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico; apresentando de forma didática e sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra, em um exercício de descondicionamento do olhar. Visto que os símbolos não são formulados de forma aleatória, e os mesmos não são constituídos em base neutra, existe interesse vigente na sua constituição, na sua projeção, e principalmente na sua validação e na manutenção discursiva.

Na oportunidade, como parte da programação de ações formativas relacionadas à Exposição Descolonize-se, convidamos V.S^a a Mesa Redonda “Turismo insurgente: a importância de uma pedagogia transgressora para decolonização – corpos, imagens e patrimônio” a ser realizada no dia 23 de novembro/2021 via plataforma Google Meet das 18h às 19h30, com mediação da Professora, Graça Reis e participação do Chefe do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFMA, Jonilson Correia e a Turismóloga Majarrara Guterres.

Colocamo-nos à disposição para maiores informações e agradecemos sua contribuição com os diálogos propositivos relacionados à Exposição Descolonize-se.

Atenciosamente,

Paula Barros – Técnica de Cultura Sesc MA

Sunshine Santos – Artista Visual

ANEXO 40 - Convite Secretária Municipal de Turismo de São Luís



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA - GALERIA DE ARTE

CARTA CONVITE

À Secretária Municipal de Turismo de São Luís.

O Programa Cultura do Sesc Maranhão por meio da atividade Artes Visuais articula e dissemina esta linguagem através de uma programação contínua, composta por exposições, palestras, oficinas, workshops, bem como outros eventos culturais; além de mediação educativa adequada a temática e ao contexto da exposição, visando à difusão da cultura e o acesso à arte.

Nessa perspectiva, compondo a pauta de exposições de sua Galeria de Arte, selecionada via Edital de Credenciamento, realiza a Exposição Descolonize-se com a artista visual Sunshine Santos no período de 01 de outubro a 03 de dezembro de 2021.

A exposição busca refletir sobre o processo de embranquecimento e suas reconfigurações de apagamento da população negra, seja ele estético, acadêmico ou artístico; apresentando de forma didática e sensorial o que representa a colonização para uma mulher negra, em um exercício de descondicionamento do olhar. Visto que os símbolos não são formulados de forma aleatória, e os mesmos não são constituídos em base neutra, existe interesse vigente na sua constituição, na sua projeção, e principalmente na sua validação e na manutenção discursiva.

Na oportunidade, como parte da programação de ações formativas relacionadas à Exposição Descolonize-se, convidamos V.S^a a Mesa Redonda “Turismo insurgente: a importância de uma pedagogia transgressora para decolonização – corpos, imagens e patrimônio” a ser realizada no dia 23 de novembro/2021 via plataforma Google Meet das 18h as 19h30, com mediação da Professora, Graça Reis e participação do Chefe do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFMA, Jonilson Correia e a Turismóloga Majarrara Guterres.

Colocamo-nos à disposição para maiores informações e agradecemos sua contribuição com os diálogos propositivos relacionados à Exposição Descolonize-se.

Atenciosamente,

Paula Barros – Técnica de Cultura Sesc MA

Sunshine Santos – Artista Visual

ANEXO 41 – Dados da exposição - Sesc



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO MARANHÃO
DIREÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS
PROGRAMA CULTURA - ATIVIDADE ARTES VISUAIS

Exposição Descolonize-se

Ações Presenciais

Exposição
Outubro: 52 visitantes agendados
Novembro: 60 visitantes agendados
Dezembro: 50 visitantes agendados

Visitas mediadas
Novembro: 45 visitantes com mediação (Letras UFMA, Colégio Novo Mundo, Artes Visuais UFMA)

Ações virtuais

Video conceito
Outubro:
Instagram: 621 visualizações
YouTube: 105 visualizações

Mediação virtual - IEMA Centro
Outubro: 43 participantes

Debates
MR 1 - 14 participantes
MR 2 - 10 participantes

Video Mediação
Novembro
Instagram: 507 visualizações
YouTube: 57 visualizações
Facebook: 28 visualizações



Projeto Educativo 2010
Téc. Educação Educadora 1.0
Vol. 02/07

Sesc - Serviço Social do Comércio | Departamento Regional no Maranhão | www.sescma.com.br
Sesc Administração, Edifício Francisco Guimarães e Sousa, Av. 000 Holanda, S/N, Quadra 04,
Barro Jardim Ressurreição I - São Luís/MA. CEP: 65075-650 | TEL: +55 98 3215 1500/1529

ANEXO 42 - Certificado Paula Barros

CERTIFICADO

Certificamos que **Paula Francinete Barros Bezerra** participou como **mediadora** da Mesa Redonda "*Multiculturalismo e Políticas Culturais: um olhar sobre os museus, galerias e centros de cultura do Maranhão*", promovida por este Departamento Regional no dia 23 de novembro de 2021, como parte da programação da Exposição Descolonize-se realizada na Galeria de Arte do Sesc MA, totalizando uma carga horária de 2h.

São Luís, 29 de novembro de 2021


MPEsc MA
Maria Regina Silva Soeiro
Diretora de Programas Sociais


Valdinete S. Miranda Reis
Gerente do Sesc Deodoro

ANEXO 43 – Certificado Erick Reis



ANEXO 44 – Certificado Gabriela Campos



ANEXO 45 – Certificado Graça Reis

CERTIFICADO

Certificamos que **Maria da Graças Reis Cardoso** participou como **mediadora** da Mesa Redonda *“Turismo insurgente: a importância de uma pedagogia transgressora para decolonização – corpos, imagens e patrimônio”*, promovida por este Departamento Regional no dia 23 de novembro de 2021, como parte da programação da Exposição Descolonize-se realizada na Galeria de Arte do Sesc MA, totalizando uma carga horária de 2h.

São Luís, 29 de novembro de 2021

 
Maria Regina Silva Soares
Diretora de Programas Sociais


Valdirene S. Miranda Reis
Gerente do Sesc Deodoro

Sesc - Serviço Social do Comércio | Departamento Regional no Maranhão
Av. dos Holandeses, Qd 24, SN, Lotes 15,16,17,28,29,30, Jardim Renascença II, São Luís/MA
CEP 65075-650, TEL +55 98 3215-1500 - sescma.com.br
Sesc MA / @sescma / @sesc_ma / 9 9991 0015



ANEXO 46 – Certificado Majarrara Guterres



ANEXO 47 – Certificado Jonilson Correia



ANEXO 48 - Interlocução do vídeo de Mediação 01

Olá eu me chamo Graça Reis, sou professora do curso de Turismo e Hotelaria, sou turismóloga, mestre em educação e no momento estou cursando o doutorado em História Conexões Atlânticas, Cultura e Poderes aqui na Universidade Federal do Maranhão. Eu sou orientadora da Sunshine a fotógrafa desta exposição, eu e Sunshine nós temos muito em comum, então não é à toa que as pessoas se atraem, se atraem porque elas têm algo similar, somos mulheres negras, mulheres que se incomodam com o que está posto na sociedade, que está posto na academia. Desde que nasci eu travo uma luta enquanto sobrevivente, enquanto criança negra, adolescente negra, e mulher negra que hoje sou. O racismo está sempre colado na nossa vida, interferindo, atrapalhando nossos caminhos e a gente sempre tem que está buscando defesas e rompimento com esse racismo que está na sociedade. Na academia não tem sido diferente, já alguns anos, eu venho travando uma luta no curso de turismo, para inclusão de conteúdos sobre cultura afro brasileira no currículo do Turismo, porque compreendo que não podemos pensar patrimônio histórico e cultural de São Luís, do Maranhão, do Brasil, se nós não incluirmos a participação dos africanos, dos indígenas, sobretudo dos africanos. Eu me refiro porque é o que eu pesquiso, o que não é mais importante do que a população nativa, a população indígena, ambos são importantes, mas o me ocupo dessa pesquisa, e não foi fácil, houveram resistência, ainda que silenciosas, porque esse é um problema do racismo, o racismo opera muito no silêncio, não se diz que é contra, mas também não se diz que a favor, não diz que não pode, mas também não se diz que pode, e a gente vem rompendo com isso, mas ainda bem que existe algo chamado contradição na vida, e eu tive companheiros de luta, na academia que me apoiaram e muito em breve, já está tramitando, nós teremos esses conteúdos na obrigatoriedade no currículo, os conteúdos não vão mais morar em mim, na minha mente, eles agora vão morar no currículo, isso é importante porque todos os turismólogos terão essa formação, o que faz muita diferença, por que você inicia o processo de descolonização das mentes, contra o eurocentrismo, esse pensamento euro centrado que existe na mente das pessoas, embora a gente não viva mais uma sociedade colonizada, no ponto vista jurídico, mas vivemos os reflexos desse colonialismo, que ficou imbricado na sociedade brasileira, e principalmente como uma sociedade diaspórica, uma sociedade que cresce com base na exploração do homem pelo homem, na exploração de homens, mulheres e crianças africanas e que não respeita, que não valoriza isso, uma sociedade que não se envergonha de ter sido escravocrata, e que não

sente vergonha de ser racista. Eu penso que essa exposição da Sunshine, esse trabalho como todos os trabalhos dela, têm essa marca de descolonização de buscar uma reflexão, de tirar a máscara do racismo como fala Grada Kilomba, é preciso tirar essa máscara porque o colonialismo nos colocou essas máscaras, para que nós não falássemos, não querem ouvir a nossa fala, nossos anseios, nossos desejos, ao homem negro, a mulher negra, a criança negra é proibido sonhar, a uma proibição silenciosa, que não podemos sonhar, a sociedade eurocentrada ela decide que lugares não devemos ocupar na sociedade, mas somos nós que devemos escolher esses lugares, Sunshine tem que escolher o seu lugar, eu escolhi meu lugar, eu escolho o meu lugar, os meus filhos escolhem os lugares deles, e assim cada um vai escolher o seu lugar, ter o direito de sonhar, penso que esse trabalho vem muito nesse sentido como eu falei no início, a nossa afinidade não é à toa, é justamente de trazer para cena essas vozes que foram silenciadas, e que todos os dias nós temos tentativa de silêncio. Estamos vivendo um momento nefasto, bastante obscuro na sociedade brasileira onde o racismo deixou de ser silencioso, ele escancarou, bastou que uma liderança racista se pronunciasse, para que o racismo minasse como uma erva daninha na sociedade brasileira, nas redes sociais nós somos agredidos e agredidas, nossos corpos negros são agredidos e agredidas diariamente, por isso que trabalhos como esse é preciso, eles gritam, gritam que nós estamos vivos e vivas e que nós precisamos viver... Vidas negras importam.

ANEXO 49 - Interlocução do vídeo de Mediação 02

Eu me chamo Pablo Monteiro, sou historiador de formação, trabalho com imagem de maneira geral, tanto no suporte fotográfico quanto no suporte audiovisual, as minhas pesquisas giram em torno da presença afro religiosa no Maranhão e pra mim é um prazer imenso fazer parte desse trabalho de Sunshine Santos, Descolonize-se.

Descolonize-se foi apresentado pra mim no ano passado em 2020 a partir de uma proposta de curadoria para Mídia Ninja, e quando eu recebi aquelas imagens progressivas, em sequência, eu senti quase um transe, no sentido que Sunshine nos demonstra esse processo de apagamento histórico da população negra, e esse processo de embranquecimento, uma vez que a Thayná a modelo da Sunshine, ela vai rompendo com essa aura branca a partir da máscara, e é muito significativo que essas fotografias, a partir dessa possibilidade de exposição física, elas sejam impressas em tecidos, e a Sunshine confessa para gente que os tecidos dão um certo movimento, assim com um transe é um movimento, é um estado de um acionamento de uma ancestralidade, que fala de um tempo presente, de um corpo, e aí a gente está falando de um corpo feminino preto, e da artista específico, feminino preto e mãe também, e fico pensando nas sensações que tive a partir da possibilidade de visitação presencial da exposição, na ideia de movimento, uma vez que Sunshine nos confessa que esse movimento a partir das fotos que foram impressas e tem a ver também com tecido e o movimento que as mulheres faziam nas fábrica, no século XIX nos parques fabris, aqui no Maranhão, no centro histórico, eu falo do centro histórico por ser muito significativo que a gente territorialize e nos situe a partir dessa exposição, também na própria cidade, na concepção de construção da cidade, São Luís é uma cidade Colonial, colonizada, onde ainda existe um motim de dominação, dominação branca, que vai dirigir a es diretas como próprio extermínio da população negra, que acomete principalmente os homens, até a construção de uma cidade que não nos coloca como protagonista, que nos invisibiliza. E aí eu queria chamar atenção especificamente para primeira a obra, que inaugura a exposição presencial no Sesc Deodoro do trabalho da Sunshine, Descolonize-se, principalmente porque a partir dela a gente pode perceber, a partir das outras também, mas dela em especifico, a gente consegue perceber esse continuo, mas não uma perspectiva de dominação, mas contra dominação, de como nos coloca o pensador quilombola negro Bispo, são estratégias contra coloniais de como que a gente existe e perpetua a nossa pratica dentro de um cenário que nos inviabiliza, nos

amarra. Essa obra em específico me chama atenção por ser uma presença feminina dentro dessa expografia, dessas imagens como elas são colocadas em tecido e também por pontuar a presença da própria artista, uma mulher negra mãe, e quando ela nos coloca essa ideia esses movimentos desse tecido nos remetem as mulheres que trabalhavam nos baixos escalões dos parques fabris, principalmente no século XIX eu começo a pensar também que são essas mulheres que sustentam essa cidade, não necessariamente por estar ocupando esse ofício, mas principalmente por saber que eram mulheres negras e muitas vezes ligadas a grandes casas de culto como a casa das Minas localizada aqui, na rua São Pantaleão, então se a gente entender que ancestralidade quanto continuo a gente vai entender também que mesmo essas mulheres não estando ocupando papéis de destaque na sociedade do século XIX naquele momento, ainda sim, isso é um demarcador de presença negra, consequentemente de presença afro religiosa, dentro daquele contexto de construção de cidade que passava pela presença majoritária de uma elite branca que ocupava esse centro histórico de São Luís, então vale a pena a gente frisar tanto a casa das Minas, quanto a casa de Nagô que são casas de cultos afro religiosos que são fundadas no século XIX, antes mesmo da abolição da escravidão. Então a gente precisa entender que a memória é em disputa, ainda está em disputa, e nesse sentido a gente convencionou que a narrativa ligada ao patrimônio imaterial de São Luís está totalmente relacionada a essa herança portuguesa, e de uma outra forma, são netos e netas de africanas que sustentam toda essa estrutura, e quando me refiro a sustentação dessa estrutura, eu não estou falando necessariamente da participação efetiva com a mão de obra negra, a partir de um ideal de civilidade, de construção de cidade, de patrimônio material, estou falando da transposição de pensamento de uma sociedade africana, resistindo e existindo ao um ambiente absolutamente colonizador. Descolonize-se de Sunshine Santos é uma contribuição para a desobediência poética e uma demarcação do presente.

ANEXO 50 - Interlocução do vídeo de Mediação 03

Eu me chamo Carolina Libério, sou Doutora em comunicação e cultura, e professora da Universidade Federal do Maranhão, sou membro do NUPPI e trabalho muito nessa área de pesquisa de produção de imagem e cultura visual. A Sunshine Santos me fez o convite para estar aqui, também para falar um pouco da minha percepção dessa exposição que ela tá trazendo aqui na galeria do Sesc, Descolonize-se. Uma das coisas que sempre me impressiona no trabalho da Sunshine, é exatamente a capacidade que ela tem de trazer a reflexão subjetiva dela, as experiências de vida dela, que claro parte de um lugar muito íntimo, mas são de uma natureza social de ampla relevância, no sentido de que nunca são experiências que são apenas dela. O trabalho da Sunshine quanto artista, e nessa exposição isso aparece muito evidentemente, é um trabalho que exatamente anda nesse limite entre a intimidade a subjetividade e a discussão social, então no descolonize-se, ela traz exatamente essa questão da experiência do sofrer com uma imagem sendo sobreposta a ela, essa imagem colonial, em que normalmente o que é exaltado a imagem da pessoa branca, a impossibilidade desse padrão, e o sofrimento que surge desse padrão. Essa discussão passa exatamente também por esse lugar da fotografia, que por mais que seja uma técnica, uma tecnologia, tem um histórico de uso colonial, de violência muito grande, então é um esforço também ressignificar essa tecnologia, de pegar essa tecnologia e transformar em outra coisa, em pegar essa imagem que antes era uma imagem imposta, a qual se deveria se submeter, e contrapor, eu acho que é quebrar a máscara, então essa visão dessa máscara que engessa que está presente na exposição, ela é muito interessante enquanto metáfora, para trazer exatamente esse conflito, entre querer ter a liberdade de construir uma imagem de si, e ao mesmo tempo sofrer com incessante demanda de que essa imagem seja uma imagem que é no fundo inalcançável, inatingível. E tem uma questão que é isso é partindo exatamente do ponto de vista da experiência dela enquanto mulher negra, maranhense, e pra mim enquanto mulher, pesquisadora branca, no sentido que mesmo com a miscigenação, tenho a consciência que não sofro com o racismo, apesar de sofrer também as vezes com a imposição de um padrão de imagem, para mim é uma oportunidade me colocar no lugar de tentar entender um pouco desse processo, e entender que processo dessa violência, ele não é um processo alheio a mim, que eu acho que é uma das questões que é colocado aqui nesta parte da obra (quadro, por onde escorre seu racismo?) porque a obra da Sunshine não é uma obra apenas de uma exposição fotográfica, é uma instalação, que ela te provoca, te traz questões, faz refletir e perceber

tanto como pessoa branca, quanto pessoa negra, eu acho que há uma série de reflexões que são propostas, desde o caminho das fotografias, o processo que elas fazem, até as questões que são colocadas em outros momentos, por exemplo, por onde escorre seu racismo, ou no poema do descolonize-se, então eu acho que a exposição é exatamente uma oportunidade para uma reflexão interior, para passar um tempo, e não na necessidade de sentir atacado, e nem de responder imediatamente, de forma informacional ou fática, porque é exatamente a questão de sentir reverberar essa pergunta, esse processo, é uma percepção que vai além do meramente dizível, do meramente racional, eu acredito em termos das questões sociais e da relação que a proposta da Sunshine traz com a fotografia, há um amplo leque de reflexões possíveis, para serem feitas por quem também tiver a oportunidade de visitar ou de conhecer as imagens também online. Enquanto professora, eu percebo que dando aula nessa área exatamente, que é a área da tecnologia da imagem, da fotografia, área da produção de vídeo, parte da tarefa é também apontar o potencial político que existe dentro dessas tecnologias, e também a forma histórica como esse potencial tem sido utilizado, eu acho que quando as pessoas não refletem sobre a forma como elas utilizam a fotografia, produção de visual, elas acabam tendendo para repetição de padrões que são socialmente negativos, então eu acho que o trabalho da Sunshine ele se torna exatamente um exemplo nessa forma de tentar repensar qual é o lugar da imagem, qual é o lugar da fotografia, qual é o lugar dessa relação entre quem fotografa e o fotografado, exatamente para fazer uma desconstrução ativa, de algumas coisas que estão tão embebidas dentro da história da imagem ocidental, que se você realmente não parte para quebrar esses padrões, eles continuam ali subjacente, enquanto professora eu acho que uma das formas ativas de questionar esses padrões, é exatamente a partir da produção artística, porque a produção artística ela dá esse espaço exatamente para uma compreensão, desse lugar da imagem, não apenas de uma forma tecnicista, mas como um exercício criativo e que tem impacto no mundo real, as imagens não são só imagens, elas não vivem a parte da sociedade, elas fazem parte da sociedade, então é muito importante que a gente possa ter trabalhos artísticos que sejam capazes de trazer essa provocação, porque essa provocação ela não vai ser feita apenas da forma discursiva, não vai ser feita apenas no texto lido, apenas uma lista de fatos que aconteceram, ela precisa ser trazido exatamente a partir também do afeto, a partir dessa capacidade de reverberar, e de fazer pensar, sem necessariamente dar a solução pronta, então eu acho que como professora, trabalhos como a exposição da Sunshine são importantes por abrir esse espaço para reflexão e questionamento para novas produções, para que as pessoas também questione

qual é a relação que elas têm com a imagem de si com e com a imagem que os outros esperam delas.

ANEXO 51- Interlocução do vídeo de Mediação 04

Olá eu sou Ramusyo Brasil, sou professor do IFMA da área de fotografia, fui convidado pela Sunshine para falar sobre a exposição que ela está se apresentando essa temporada agora na galeria do Sesc São Luís. A partir do vídeo que ela me mandou, que é o vídeo da montagem da exposição, acho que é muito pouco a dizer para além do que já foi dito pela própria Sunshine, pelo James Martins, pelo excelente trabalho que foi feito. Acho que no meu comentário, o que caberia dizer, é que a Sunshine desde sempre, desde os primeiros passos, primeiros cliques na fotografia, ela sempre levou a fotografia para o lugar do pensamento, que é o lugar próprio da fotografia, ou seja, sempre se pensa numa fotografia com essa captura da natureza, ou como esse aspecto documental do real, e a Sunshine sempre pensou a fotografia em tensionamento com vários signos, como ela mesma fala, com essa questão do imaginário, essa questão da escrita, da escrita de si, que ela chama de fotovivência, e já vem de seus outros trabalhos, e eu acho que o importante nessa exposição atualmente é justamente esse aspecto de ser impenetrável, esses espaços positivos e impenetrável na própria intimidade da Sunshine, mas também no aspecto social muito mais amplo, que é pensar todas as dimensões desse racismo estrutural que nós vivemos, nas nossas relações interpessoais, nas instituições, esse racismo institucional, que depois de um certo tempo a gente pensa: Quantos professores pretos eu tive na vida, comparados a professores brancos? Quais são os lugares de fala de um pessoa dentro da sociedade, uma sociedade maranhense marcadamente viva pela presença dessa pretitude? Então o trabalho da Sunshine juntamente com James como curador dessa exposição é um trabalho extremamente provocativo, mas ao mesmo tempo que nos levam a reflexão de um gesto de empatia mas que esse gesto de empatia, também é um gesto crítico e por não ser pedagógico ele é extremamente ensinador, ou seja, ele é extremamente pedagógico, justamente por não ser, no sentido como ela mesmo fala no seu vídeo, por não ser didático, por não ser informativo, eu acho que essa que é a grande chave de tudo, ou seja, quanto mais ficcional, mais viceja o real, e mais educativo é, então eu acho que essas são as minhas palavras sobre essa exposição, parablenizo a todos e todes, creio que é essencial para que nos levemos nossos alunos universitários, alunos de escola, para que toda sociedade possa entender um pouco como que funciona esses níveis de interseccionalidade, submissão dos corpos, submissão das subjetividades ou seja uma mulher preta, mãe fotografa e nordestina, parabéns Sunshine.

ANEXO 52 - Interlocução do vídeo de Mediação 05

Olá me chamo Cláudio Moraes, sou professora da Universidade Federal do Maranhão e venho nesse momento a convite da querida colega Sunshine Santos artista visual aqui do nosso estado, e tem promovido trabalhos muito interessantes acerca de alguns temas que são de interesses comuns nossos, falar um pouco da exposição dela que está aberta do mês de outubro, e mês de novembro, a exposição que está no Sesc Deodoro, que se chama Descolonize-se.

Então eu venho falar um pouco dessa exposição da Sunshine não só como professora, me coloco aqui também como uma mulher negra, que vem pesquisando esses temas, que eu considero muito importante no dia de hoje, sempre foram importante na verdade, mas agora se apresentam mas em voga, o tema da descolonização, do racismo, da branquitude e que todos esses temas estão postos na exposição da Sunshine, ela faz uma proposição interessante, de trazer um diálogo de alguns autores teóricos com a prática artística dela, pensando seu lugar de mulher negra de artista visual, com inquietações importantes acerca do lugar dessa mulher negra na sociedade contemporânea e discutindo uma autora que eu considero fundamental para a gente pensar alguns temas contemporâneos, Grada Kilomba que muitos de vocês devem conhecer, esse livro dela acredito que seja único lançado até agora no nosso país, ele é fruto da tese de doutorado de Grada Kilomba que se chama Memórias da Plantação, episódios de racismo cotidiano, então a partir desse trabalho da Grada Kilomba, que é sua tese de doutorado defendida em meados de 2010 na Alemanha, mas também uma exposição, uma performance que ela vai fazer gendrar a partir da parte teórica do seu trabalho. A Sunshine também vai pensar um trabalho bastante concatenado com as ideias da Grada, parecido no sentido de que traz alguns elementos que são discutidos por ela, e traz para nessa exposição para um contexto mais local ou seja pensar a nossa cidade, nosso estado, e o nosso país, como esse locos em que esse racismo ainda existe de maneira preponderante, e quais as maneiras que a gente pode de certa forma, utilizar para fazer com que esse racismo seja problematizado pela nossa dita sociedade brasileira. Então tem alguns elementos que eu acho interessante discutir mesmo no trabalho da Sunshine, a exposição é muito interessante é uma exposição que está baseada basicamente em nove imagens que a Sunshine trás através de um suporte que não é um suporte tradicional de fotografia, mas o suporte em tecido, no processo criativo do trabalho dela ela fala sobre essa a escolha de suporte, assim com a equipe que também ajudou ela nesse trabalho, e a partir desse

suporte de tecido traz algumas imagens que vão trabalhar na nossa imaginação, no nosso imaginário de maneira até perturbadora, principalmente para quem não se entende ainda, ou não entende direito o que seja o racismo, racismo institucional ou cotidiano como a própria Grada Kilomba fala, o racismo cotidiano que nos assola. Então essa imagens da exposição, vem no intuito de tocar aquelas pessoas que estão assistindo, estão ali posta não só de maneira passiva mas também de certa maneira interagindo com a exposição, que traz esses temas tanto do racismo quanto da branquitude, que é caro a Grada Kilomba e acredito que seja caro a Sunshine, porque são duas artistas que vão dizer o que é branquitude, que vai chegar um momento em que a branquitude ela vai se responsabilizar pelos seus atos, não foram nos negros, a população negra que criou o racismo, pelo contrário o racismo é uma invenção branca, mas só recai em nossos corpos negros, de homens e mulheres, através de múltiplas violências, múltiplos tipos de opressões, com os quais a gente tem que lidar cotidianamente. Acho que interessa também para nós falarmos dentro da proposta da exposição da Sunshine, e ela começa falando isso no vídeo que ela propõe para pensar um pouco do seu processo criativo, das próprias influências que ela sofreu não só da Grada Kilomba, mais de outros artistas importantes, pensadores negros como é o caso do Frantz Fanon, que autor desse livro clássico *Pele Negra Máscaras Brancas* e que é uma inspiração não só para Kilomba, mas para outros artistas contemporâneos que hoje pensam o Fanon como esse fundamento, é o autor que tá escrevendo lá no início do século XX, muito mal compreendido na sua época, mas hoje em dia resgatado tanto na academia, quanto fora dela, para a gente pensar esses meandros do racismo, nessa relações institucionais, relações pessoais que constituem esse racismo que como Grada muito bem fala, cotidiano. Então o trabalho da Sunshine se mostra muito interessante, eu considero um trabalho fundamental para gente pensar de maneira até interdisciplinar, porque a Sunshine é um estudante também do curso de turismo e ela traz alguns elementos ali para a gente pensar nessas áreas afins, Ciências Sociais, Turismo a própria Psicologia e Psiquiatria, e as incidências que o racismo traz para cada uma dessas áreas, e como ele age de maneira sub-reptícia, caminhando por meio de todas essas áreas do conhecimento, ou seja, ele permeia todos os âmbitos da nossa vida não somente, a partir de uma experiência da academia, mas a partir de vivências nossas, cotidianas que não são atreladas diretamente à nossa experiência com a Universidade, mas a nossa experiência do dia a dia, então essas perguntas norteadoras que são trazidas logo no início da exposição da Sunshine, baseada na Grada Kilomba, mas serve também para a gente pensar o nosso cotidiano, são questões que são postas para a gente pensar na universidade,

academia, ou seja, quem pode falar, quem está apto a falar, quem sabe, quem é detentor de conhecimento, mas também para a gente pensar como isso acontece na nossa vida corriqueira, em que lugares homens e mulheres negras estão, onde nós estamos colocados, se nós podemos efetivamente falar ou não, e como isso se dá no nosso processo diário, nos processos cotidianos. E agora ela vem nos apresentar essa exposição que eu considero de fundamental importância não só por trazer o diálogo com outros autores importantes, fundamentais no nosso tempo, mas principalmente por que ela propõe, uma nova visada sobre esses temas, que são tão caros para nossa vivência enquanto população negra, e como isso faz com que a gente se problematize, quando eu falo a gente, eu falo claro da populações negras, mais principalmente pensando a branquitude, isso é um ponto importante de ser colocado, a branquitude, ela tem que se problematiza tem que se envolver nesse problema, que foi gerado por ela mesma, que é o problema do racismo, e com os quais a gente continua hoje lidando a partir de estratégias variadas, a própria Sunshine cita a Encruzilhada, mas pensando exatamente como que a gente pode lidar com esse problema, de certa maneira tentar resolvê-lo, mais tarde se possível dentro de uma sociedade que seja mais emancipatória, mais livre, mais digna para todos nós, é isso eu agradeço a atenção espero que vocês têm oportunidade de conhecer a exposição Descolonize-se da artista Sunshine Santos.